



**Instituto Politécnico de Santarém**

**Escola Superior de Educação**

## **A Importância das Atividades Lúdicas no Processo de Aprendizagem em Contexto Pré- escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico**

**Relatório de Estágio apresentado para a obtenção do grau de Mestre na área  
da Educação Pré-escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico**

**Inês Inácio Fialho**

**Orientadora: Professora Mestre Marta Uva**

**2020, junho**

## **Agradecimentos**

Após todo este percurso académico, não existem palavras para descrever a concretização desta vitória que não devo só a mim, mas sim a todos os que me acompanharam e apoiaram para atingir esta conquista.

Quando cheguei a Santarém, sem amigos e família, de longe imaginaria que esta cidade iria ser a minha casa ao longo de cinco anos. Nela adquiri conhecimentos, cresci, tanto a nível profissional, como pessoal, adquiri novas amizades e vivi experiências únicas que jamais esquecerei.

Um especial agradecimento à Escola Superior de Educação de Santarém, por me dar oportunidade de ingressar no curso que, para mim, era um sonho de concretizar. Agradeço à minha orientadora, professora Marta Uva, por toda a disponibilidade, apoio e orientação ao longo da realização de uma das práticas pedagógicas e do presente relatório final.

A todos os professores cooperantes e crianças que me deram oportunidade de realizar todas as minhas práticas pedagógicas, pois sem eles não seria possível.

Agradeço de uma forma muito especial à minha família, por toda a confiança que depositaram em mim ao longo de todo este percurso, pois sem o apoio deles nada seria possível.

Aos meus amigos de coração, por todo o apoio e força que me deram para enfrentar todas as dificuldades que surgiram. Às amigas que criei ao longo de todo o meu percurso académico, por me acolherem e me transmitirem estabilidade, em especial à minha açoriana Filipa Andrade e à minha querida Ana Rita Silva por toda a paciência e apoio.

Ao meu Miguel, por toda a paciência, coragem, apoio incondicional e palavras que me deu ao longo de toda a realização do relatório final.

Por último, mas igualmente importante, aos meus pais, que se sacrificaram ao longo destes cinco anos para que pudesse realizar o meu sonho. À minha querida avó, por todo o apoio e ajuda. Ao meu irmão, que me ouviu e apoiou e, claro, à minha amiga de quatro patas que, mesmo inconscientemente, me proporcionou momentos de descontração e alegria.

A todos, o meu sincero agradecimento!

## **Resumo**

O presente relatório final de estágio surge no âmbito da realização do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico (CEB), realizado na Escola Superior de Educação de Santarém.

Este divide-se em duas partes, sendo que na primeira parte é feita uma breve análise reflexiva acerca de todo o meu percurso de estágio e na segunda parte consta uma componente investigativa, sendo que projeto de investigação se centra na aquisição de aprendizagens através da implementação de atividades lúdicas.

Os dados foram recolhidos através de entrevistas semiestruturadas, realizadas a três educadoras, três professoras de 1.º CEB e oito alunos do 1.º CEB, sendo que 4 dos alunos frequentam o 2.º ano de escolaridade e os restantes 4 alunos frequentam o 4.º ano de escolaridade.

Após organizar e analisar os resultados, foi realizada uma comparação entres os mesmos e o que a literatura defende. Assim sendo, chegámos a várias conclusões pertinentes para o estudo. Importa ainda destacar a importância reconhecida, tanto pela literatura como para os sujeitos entrevistados, da implementação das atividades lúdicas para a aprendizagem. No entanto, existem várias estratégias e materiais que podem ser utilizados, de forma a enriquecer as atividades e que, posteriormente captam com mais facilidade a atenção da criança.

**Palavras-chave:** Atividades Lúdicas; Brincar; Jogo; Aprendizagem.

## **Abstract**

This internship report was carried out within the scope of the Master degree in Pre-School Education and Teaching of the 1st Cycle of Basic Education (CBE), accomplished at Escola Superior de Educação in Santarém.

This report is divided into two parts, in the first part a brief reflective analysis about my entire internship is elaborated, and in the second part an investigative component is presented, with a research project focusing on the acquisition of learning through the implementation of ludic activities.

The data were collected through semi-structured interviews, conducted with three educators, three professors from the 1st CEB and eight students from the 1st CEB, 4 of these students attend the 2nd year of schooling and the remaining 4 students attend the 4th year of schooling.

After organizing and analyzing the results, a comparison was made between them and what the literature advocates. Therefore, we came to several but relevant conclusions to the study. It is also essential to highlight the importance recognized, both by literature and by the interviewed subjects, of the implementation of ludic activities for learning. However, there are several strategies and materials that can be used, in order to enrich the activities and that, later, more easily capture the children's attention.

**Keywords:** Ludic Activities; Play; Game; Learning.

## **Lista de Siglas**

CEB	Ciclo do Ensino Básico
ELI	Equipa Local de Intervenção
IPSS	Instituição Particular de Solidariedade Social
JI	Jardim de Infância
MEM	Movimento da Escola Moderna
NEE	Necessidades Educativas Específicas
OCEPE	Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar
PDI	Plano de Desenvolvimento Individual
PES	Prática de Ensino Supervisionada
UC	Unidade Curricular

## Índice

Agradecimentos .....	ii
Resumo .....	iii
Abstract.....	iv
Lista de Siglas.....	v
Índice de Anexos .....	viii
Índice de Tabelas .....	x
Índice de Figuras .....	xi
Introdução.....	1
Parte I- Contextualização das Práticas de Ensino Supervisionadas .....	3
1. Contextos de Estágio .....	3
1.1- Prática de Ensino Supervisionado em Creche.....	3
1.2- Prática de ensino Supervisionado em Jardim de Infância.....	9
1.3- Prática de Ensino Supervisionado em 1.º CEB – 2.º ano.....	14
1.4- Prática de Ensino Supervisionado em 1.ºCEB em 3.º e/ou 4.º ano.....	20
2. Percurso de Desenvolvimento Profissional – Autodiagnóstico.....	26
2.1- Prática de Ensino Supervisionado- Creche .....	26
2.2- Prática de Ensino Supervisionado- Jardim de Infância.....	27
2.3- Prática de Ensino Supervisionado- 1.º CEB- 2.º ano .....	28
2.4- Prática de Ensino Supervisionado- 1.º CEB- 4.º ano .....	28
2.5- Percurso de Desenvolvimento Investigativo .....	29
Parte II- Exercício Investigativo.....	31
1- Contextualização do Estudo .....	31
2.1- O lúdico, o jogo e o brincar - Enquadramento concetual.....	32
2.2- Atividades Lúdicas - Definição e Planificação .....	34
2.3- A Atividade Lúdica no Processo de Aprendizagem.....	35
2.4- O Papel do Educador/Professor no processo de desenvolvimento de atividades lúdicas.....	38

2.5- Gestão curricular no quadro do desenvolvimento de atividades lúdicas .....	41
3- Metodologia .....	44
3.1- Tipo de Estudo .....	44
3.2- Participantes do estudo .....	44
3.3- Instrumentos de recolha de dados .....	45
3.4- Procedimentos investigativos.....	46
4.1- Interpretação e análise das entrevistas das educadoras de infância.....	48
4.2- Interpretação e análise das entrevistas às professoras de 1.º Ciclo do Ensino Básico (CEB).....	59
4.4- Interpretação e análise das entrevistas das crianças .....	70
4.6- Síntese comparativa.....	73
Reflexão Final.....	75
Referências Bibliográficas.....	78
ANEXOS .....	81

## **Índice de Anexos**

Anexo I – Planificação da atividade “Uma lagartinha muito comilona”.

Anexo II – Avaliação da atividade.

Anexo III – Planificação da atividade “Lençol mágico”.

Anexo IV – Avaliação da atividade.

Anexo V – Planificação da atividade “O que cheirei”.

Anexo VI – Avaliação da atividade.

Anexo VII – Planificação da Atividade “O que sinto quando pinto com as mãos”.

Anexo VIII – Avaliação da atividade.

Anexo IX – Planificação da atividade “Sinais de trânsito”.

Anexo X – Avaliação da atividade.

Anexo XI – Planificação da atividade “Construção de uma Banda desenhada”.

Anexo XII – Avaliação da atividade.

Anexo XIII – Planificação da atividade “Experiências com o som”.

Anexo XIV – Avaliação da atividade.

Anexo XV – Planificação da atividade “Dramatização com fantoches”.

Anexo XVI – Avaliação da atividade.

Anexo XVII – Projeto de Estágio – Creche.

Anexo XVIII – Projeto de Estágio – Jardim de Infância.

Anexo XIX – Projeto de Estágio – 2.º ano.

Anexo XX – Projeto de Estágio – 4.º ano.

Anexo XXI – Guião de Entrevista- Docentes.

Anexo XXII – Guião de Entrevista - Discentes.

Anexo XXIII – Transcrição de Entrevistas – Educadoras de Infância.

Anexo XXIV – Transcrição de Entrevistas – Professoras de 1.º CEB.

Anexo XXV – Transcrição de Entrevistas - Crianças.

Anexo XXVI – Quadro de Análise – Educadoras de Infância.

Anexo XXVII – Quadro de Análise - Professoras de 1.º CEB.

Anexo XXVIII – Quadro de Análise - Crianças.

## **Índice de Tabelas**

Tabela 1- Categorias e subcategorias emergentes à entrevista às educadoras de infância.....	48
Tabela 2- Categorias e subcategorias emergente à entrevista das professoras de 1.º Ciclo do Ensino Básico .....	59
Tabela 3- Categorias e subcategorias emergentes às entrevistas das crianças .....	70
Tabela 4- Categorias e subcategorias e respostas emergentes às educadoras de infância.....	158
Tabela 5- Categorias, subcategorias e respostas emergentes às professoras de 1.º ciclo do ensino básico.....	171
Tabela 6- Categorias, subcategorias e respostas emergentes às crianças que frequentam o 4.º ano de escolaridade.....	181

## Índice de Figuras

Figura 1- Realização da atividade "Uma lagartinha muito comilona" .....	88
Figura 2- Realização da atividade "Uma lagartinha muito comilona" .....	88
Figura 3- Realização da atividade "Uma lagartinha muito comilona" .....	88
Figura 4- Realização da atividade "Uma lagartinha muito comilona" .....	88
Figura 6- Realização da atividade do lençol mágico .....	97
Figura 7- Realização da atividade do lençol mágico .....	97
Figura 8- Realização da atividade do lençol mágico .....	97
Figura 9- Realização da atividade "O que cheirei" .....	99
Figura 10- Realização da atividade "O que cheirei" .....	99
Figura 11- Realização da atividade "O que sinto quando pinto com as mãos" .....	102
Figura 12- Realização da atividade "O que sinto quando pinto com as mãos" .....	102
Figura 13- Realização da atividade "O que sinto quando pinto com as mãos" .....	103
Figura 14- Realização da atividade "Percurso de casa- escola: sinais de trânsito" .....	106
Figura 15- Realização da atividade "Percurso de casa- escola: sinais de trânsito" .....	106
Figura 16- Esboço utilizado para a atividade "Construção de uma banda desenhada" .....	109
Figura 17- Decorrer da atividade "Experiencias com o som" .....	114
Figura 18- Decorrer da atividade "Experiencias com o som" .....	114
Figura 19- Fantoques realizados pelas crianças.....	119
Figura 20- Fantoques realizados pelas crianças.....	119
Figura 21- Fantoques realizados pelas crianças.....	119

## **Introdução**

A realização do presente relatório insere-se no âmbito da Unidade Curricular (UC) de Investigação na Prática de Ensino Supervisionada (PES), tendo como objetivo a obtenção de grau de mestre em Ensino de Pré-Escolar e Ensino de 1.º Ciclo do Ensino Básico na Escola Superior de Educação de Santarém. Desta forma, este relatório documenta todo o percurso de desenvolvimento profissional, bem como as aprendizagens, dúvidas e receios que surgiram ao longo da prática.

O presente relatório síntese centra-se, então, num estudo relacionado com o papel das atividades lúdicas no processo de aprendizagem, sendo que, o estudo apresentado no mesmo, procura dar resposta ao principal tema do relatório.

As atividades lúdicas, atualmente, estão cada vez mais presentes no dia a dia da criança desde muito cedo. Assim sendo, é fulcral que os docentes invistam numa formação acerca desta temática. Desta forma, é uma mais valia que estas sejam associadas à aprendizagem, como forma de motivar as crianças a novas aprendizagens. Garvey (1992, p. 178) considera que o “(...) brincar se reveste de diversas formas que vão mudando e tornando-se mais elaboradas à medida que se processa a maturação da criança.”

No que diz respeito à sua estrutura, este encontra-se dividido em duas partes. A primeira parte, refere-se à intervenção desenvolvida ao longo da Prática de Ensino Supervisionada (PES), de forma a apresentar todas as aprendizagens adquiridas ao longo da minha prática, bem como expor a minha experiência, receios, dúvidas e, por último, todo o processo de reflexão até chegar ao tema do presente relatório final. Assim, neste ponto é possível observar-se uma breve caracterização dos contextos de creche, jardim de infância e 1.º CEB, nos quais decorreram as práticas de ensino supervisionadas, a caracterização das salas, dos grupos, dos projetos implementados em contexto estágios e, por último, destaco duas atividades implementadas em cada contexto, bem como a avaliação das mesmas e dos projetos implementados nos mesmos. Numa última parte, destaco todo o meu percurso de investigação e uma reflexão acerca de toda a minha prática ao longo dos conceitos pedagógicos.

Na segunda parte do relatório, é apresentado o percurso investigativo, onde se apresentam as perspetivas dos docentes e discentes face à aquisição de aprendizagens através de atividades lúdicas. Assim, a segunda parte do relatório, tem como objetivo dar a conhecer as conceções referentes à aprendizagem através do lúdico, existentes em contexto Pré-escolar e 1.º CEB, focando-se na realização de atividades lúdicas com propósitos pedagógicos, identificando se estas influenciam, ou não, na aprendizagem da criança. Importa ainda referir que, a opinião das

crianças é ainda evidenciada nesta segunda parte. Deste modo, esta segunda e última parte do relatório encontra-se dividida nos seguintes tópicos: percurso de desenvolvimento investigativo, revisão de literatura, metodologia e análise de dados (onde se encontra o tipo de estudo, os sujeitos da amostra, os instrumentos de recolha de dados e os procedimentos investigativos) e, por último, a análise e discussão dos dados recolhidos (interpretando os dados dos docentes e discentes que participaram no estudo).

Como forma de finalizar o presente relatório, apresento uma reflexão final focada em todo o percurso académico, nas considerações finais do estudo realizado ao longo das práticas do mestrado, bem como toda a influência que a realização do relatório final teve perante a minha formação, não só profissional, como pessoal.

## **Parte I- Contextualização das Práticas de Ensino Supervisionado**

### **1. Contextos de Estágio**

Ao longo deste capítulo procederei à apresentação dos contextos nos quais realizei os diferentes estágios da Prática de Ensino Supervisionada (PES). Esta apresentação, contém uma caracterização das instituições, dos espaços nos quais estive inserida, dos grupos onde tive oportunidade de intervir e acompanhar e termina com uma abordagem aos projetos desenvolvidos em cada um dos contextos, onde destaco duas atividades por contexto de estágio e a avaliação geral de projeto implementado em estágio. No que diz respeito aos dois últimos estágios, estes foram realizados na mesma instituição, no entanto, em salas e anos de escolaridade diferentes. Desta forma, a caracterização da instituição que realizei em último lugar é referente aos dois últimos contextos.

Assim, ao longo desta descrição reflexiva, irei caracterizar os contextos por ordem de acontecimentos, fazendo primeiramente referência ao estágio em contexto de Creche realizado entre novembro de 2017 e janeiro de 2018, de seguida o estágio em contexto de Jardim de Infância (JI) que ocorreu de abril de 2018 a junho do mesmo ano, em terceiro lugar é descrito o primeiro estágio que realizei em 1.º Ciclo do Ensino Básico (CEB) numa sala de 2.º ano entre novembro de 2018 e janeiro de 2019 e, por último, também em contexto de 1.º CEB, numa sala de 4.º ano, é descrito o estágio que realizei entre abril e maio de 2019.

#### **1.1- Prática de Ensino Supervisionado em Creche**

##### **1.1.1- Caracterização da Instituição**

O estágio, em contexto de creche, foi realizado numa Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), localizada num meio urbano de classe média/baixa no conselho de Santarém. A instituição integra as valências de berçário, creche e jardim de infância, acolhendo assim crianças do 0 aos 6 anos de idade. A presente instituição é de cariz religioso, católico, sem fins lucrativos, tem como missão desenvolver a intervenção na área social, através de respostas e serviços adequados às necessidades das pessoas e da comunidade promovendo o bem-estar e a qualidade de vida. É uma instituição direcionada a apoiar idosos e crianças em cinco unidades distribuídas pela cidade de Santarém.

A unidade onde realizei o estágio disponibiliza duas valências, de creche e Jardim de Infância, acolhendo crianças dos 3 meses aos 6 anos de idade. Esta foi fundada a 1985 e desde então preza pela qualidade pedagógica, oferta de equipamentos e de um conjunto de espaços e ambientes a pensar no crescimento saudável e harmonioso das crianças. A valência onde estaguei foi a de Creche e surge como uma resposta alternativa de qualidade social e pedagógica

na primeira infância. Esta constitui uma das primeiras experiências da criança num sistema organizado fora do círculo familiar, onde se pretende o desenvolvimento de determinadas competências e capacidades.

No interior da instituição existem duas valências, sendo a de Creche constituída por: Berçário; Sala de 1/2anos e Sala de 2/3 anos e a valência de Pré-escolar é constituída pela sala de 3 anos (bibe vermelho), pela sala dos 4 anos (Bibe verde) e pela sala dos 5 anos (bibe azul).

Todas as salas da instituição estão adequadas à faixa etária e às necessidades de cada criança, potenciando momentos, tanto de aprendizagem, como de brincadeira. As salas, estão integradas com uma casa de banho/fraldário e um espaço de arrumação para organizar os brinquedos e os pertences de cada criança.

Na instituição existe uma cozinha equipada com todos os meios necessários à concretização das diversas refeições, uma lavandaria, duas casas de banho para os docentes e duas para as auxiliares de ação educativa, duas salas de reuniões, uma sala de estar, uma sala da criança, um refeitório partilhado entre a sala dos 2/3 anos e o pré-escolar e um refeitório mais pequeno com uma copa integrada para a sala de berçário e de 1/2 anos. Esta também dispõe de um espaço exterior, pouco adequado às necessidades das crianças, em que existiam duas piscinas, um escorrega e um espaço amplo, mais perigoso para brincar.

### **1.1.2- Caracterização da Sala**

A sala de 2 anos, é ampla e iluminada, tem quatro janelas e duas portas que dão acesso ao pátio exterior. Esta, contém uma boa temperatura para as crianças, uma vez que dá para regular o ar condicionado, para que a sala não se torne demasiado fria, nem demasiado quente.

A sala tem uma cancela para que as crianças não saiam sozinhas. Tem uma arrecadação onde são guardados materiais potenciadores de aprendizagens e os *catres* das crianças, uma casa de banho com um fraldário, quatro sanitas, três lavatórios, bacios, um *poliban*, e os respetivos objetos de higiene de cada criança. Tem, ainda, duas mesas redondas com cadeiras à medida das crianças, dois tapetes, em que um é a área da reunião e o outro é onde as crianças brincam com os legos e com carros, dois *placards*, onde se colocam os trabalhos manuais das crianças, a área da cozinha, a área da biblioteca e a área do faz de conta, onde tem malas e roupas para as crianças utilizarem. Contém, também, dois armários, um deles onde está guardado o Projeto Pedagógico, os Planos de Desenvolvimento Individual (PDI), assim como outros documentos influentes na sala, e outro que contém materiais de trabalho e as bolachas para o momento da manhã; três prateleiras onde estão dispostos os brinquedos para as crianças; um rádio, que é bastante utilizado para colocar CD's para o grupo ouvir, cantar e dançar; e, na parede ao pé da

área da reunião, o quadro da meteorologia e uma lagarta, construída pelas crianças, para marcar o responsável de cada dia.

### **1.1.3- Caracterização do Grupo**

O grupo de crianças, da sala de 2 anos, é composto por 18 crianças, dos quais 8 são raparigas e 10 são rapazes, com idades compreendidas entre os 22 e os 32 meses. Como se apresenta multietário, possibilita um rápido desenvolvimento das crianças individualmente e, conseqüentemente, do grupo no geral.

Relativamente à relação adulto-criança, esta é muito boa. Existe uma grande confiança e respeito por parte das crianças perante a educadora e a auxiliar, não havendo distinção entre elas. Em relação à interação criança-criança, esta não é tão fácil. As crianças demonstram gostar bastante umas das outras e, quando alguma criança chega à sala, as restantes demonstram-se bastante entusiasmadas. No entanto, em relação à partilha de atenção e de objetos, não lidam tão bem. Quando uma criança leva um brinquedo de casa, ou está com um brinquedo da sala, sente uma grande dificuldade em partilhar.

No que diz respeito à dinâmica do grupo, este é ativo, curioso, comunicativo e bastante autónomo na realização das diferentes atividades de rotina. É um grupo que está bastante desperto para novas aquisições na aprendizagem da linguagem, sendo esta explorada através da leitura de histórias, dramatizações, lengalengas e canções. Ao nível das interações, este explora, constantemente, os brinquedos da sala, e são muito recetivos a objetos/situações novas. A maioria das crianças percebe tudo o que os adultos dizem, e muitas delas têm a fala bastante desenvolvida. Assim, são poucas as crianças que não conseguem verbalizar algo.

Ao nível da motricidade, todas as crianças já têm a marcha adquirida, movimentando-se de forma autónoma. Ao nível da alimentação, existem duas restrições: uma das crianças é intolerante ao glúten e a outra à proteína de vaca. No entanto, o grupo fazia uma alimentação saudável, intercalada entre carne e peixe, em que se alimentava de forma a satisfazer as suas necessidades. A autonomia do grupo é bastante visível no momento da refeição. A hora da sesta, apresenta-se como um momento de descanso das crianças em que, cada uma, com o seu objeto de apego, descansa durante duas horas e meia. Por vezes, existiam crianças que acordavam mais cedo, mas ficam reconfortadas na sua cama sem incomodar o grupo. Todo o grupo adormece sem dificuldade, não sendo preciso aplicar nenhum método para os fazer adormecer.

No geral, este é um grupo fácil de trabalhar, uma vez que são crianças bastante participativas e curiosas, sempre predispostas a novas explorações.

#### **1.1.4- Projeto Educativo da Educadora Cooperante**

O Projeto Pedagógico da sala tinha como tema “Passo a passo, construímos o caminho”, e pretende criar um elo de ligação entre a família e a creche. Ao longo do ano letivo, foram apresentadas propostas educativas aos pais, para que estes tivessem a oportunidade de acompanhar todo o processo educativo dos seus filhos. Desta forma, os encarregados de educação, tiveram ainda oportunidade de perceber a influência da creche no desenvolvimento dos seus filhos.

Este projeto baseava-se na conceção sócio-interacionista do desenvolvimento humano, em que os elementos biológicos e sociais são essenciais para o desenvolvimento infantil, considerando que a criança constrói as suas características, tais como, o seu modo de agir, pensar e sentir a partir da interação com o meio e da sua relação com os adultos e com as outras crianças. Garvey (1992, p. 177) defende que “À medida que se processa a maturação da criança, os vários aspetos da atividade lúdica ficam cada vez mais sob a influência dos fatores do ambiente cultural que seleccionam certas formas de comportamento, desprezando outras.”

O Projeto da Sala, pretendia promover atividades que desenvolvam a criança a nível pessoal e social, cognitivo, motor e pensamento crítico. No que diz respeito ao desenvolvimento pessoal e social, a educadora pretendia que as crianças sejam capazes de cumprir regras, comer de forma correta, lavar e secar as mãos, libertar-se dos objetos de casa, expressar as suas vontades, controlar os esfíncteres e arrumar os brinquedos sozinhas. Relativamente ao desenvolvimento cognitivo, pretendia-se que as crianças fossem capazes de dizer palavras corretamente, adquirir mais vocabulário, construir frases, compreender o nome dos objetos, responder a questões simples, folhear livros de forma calma e cuidada e aumentar o tempo de concentração. Em relação ao desenvolvimento motor, a educadora pretendia que as crianças fossem capazes de andar de forma correta, calçar-se sozinhas, correr com controlo e comer sozinhas. Por fim, para trabalhar o pensamento crítico, a educadora pretendia que as crianças adquirissem a capacidade de cantar canções e brincar livremente, partilhando os brinquedos entre elas.

Para divulgar o Projeto Pedagógico, a educadora apresentou-o aos pais, em reuniões no final de cada período, expôs semanal/mensalmente os trabalhos realizados pelas crianças, expôs fotografias e enviou, aos pais, o portefólio individual de cada criança no final do ano letivo.

A avaliação refletiu-se nas experiências proporcionadas às crianças, nas suas reações às atividades propostas e no registo dos momentos mais significativos.

### **1.1.5- Projeto de Intervenção**

Para Calvanti (2004, p.39):

A literatura pode ser para a criança o espaço fantástico para a expansão do seu ser, exercício pleno da sua capacidade simbólica, visto trabalhar diretamente com elementos do imaginário, do maravilhoso e do poético. Amplia o universo mágico, transreal da criança para que esta se torne adulto mais criativo, integrado e feliz.

Assim, como forma de responder às necessidades de cada criança e de acordo com as características e rotina no grupo, foi implementado, neste contexto, um projeto intitulado: “A Importância das Histórias para o Desenvolvimento da Fala da Criança”. Com a implementação do presente projeto, pretendia-se como principal finalidade desenvolver a linguagem das crianças. Este foi, ainda, um fio condutor para o desenvolvimento de atividades relacionadas com todas as áreas curriculares, tendo sempre em consideração a documentação pedagógica institucional, o Projeto Educativo, o Projeto da Sala e as Orientações Curriculares para Educação Pré-Escolar (OCEPE).

Assim, ao longo de toda a intervenção de estágio, foram contadas diversas histórias e, a partir das mesmas, foram utilizadas estratégias, como o questionamento, com a finalidade de desenvolver a fala e introduzir novo vocabulário. Posteriormente, foram propostas diversas atividades, de exploração livre e orientada, relacionadas com as histórias contadas, para que o grupo tivesse oportunidade de explorar diversas temáticas e materiais. Todos os materiais utilizados foram elaborados por nós, par de estágio, e adequados ao grupo e à respetiva faixa etária. Em anexo, encontra-se um quadro geral do projeto, onde consta todas as atividades implementadas durante o mesmo. (Anexo XVII)

### **1.1.6- Principais Atividades**

Ainda referente às atividades realizadas em contexto de estágio, inseridas no projeto implementado no mesmo, destaco duas atividades que considero pertinentes: “Uma lagartinha muito comilona” e “Lençol Mágico: Raposa João- Pirata no Mar”. Importa ainda destacar que, optei por apresentar esta duas atividades porque, a meu ver, a realização de ambas foi bastante desafiante, sendo que, ao longo das mesmas, tive de intervir várias vezes para tentar envolver e captar a atenção das crianças do grupo.

A primeira atividade, intitulada de “Uma lagartinha muito comilona”, encontra-se planificada em anexo (Anexo I). Para iniciar esta atividade optei por, num primeiro momento, mostrar a capa do livro ao grupo e só depois iniciar a leitura expressiva da história. Esta história está

relacionada com a atividade orientada que foi realizada num momento seguinte. À medida que contava a história fui colando alimentos, feitos em esponja de eva, que estavam relacionados com a mesma, num cartão que tinha escrito os dias da semana. Após o momento da leitura da história, todas as crianças do grupo tiveram oportunidade de explorar os materiais utilizados ao longo da mesma. De seguida, enquanto alguns elementos do grupo exploram livremente as diferentes áreas da sala, a estagiária vai chamando uma criança de cada vez para pintarem a lagarta e a borboleta, relacionadas com a história, com tintas, esponjas e pinceis. Ao longo da pintura, as crianças tiveram liberdade de escolher as cores e a técnica que preferiam utilizar para pintar. Posteriormente, a lagarta que foi elaborada por todo o grupo de crianças, foi afixada na sala e foi utilizada para determinar o “chefe do dia”.

A segunda atividade, “Lençol Mágico: Raposa João- Pirata no Mar”, encontra-se planificada em Anexo (Anexo III). Esta iniciou-se com um lençol que foi segurado à volta pelas crianças e pela estagiária. À medida que a estagiária contava a história, o lençol foi sendo manuseado pelas crianças criando o efeito das ondas do mar. Assim que a leitura expressiva da história terminou, as crianças foram questionadas acerca do que acabaram de ouvir, desta forma consegui perceber se estas estavam envolvidas na leitura da história. Num momento seguinte foi realizado um jogo relacionado com a história. Este iniciou-se com um pequeno diálogo acerca da história que as crianças tinham acabado de ouvir. De seguida, foram espalhados vários cartões que representavam as “ilhas”, para as crianças (uma para cada criança). À medida que colocava as ilhas ia explicando às crianças o jogo. Este iniciou-se quando coloquei uma música relacionada com o mar, quando parava a música cada criança tinha de estar em pé em cima da sua ilha. À medida que o jogo ia avançando iam sendo retiradas ilhas para aumentar o grau de dificuldade. O jogo terminou quando todas as crianças perderam e só restava apenas uma ilha.

De um modo geral, em ambas as atividades consegui atingir os objetivos que estavam previstos nas planificações das mesmas. No entanto, ao longo da realização do jogo, planificado na segunda atividade, senti necessidade de adaptar a estratégia que estava a utilizar ao grupo. Senti que grande parte das crianças estavam a dispersar da atividade, assim, como forma de ultrapassar esta dificuldade, tentei ao máximo incentivar o grupo a fazer diversos movimentos ao longo do jogo para que se sentissem mais envolvidos no mesmo.

A avaliação das presentes atividades pode ser consultada nos anexos (Anexo II e Anexo IV).

### **1.1.7- Avaliação do Projeto**

Segundo De Ketele (1980) citado por Damas e Ketele (1985, p.13) “Avaliar significa examinar o grau de adequação entre um conjunto de informações e um conjunto de critérios adequados

ao objetivo fixado, para tomar uma decisão" Assim, como forma de avaliar tendo em conta as necessidades e adequação de estratégias ao grupo, a avaliação do projeto implementado em estágio foi realizada com base em duas componentes: analítica, em que surge uma breve análise do que foi elaborado e experienciado, tanto por nós, par de estágio, como pelo grupo de crianças; reflexiva, em que nos debatemos com diversas questões decorrentes da prática e, mais especificamente do projeto.

Ao longo das semanas, tanto eu como o meu par de estágio, íamos observando, através de observação direta, cada vez mais interesse por parte do grupo devido aos materiais diversificados que utilizávamos, tanto como suporte da leitura de histórias (como fantoches, quadros com materiais para aplicar, o lençol mágico, entre outros) , como no desenvolvimento das atividades e que deixávamos disponíveis para, posteriormente, brincarem livremente.

Desta forma, o balanço que fiz ao projeto que implementei, juntamente com o meu par de estágio, foi bastante positivo. Considerámos que conseguimos ter em conta vários critérios necessários à sua realização, apoiados sempre numa análise crítica, de forma a melhorarmos semana após semana. Esta análise crítica foi concebida através de reflexões diárias, tanto individualmente, como com a educadora e com a professora supervisora, que me foram demonstrando as potencialidades que o projeto tinha, bem como os aspetos que poderiam ser melhorados para o meu desempenho ser o melhor possível.

Importa ainda destacar que, ao longo das atividades, recorri ainda ao registo fotográfico para mais tarde servir também como apoio a uma avaliação final, tanto das atividades em si, como do projeto.

## **1.2- Prática de ensino Supervisionado em Jardim de Infância**

### **1.2.1- Caracterização da Instituição**

A instituição é um edifício de rés de chão e 1.º andar, construído de raiz em 2014, e encontra-se com excelentes condições. Esta é composta por dois espaços distintos para recreio: um destinado às crianças do pré-escolar com cerca de três aparelhos, uma área coberta e uma área com relva e outro dos espaços é destinado às crianças do 1.º CEB e é composto por um campo de jogos e um espaço de brincadeira.

O edifício tem cerca de 12 salas de atividades, 4 de jardim-de-infância e 8 de 1.º ciclo. Tem ainda cinco arrecadações, um salão/átrio polivalente, uma biblioteca, uma sala de informática, uma sala de professores, uma sala de funcionários, cinco gabinetes, uma receção, sete casas de banho destinadas às crianças, duas casas de banho destinadas para adultos, duas casas de banho destinadas para deficientes, dois gabinetes médicos, um refeitório, uma cozinha e dois telheiros

laterais. Cada sala de jardim-de-infância tem uma cor predominante, que corresponde à cor do bibe que as crianças usam.

### **1.2.2- Caracterização da Sala**

Para Cardona et al. (2015, p. 67):

Na educação de infância, mais do que em qualquer nível de ensino, a organização do ambiente educativo toma particular importância, sendo a base para o desenvolvimento de práticas educativas integradoras, em que rapazes e raparigas se identificam e podem aprender princípios básicos de cidadanias.

A sala onde realizei o estágio, é espaçosa, com várias áreas definidas e organizadas, como a área da reunião (ou tapete), a área das construções, dos jogos de mesa, da plasticina, da casa, da pintura, do quadro e do desenho. Tem bastante iluminação, é aquecida, tem um computador para a educadora trabalhar e mostrar filmes e músicas às crianças, e diversos trabalhos, realizados pelas crianças, expostos pela sala. Esta tem ainda 4 mesas quadradas para as crianças se sentarem por grupos, consoante a idade (duas mesas das crianças de 5 anos, uma mesa dos 4 anos e uma mesa dos 3 anos), e uma casa de banho comum com a sala do bibe azul.

Existem cinco quadros expostos nas paredes: o das presenças, o calendário, o da meteorologia, o das atividades e o dos aniversários. À exceção deste último, todos são marcados pelas crianças diariamente.

O espaço exterior é grande e é partilhado com as outras quatro salas de jardim-de-infância. Tem relva, areia, escorrega e triciclos. Também tem uma parte coberta para quando está a chover ou quando o sol está muito forte para as crianças não deixarem de ir à rua.

### **1.2.3- Caracterização do Grupo**

O grupo é composto por 25 crianças, das quais 16 são rapazes e 9 são raparigas, com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos. Como é um grupo multietário, possibilita um rápido desenvolvimento das crianças individualmente e, conseqüentemente, do grupo no geral.

Todas as crianças são autónomas e conseguem realizar as tarefas mais básicas da rotina diária, sem necessitar de auxílio, como marcar a sua presença, ir à casa de banho, arrumar a sua mochila ou colocar o chapéu no cabide. Apenas 7 crianças revelam alguma desconcentração na realização de tarefas, e 5 crianças têm a motricidade fina menos desenvolvida. Duas crianças, ambas com 5 anos, eram acompanhadas pela Equipa Local de Intervenção (ELI). Uma delas estava a aguardar diagnóstico e a outra tem um diagnóstico indefinido.

Relativamente à interação entre as crianças, considero que era muito boa. Os mais velhos ajudavam os mais novos, que é um fator positivo das salas multietárias, e, no geral, as crianças tinham fortes laços afetivos entre elas. O facto de, na fila para o almoço ou para o exterior, o grupo estar organizado aos pares, com um elemento mais velho e um mais novo, favorece esta ligação e estabelece uma relação de entreajuda. No geral, todo o grupo se adaptava muito bem à presença de novos adultos na sala.

No que diz respeito à dinâmica do grupo, este era ativo, curioso, comunicativo e bastante autónomo na realização das diferentes atividades de rotina. Era um grupo que estava bastante desperto para novas aquisições. Ao nível das interações, este explorava constantemente os brinquedos e jogos da sala, e eram muito recetivos a novos objetos/situações.

No geral, o grupo era fácil de gerir e trabalhar, uma vez que as crianças eram bastante participativas e curiosas, sempre predispostas a novas explorações.

#### **1.2.4- Projeto Educativo da Educadora Cooperante**

O projeto pedagógico da sala não tinha um tema definido, pois a educadora cooperante baseava-se nas necessidades das crianças e nas várias festividades que iam surgindo ao longo do ano letivo. Desta forma, a educadora planificava e realizava atividades conforme os acontecimentos e assuntos que iam surgindo na sala e no dia-a-dia das crianças.

A educadora referiu no projeto, referente ao grupo, alguns pontos fortes e pontos a melhorar. Nos pontos fortes, destacou o facto das crianças mais novas da sala, de três anos, terem bastante autonomia na realização de atividades e o facto de o grupo, no geral, se relacionar bastante bem e se envolver em todas as atividades propostas. Nos pontos a melhorar, destacou o facto de existirem muitos rapazes, o que gera alguma confusão na realização das atividades, o facto de algumas crianças ainda terem alguma dificuldade em relacionarem-se com os restantes elementos do grupo e o facto de, por vezes, o grupo ter algumas dificuldades de concentração na realização de atividades.

#### **1.2.5- Projeto de Intervenção**

De acordo com as OCEPE (2016, p. 93), alguns dos conteúdos relacionados com biologia, como o conhecimento dos órgãos do corpo, podem proporcionar experiências a crianças em idade de pré-escolar, que lhes permite adquirir um conjunto de aprendizagens nesta área.

Assim, após a primeira semana de observação de estágio, numa sala multietária, com crianças entre os 3 e os 6 anos, enquanto par de estágio, pensámos que o nosso projeto poderia ser acerca da exploração do corpo e dos cinco sentidos. Em conversa informal com a educadora

cooperante, expusemos a nossa ideia e esta mostrou-se bastante interessada, desde início, pois o grupo é muito recetivo a novas atividades, principalmente de exploração.

Sendo assim, em par de estágio, decidimos que o tema do nosso projeto seria “Os Cinco Sentidos e a Exploração”. Desta forma, o tema do presente projeto teve como principal objetivo dar a conhecer os cinco sentidos relacionando-os com as partes do corpo a eles associadas e a exploração dos mesmos. Através dos domínios trabalhados em jardim-de-infância existiu uma interligação dos mesmos em cada atividade, de forma a desenvolver na criança um crescimento a vários níveis.

Ao longo da minha intervenção, contei diversas histórias, algumas alusivas a datas festivas, tais como o 25 de abril de 1974 e outras relacionadas com animais, com os cinco sentidos, a primavera e as profissões. A partir da leitura destas histórias coloquei questões, com a finalidade de desenvolver a linguagem das crianças mais novas e introduzir novo vocabulário, para perceber se tinha conseguido captar a atenção das crianças, se estas estavam atentas e o que tinham aprendido. De seguida, iniciei as atividades que estavam previstas para o sentido que estávamos a trabalhar. Estas atividades eram iniciadas também com um diálogo em grande grupo. Realizei atividades de exploração livre e orientada, em que incluí a expressão plástica, expressão dramática, expressão físico-motora, a língua gestual e visualização de vídeos e audição de músicas e sons. Em anexo está presente uma planificação com todas as atividades desenvolvidas no âmbito do presente projeto (anexo XVIII).

Todos os objetos que construídos e/ou utilizados foram direcionados para cativar a atenção das crianças e fazer com que elas tivessem mais perceção daquilo que estavam a realizar.

Em conjunto com o meu par de estágio, tentei que cada semana se focasse num sentido, sendo que, a primeira de intervenção, foi direcionada para o paladar, a segunda semana, para o olfato e a terceira semana, para a visão. No entanto, devido à curta duração de estágio, a quarta semana teve de ser dividida entre dois sentidos, tendo ficado dois dias destinados para o tato e outros dois para a audição. A última semana, de avaliação, englobou todos os sentidos, para perceber o que as crianças se lembravam, o que aprenderam e o que gostaram mais.

### **1.2.6- Principais Atividades**

Ao longo da implementação do referido projeto, em contexto de estágio, foram realizadas uma grande variedade de atividades, das quais destaco duas que considero bastante pertinentes, intituladas de: “O que cheirei” e “O que sinto quando pinto com as mãos”. Optei por destacar estas duas atividades devido ao facto que, a meu ver, ambas despertarem reações, por parte das crianças, muito positivas, enriquecendo a avaliação final do projeto.

A primeira atividade, intitulada de “O que cheirei”, encontra-se planificada em anexo (anexo V). Como forma de iniciar esta atividade, optei por realizar um diálogo em grande grupo acerca do sentido que ia ser trabalhado, o olfato. De seguida, as crianças são chamadas, de forma individual, para cheirar uns frascos e tentar adivinhar o que é. Estes frascos estavam forrados com cartolina e, com esta atividade, pretendia-se apurar o sentido do olfato das crianças e que estas percebessem o quão útil é este sentido. No decorrer da atividade, as restantes crianças do grupo encontravam-se a explorar as várias áreas da sala. Esta é concluída com um diálogo acerca do sentido do olfato e a estagiária revela às crianças quais os alimentos que estavam em cada frasco dizendo os comentários que cada criança fez enquanto estava a cheirar cada alimento. Todos os comentários que as crianças fizeram no decorrer da atividade foram posteriormente expostos na sala num painel elaborado pela estagiária em papel de cenário.

A segunda atividade, intitulada de “O que sinto quando pinto com as mãos”, está planificada em anexo (anexo VII). Esta iniciou-se através de um diálogo em grande grupo acerca do sentido do tato, para que as crianças percebessem qual o sentido que iam trabalhar ao longo dessa semana. A atividade decorreu da seguinte forma: foram chamadas seis crianças de cada vez, sendo que 3 das crianças pintaram com as mãos com digitinta e as restantes 3 crianças pintaram com as mãos com espuma de barbear. À medida em que as crianças pintavam iam trocando. A atividade terminou quando todas as crianças tiveram oportunidade de experimentar as duas técnicas de pintura. As crianças que esperavam a sua vez para pintar, ao longo da atividade, estavam a explorar as restantes áreas da sala. A atividade decorreu no exterior da instituição. O resultado final, de ambas as técnicas de pintura, foi exposto na sala.

De um modo geral, considero que, em ambas as atividades, consegui atingir os objetivos que estavam previstos nas planificações das mesmas. No entanto, senti que o grupo esteve mais envolvido e entusiasmado enquanto realizava a segunda atividade, devido a ser uma atividade mais prática e apelativa. A avaliação das presentes atividades pode ser consultada nos anexos (Anexo VI e Anexo VIII).

#### **1.2.6- Avaliação do Projeto**

De acordo com as OCEPE (2016, p. 13), “(...) a observação e registo permitem recolher informações para avaliar, questionar e refletir sobre as práticas educativas (...)”

Desta forma, a avaliação do presente projeto implementado em estágio foi realizada com base em duas componentes: analítica, em que surge uma análise do que foi elaborado e experienciado, tanto por nós como pelo grupo de crianças, e reflexiva, em que nos debatemos com diversas questões decorrentes da prática e, mais especificamente, do projeto.

Como forma de avaliar a qualidade do projeto implementado, em par de estágio, baseámo-nos essencialmente na observação direta do envolvimento das crianças, nas atividades propostas por nós, e nos seus comentários e opiniões. Para isso, utilizámos como métodos de avaliação como as grelhas de observação, o registo escrito dos comentários das crianças às atividades que iam realizando, e o registo digital (fotografias e vídeos), com a devida permissão dos encarregados de educação.

No decorrer ou no final de todos os jogos ou atividades, tanto eu como o meu par de estágio, registávamos sempre os comentários e opiniões que as crianças expressavam para, posteriormente, colocarmos nos seus trabalhos. Por vezes, optámos também por propor às crianças a elaboração de um desenho acerca da atividade e escrevíamos os seus comentários. Outras vezes realizámos painéis com os desenhos e as produções orais das crianças, como forma de avaliação e de exposição, para os familiares poderem acompanhar todo o processo educativo, do qual nós também estávamos a fazer parte.

Todas as planificações realizadas, no âmbito do projeto, foram ao encontro dos objetivos previstos nas planificações para fazer cumprir o projeto, apesar de surgirem pequenas modificações, como alteração dos dias para conciliar com as atividades da instituição, que inicialmente não estavam previstas, mas que não influenciaram de forma negativa a nossa intervenção. Ao elaborar as planificações, tentei sempre adequar as mesmas ao grupo de crianças tendo em conta as suas características individuais e de grupo, interesses e necessidades.

Em suma, considero que o balanço final da implementação do projeto foi bastante positivo, pois consegui ter em consideração vários critérios necessários à sua realização, apoiados sempre numa análise crítica, de forma a melhorar semana após semana. Senti que todo o grupo estava envolvido e interessado nas atividades implementadas, e que aprenderam comigo.

### **1.3- Prática de Ensino Supervisionado em 1.º CEB – 2.º ano**

#### **1.3.1- Caracterização da Instituição**

Na instituição existem duas valências em funcionamento, uma de Jardim de Infância (dos 3 aos 5/6 anos de idade) e outra de 1.º Ciclo do Ensino Básico (1.º, 2.º, 3.º e 4.º ano de escolaridade). O espaço interior da instituição tem dois andares e é composto por sete salas de 1.º Ciclo, duas de Jardim de Infância, uma sala de multideficiência, uma biblioteca, um refeitório, uma sala de professores e um ginásio. Desta forma, no total a instituição tem 9 turmas.

No exterior localiza-se o recreio, este tem um escorrega onde as crianças podem brincar livremente e um campo de futebol.

No que diz respeito à organização do pessoal docente e não docente, este é composto por professoras titulares, educadoras, uma professora bibliotecária, professoras de ninho, professoras de apoio educativo, professoras de ensino especial, terapeutas e assistentes operacionais (distribuídas pelo 1.º ciclo, pré-escolar e sala de multideficiência).

A instituição adere a vários projetos e parcerias nomeadamente com a Ludoteca. Relativamente à Ludoteca, os alunos têm oportunidade de a visitar uma vez por mês onde realizam várias atividades.

### **1.3.2- Caracterização da Sala**

A sala de aula é espaçosa, organizada, tem capacidade para 22 alunos, embora a turma seja composta por 20 alunos, e tem bastante claridade natural e iluminação. É aquecida, tem dois computadores, um para a professora trabalhar outro que serve para projetar no quadro interativo conteúdos que estão a ser trabalhados, um quadro de giz, três quadros de cortiça e dois armários. Os quadros de cortiça contêm o painel do tempo, das presenças, do comportamento, das tarefas, o semáforo do comportamento, o horário da turma e alguns trabalhos realizados pelos alunos.

Relativamente à organização das secretárias, existe a secretária para a professora que se encontra localizada perto do quadro de giz virada de frente para as secretárias dos alunos.

### **1.3.3- Caracterização do Grupo**

O grupo, onde tive oportunidade de intervir, tem 20 crianças, 9 do sexo feminino e 11 do sexo masculino, a frequentar o 2.º ano, sendo que duas das crianças têm Necessidades Educativas Específicas (NEE) e não estão presentes na sala de aula a maior parte dos dias da semana. O grupo é composto por crianças com idades compreendidas entre os 7 e os 8 anos de idade. Ao realizar atividades, o diferente nível de desenvolvimento de cada criança do grupo é notório, pois apesar de frequentarem todas o mesmo ano de escolaridade, cada criança tem um ritmo diferente.

As disciplinas em que o grupo apresenta maior potencialidade são o Estudo do Meio, pois estão mais familiarizados com as temáticas e estas são também mais simples e a área das Expressões, pois é uma área que, além de envolver muito os alunos fisicamente, toda a turma fica muito entusiasmada com as atividades que estão relacionadas com esta mesma área. Relativamente à disciplina de Português, o grupo apresenta algumas dificuldades na leitura em voz alta e na escrita através de ditado ou não. No geral todos os alunos conseguem construir frases com facilidade. No que diz respeito à disciplina de Matemática, os alunos apresentam algumas dificuldades ao nível do cálculo mental e na realização de contas, através do método de

decomposição, relacionadas com a subtração, confundindo por vezes estas com as contas de adição. Na área das expressões, mais especificamente na Expressão Físico-Motora os alunos apresentam alguma dificuldade no que diz respeito ao manuseamento de bolas. Nas restantes áreas das expressões, os alunos não apresentam dificuldades muito significativas.

A turma, apesar de apresentar várias dificuldades, consegue envolver-se bastante na dinâmica das aulas quando têm contacto com materiais didáticos, a sua utilização estimula o seu envolvimento, concentração e aprendizagem. O grupo caracteriza-se como sendo calmo, no entanto tem momentos em que é bastante conversador, apesar disso em momentos de trabalho torna-se bastante interessado e envolvido em todos os trabalhos realizados, comunicam bastante e são muito recetivos a novas aprendizagens.

No que diz respeito à relação que cada membro do grupo estabelece com o outro, em geral todos os elementos estabelecem uma boa relação entre si e entre os membros da comunidade escolar.

#### **1.3.4- Projeto Educativo da Professora Cooperante**

A professora cooperante não tinha um projeto de sala definido, sendo que se regia pelo projeto adotado pela instituição. O projeto educativo da instituição está integrado no Projeto Educativo do Agrupamento. Este entrou em vigor no ano de 2013.

As linhas orientadoras do projeto do agrupamento, estão na base da intervenção dos vários docentes e assentam em vários princípios e valores, tais como: uma escola inclusiva que tem lugar para todos, a promoção de participação de todos os parceiros, alunos, encarregados de educação, corpo docente (funcionários e professores), guiando-se por valores universais e humanistas de liberdade, solidariedade, justiça, preservação de saúde e do ambiente educativo, respeito e aceitação do outro e das suas diferenças. Desta forma, uma das principais prioridades do agrupamento é a promoção de uma escola de dignidade, disciplina, responsabilidade e autoridade, partindo sempre do princípio de que na escola a educação é o seu centro e é algo que nunca se esgota.

O projeto educativo deve ser construído a partir de um documento orientador. Este, deve conter opções educativas, a organização institucional e os processos de avaliação do agrupamento, no qual se refere os princípios e valores, enriquecidos pela sociedade abrangente. Nele propõe-se cumprir a sua missão, que é formar cidadãos ativos e produtivos, com capacidade de decisão, tudo isto por terem frequentado uma escola onde se aprender a aprender, a agir ou a fazer, a estar e a ser, sempre através do saber.

É desta forma que, todos os intervenientes do processo educativo devem, de modo colaborativo, desenvolver boas práticas de acordo com padrões de rigor, exigência e qualidade, no sentido de

um processo de crescimento contínuo e aprendizagem sequencial fundamentado, refletido e articulado, promovendo uma escola de dignidade, disciplina, responsabilidade e autoridade.

Dignidade, através do respeito pela instituição e pelos indivíduos que a utilizam para ensinar e aprender. Disciplina, através das atitudes e comportamentos adequados aos diversos níveis e contextos em que cada um se insere. Responsabilidade, através do cumprimento de tarefas e funções e por cada um dos intervenientes de forma individual. E autoridade, através do conhecimento da posição ocupada na hierarquia institucional e do reconhecimento dos direitos e deveres de cada uma delas.

O projeto educativo tem diversos objetivos, tais como: estimular a mobilização, a participação e cooperação de todos os elementos da comunidade educativa, construindo-se como uma organização que pensa de forma contínua em si própria, na sua estrutura e missão e que se confronta com o desenrolar da sua atividade num processo simultâneo avaliativo e formativo, articulando os esforços e aproveitando todas as oportunidades que estão ao seu alcance.

Desta forma, é através do projeto educativo, a escola deve promover a construção de uma educação para todos, que afirme a diversidade e a diferenciação pedagógica na qual a sequencialidade, articulada com vários níveis de ensino, seja uma realidade. A sua meta inicial deve ser a capacidade de incutir a mudança nas práticas de gestão curricular, no sentido de melhorar a eficácia da resposta educativa aos problemas resultantes da diversidade dos contextos escolares e assegurar que todos os alunos aprendam mais, obtendo assim melhores resultados.

### **1.3.5- Projeto de Intervenção**

Após a primeira semana de observação de estágio, percebi que o grupo se envolvia bastante em atividades relacionadas com o lúdico e que interligassem várias áreas. Assim, como forma de responder às necessidades e interesses do grupo, o projeto que implementei em contexto de estágio intitulou-se de: “A relação entre as várias áreas - Interdisciplinaridade”.

Considero que esteve adequado a esta faixa etária e permitiu-me trabalhar todas as áreas curriculares presentes no programa do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Pombo et. al. (1993, p.10) define interdisciplinaridade como “(...) objeto de significativas flutuações: da simples cooperação de disciplinas ao seu intercâmbio mútuo e integração recíproca ou, ainda, a uma integração capaz de romper a estrutura de cada disciplina e alcançar uma axiomática comum.” Desta forma, considero que consegui despertar o interesse dos alunos para conteúdos que estes tinham uma visão de serem mais “chatos” e desinteressantes.

Ao longo da implementação do presente projeto, tive oportunidade de colocar em prática diversas atividades, práticas ou teóricas, que relacionaram diversas áreas de conteúdo. Todas estas atividades se encontram mencionadas em anexo (anexo XIX).

Relativamente aos materiais utilizados, estes foram na sua totalidade elaborados por mim e preparados previamente tendo em conta as necessidades e limitações do grupo.

### **1.3.6- Principais Atividades**

Para Bordenave e Pereira (1977, p. 124) “As atividades são os veículos usados pelo professor para criar situações e abordar conteúdos que permitam ao aluno viver as experiências necessárias para a sua própria transformação.”

Quando planifiquei atividades para o grupo, tive sempre em consideração que estas fossem apelativas. Desta forma, as crianças iriam ficar motivadas não só em participar, mas também em aprender novos conteúdos. De acordo com Roloff (s.d.) “O lúdico pode trazer à aula um momento de felicidade, seja qual for a etapa de nossas vidas, acrescentando leveza à rotina escolar e fazendo com que o aluno registre melhor os ensinamentos que lhe chegam, de forma mais significativa.”.

Como se encontra referido em cima, no âmbito do projeto implementado em contexto estágio, realizei uma vasta diversidade de atividades das quais destaco duas. Estas intitulam-se de “Percurso dos Sinais de Trânsito” e “Construção de uma Banda Desenhada”. Destaco estas duas atividades devido a ambas se destacarem das restantes, de forma muito positiva, sendo que consegui, através das mesmas, enriquecer os conhecimentos de todas as crianças do grupo.

A planificação da primeira atividade, intitulada de “Percurso dos Sinais de Trânsito”, encontra-se em anexo (anexo IX). Esta consistiu na realização de vários jogos relacionados com conteúdos, abordados anteriormente com o grupo, relacionados com a área do estudo do meio interligados com as áreas da expressão dramática e expressão físico-motora. Assim, a presente atividade foi iniciada com um jogo, intitulado de “Jogo do semáforo”. Para este jogo existiam três placas, uma placa verde, outra vermelha e outra amarela. Quando levantava a placa verde, os alunos andavam de forma acelerada pela sala, quando levantava a placa amarela os alunos andavam muito devagarinho, quando levantava a placa vermelha os alunos deviam parar. Após terminar o primeiro jogo, deu-se início a outro jogo. Este consistiu em montar um circuito no ginásio da escola e, distribuir sinais de trânsito por algumas crianças e distribuí-las por todo o percurso. Os restantes membros do grupo eram os carros e pretendia-se que percorressem todo o percurso respeitando os sinais de trânsito. De seguida, as crianças que estão a fazer de sinais de trânsito trocaram com os que estavam a fazer de carros e fizeram o percurso, mas desta vez

como se fossem peões, devendo de igual forma respeitar os sinais de trânsito. A atividade terminou quando todas as crianças fizeram o percurso como condutores e como peões, respeitando sempre os sinais de trânsito.

Relativamente à segunda atividade, “Construção de uma Banda Desenhada”, encontra-se planificada em anexo (anexo XI). Para iniciar a atividade foi feita uma introdução, através de um breve diálogo, acerca da definição dos vários elementos que fazem parte de uma banda desenhada (vinheta, tira, prancha e balão). De seguida, iniciou-se a leitura de uma banda desenhada do manual de português do 2.º ano.

A leitura é foi realizada uma vez por mim e, depois, por um aluno. Este terminou assim que lhe dei indicação para tal, sendo que dei indicação a outra criança para continuar a respetiva leitura e assim sucessivamente até que todas as crianças do grupo tenham tido oportunidade de ler. Ao terminar a leitura, o grupo resolveu vários exercícios de interpretação relacionados com a banda desenhada, sendo que estes estavam também no manual. Estes exercícios foram posteriormente corrigidos no quadro, usando como recurso o quadro interativo. Assim que todas as crianças terminaram os exercícios, com auxílio e através de um diálogo em grande grupo, foi realizada uma chuva de ideias no quadro acerca das regras de segurança rodoviária que estavam presentes na banda desenhada. A partir das mesmas e ainda em grande grupo, as crianças construíram uma banda desenhada que posteriormente foi ilustrada, de forma individual, numa folha que lhes foi disponibilizada, elaborada anteriormente. A aula terminou com um diálogo com o grupo acerca da banda desenhada que cada criança realizou.

Como reflexão final de ambas as atividades, considero que ambas resultaram muito bem com o grupo e que todos os objetivos previstos nas planificações foram atingidos. Em suma, considero que o balanço final da implementação das presentes atividades foi bastante positivo, pois consegui ter em consideração vários critérios necessários à sua realização, apoiados sempre numa análise crítica, de forma a melhorar numa próxima intervenção. Senti que todo o grupo estava envolvido e interessado nas atividades implementadas, e que aprenderam comigo. Em anexo encontra-se uma avaliação reflexiva das atividades (anexo X e XII).

### **1.3.7- Avaliação do Projeto**

Ribeiro, L. (1990, p. 15) considera que “(...) a avaliação pode assumir diversas formas e diversas dimensões consoante o contexto em que se insere, o âmbito e a natureza do projeto que se tem em vista.”

A avaliação do presente projeto baseou-se na utilização de estratégias como a observação direta, o registo fotográfico, grelhas de observação, notas de campo reflexivas e o registo audiovisual. Assim, para avaliar a qualidade do projeto implementado, baseei-me essencialmente no envolvimento e interesse por parte das crianças nas atividades e conteúdos. Todos estes métodos de avaliação foram previamente autorizados por parte dos encarregados de educação.

No final de todas as semanas, em grande grupo, tentei sempre refletir acerca de todas as atividades que foram realizadas ao longo da semana. Neste momento, todas as crianças tinham oportunidade de exprimir a sua opinião acerca do que tinham gostado mais, do que achavam que deviam melhorar na sua prestação bem como expor algumas das suas dificuldades.

No geral, todas as planificações, elaboradas no âmbito do projeto implementado em contexto estágio, foram ao encontro dos objetivos previstos do projeto. Ao realizar as mesmas, tive sempre em consideração as características individuais de cada criança do grupo, bem como os seus interesses e necessidades.

Em jeito de conclusão, considero que o balanço final do respetivo projeto foi bastante positivo, sendo que consegui envolver todas as crianças do grupo em todas as atividades, motivando-as sempre a aprender novos conteúdos.

#### **1.4- Prática de Ensino Supervisionado em 1.ºCEB em 3.º e/ou 4.º ano**

##### **1.4.1- Caracterização da Sala**

A sala, onde tive oportunidade de realizar o estágio, é espaçosa, organizada, tem capacidade para aproximadamente 25 alunos, embora a turma seja composta por 20 alunos, tem bastante claridade natural e iluminação. Esta tem ainda ar condicionado, dois computadores, sendo que um é para a professora trabalhar e o outro serve para projetar no quadro interativo conteúdos que estão a ser lecionados, um quadro de giz, três quadros de cortiça e dois armários. Os quadros de cortiça têm afixado quais os chefes do dia e alguns trabalhos realizados pelos alunos. Ao fundo da sala encontra-se a área da biblioteca, esta contém alguns trabalhos realizados pelos alunos relacionados com as leituras que fazem ao longo do ano letivo e um armário onde as crianças guardam os seus manuais e cadernos diários. Junto ao quadro de giz está exposto um semáforo de comportamento de todos os elementos da turma.

Relativamente à organização das secretárias, a secretária da professora encontrava-se localizada perto do quadro de giz, no entanto está ao mesmo nível das secretárias dos alunos, virada de frente para o quadro de giz. A disposição das secretárias das crianças foi alterada várias vezes ao longo da realização do estágio.

### **1.4.2- Caracterização do Grupo**

O grupo, onde tive oportunidade de intervir, tem 20 crianças, 9 do género feminino e 11 do género masculino, a frequentar o 4.º ano, sendo que uma das crianças tem Necessidades Educativas Especiais (NEE) e, geralmente, não está presente na sala de aula quando estão a ser lecionados conteúdos relacionados com a área da matemática, do português e do estudo do meio. O grupo é composto por crianças com idades compreendidas entre o 9 e os 11 anos de idade. Ao realizar atividades, o diferente nível de desenvolvimento de cada criança do grupo é notório, pois apesar de frequentarem todas o mesmo ano de escolaridade, cada criança tem um ritmo diferente de aprendizagem.

As áreas em que a turma apresentava mais motivação e potencialidades são as áreas das expressões, pois é uma área que, além de envolver muito os alunos fisicamente, toda a turma fica muito entusiasmada com as atividades que estão relacionadas com esta mesma área. Relativamente à disciplina de estudo do meio, o grupo, no geral, apresenta alguma dificuldade em vários conteúdos quando não são abordados de forma prática. No que diz respeito à disciplina de português, o grupo, no geral, apresenta alguma dificuldade nos alguns conteúdos relacionados com a gramática, no entanto na interpretação de texto e na leitura não apresenta muitas dificuldades. Quanto à área da matemática, o grupo, na sua maioria, apresenta bastantes dificuldades em grande parte dos conteúdos, especialmente na resolução de problemas.

A turma, apesar de apresentar várias dificuldades, consegue envolver-se bastante na dinâmica das aulas quando têm contacto com materiais didáticos, a sua utilização estimula o seu envolvimento, concentração e aprendizagem. O grupo caracteriza-se como sendo calmo, no entanto tem momentos em que é bastante conversador, apesar disso em momentos de trabalho torna-se bastante interessado e envolvido em todas as atividades propostas, comunicam bastante e são muito recetivos a novas aprendizagens.

No que diz respeito à relação que cada membro do grupo estabelece com o outro, em geral todos os elementos estabelecem uma boa relação entre si e entre os membros da comunidade escolar. No entanto, por vezes, as crianças têm bastante dificuldade em aceitar a opinião do outro quando é diferente da sua, em trabalhar em cooperação com o outro e em aceitar perder. O último fator é bastante visível quando realizam jogos em expressão físico-motora.

### **1.4.3- Projeto Educativo da Professora Cooperante**

A professora cooperante não tinha um projeto de sala definido, sendo que se regia pelo projeto adotado pela instituição. Uma vez que, o meu estágio, foi realizado na mesma instituição que o estágio anterior, o projeto encontra-se descrito no ponto acima.

### **1.4.4- Projeto de Intervenção**

A escolha do tema do projeto a desenvolver neste contexto de estágio surgiu através da observação do comportamento da turma e de uma conversa informal com a professora. Desta forma, decidimos então implementar atividades e momentos que permitam ao grupo compreender a importância do respeito pelos colegas, dos valores a manter como membro da sociedade e o trabalho em grupo. Assim, o projeto implementado neste contexto de estágio intitulou-se de “Trabalho Cooperativo – Respeito pelo Outro”. O desenvolvimento do tema foi feito através de atividades relacionadas com todas as áreas curriculares.

Arends (2008, p. 345) afirma que:

Os alunos em situações de aprendizagem cooperativa são encorajados e/ou obrigados a trabalhar em conjunto numa tarefa comum e têm de coordenar os seus esforços para concluírem a tarefa. Da mesma forma, na aprendizagem cooperativa, dois ou mais indivíduos são interdependentes para conseguir uma recompensa que irão partilhar, se forem bem sucedidos como grupo.

De acordo com Oliveira-Formosinho (2011, p.92), “O momento de trabalho em pequenos grupos é entendido como um tempo que permite o alargamento das experiências de aprendizagem e a sua sistematização.” Deste modo, optámos por implementar, ao longo do projeto, diversas atividades realizadas em pequenos grupos, com a intencionalidade de estas partilharem experiências e saberes entre si, promovendo uma boa relação entre as mesmas.

Para que um dia as crianças se tornem indivíduos capazes de viver em sociedade devem adquirir determinados valores. Podemos entender valores como algo que está diretamente ligado às nossas ações e características morais, que nos orientam nas relações do dia-a-dia (Lima, 2016). Embora a aprendizagem de valores da vivência em sociedade seja algo que os alunos devem aprender, num primeiro momento, em casa, cabe-nos a nós, enquanto futuras profissionais da educação, incluir o respeito pelo próximo em contexto de sala de aula. A aquisição de valores é um processo paralelo com a construção da personalidade de valores de cada indivíduo (Virães, 2013). Visto que, é na escola que os alunos passam a maior parte do tempo, durante essa fase de desenvolvimento, é importante que a aprendizagem e/ou reforço de valores esteja implícita

no ensino. Nem sempre a falta dessas competências se deve à falta de transmissão de valores desde cedo, visto que muitos dos casos que, tanto eu como o meu par e estágio, observámos em contexto estágio, correspondiam a crianças às quais em casa eram incutidos bastantes valores e regras de convivência. No entanto, o desenvolvimento das personalidades dos alunos e as situações que ocorrem entre as mesmas levam a que muitas vezes as crianças se esqueçam das regras que devem respeitar e dos valores dos quais não se podem esquecer.

Desta forma, através das atividades desenvolvidas pretendíamos trabalhar com os alunos alguns valores, como a solidariedade, a compaixão, a compreensão, a ajuda, entre outros.

Relativamente às planificações e materiais elaborados, no âmbito da implementação do projeto, estas foram elaboradas em par de estágio, sendo que todos os materiais foram construídos de raiz por nós. Em anexo, encontra-se a planificação geral do projeto (anexo XX).

#### **1.4.5- Principais Atividades**

No âmbito do projeto, implementado em contexto de estágio, tive oportunidade de colocar uma grande diversidade de atividades em práticas, das quais destaquei apenas duas. Estas intitulam-se de “Experiências com o som” e “Dramatização com Fantoques”. Optei por destacar devido ao facto de ambas terem sido atividades muito inclusivas, incluindo todas as crianças do grupo, nomeadamente a criança com NEE. Assim, considero que estas foram das atividades que mais enriqueceram a realização do projeto.

No que se refere à primeira atividade, “Experiências com o som”, esta está planificada em anexo (anexo XIII). Quando idealizei esta atividade, previ e planifiquei cerca de três experiências, no entanto apenas foi possível realizar duas das experiências planificadas. Para iniciar a presente atividade, optei por dialogar com o grupo acerca do conteúdo que ia ser trabalhado, de modo a perceber quais as conceções prévias das crianças. Este diálogo teve como suporte um pequeno resumo acerca dos conteúdos. Seguidamente, o grupo foi dividido em grupos de três elementos, em que cada grupo tinha um guião para preencher. Depois, seguiu-se a realização de duas experiências. A primeira experiência consistiu em bater com uma peça de metal em várias garrafas de vidro com diferentes níveis de água, enquanto uma criança batia, a outra pousava a cabeça na mesa para sentir as ondas sonoras e depois trocavam. O objetivo desta experiência era perceber através de que meio o som se propagava. A segunda, e última experiência que foi realizada, consistiu em cada grupo elaborar um telefone com copos descartáveis e um fio de lã. Depois de elaborado o telefone, uma criança colocou um dos copos no ouvido, enquanto outra criança falou para o outro copo. O objetivo desta experiência era os alunos perceberem qual o meio onde se propaga o som e se conseguem ouvir o que o colega diz. Todas as crianças tiveram

oportunidade de explorar os materiais. No final de cada experiência, todos os grupos reponderam, em conjunto, às questões presentes no guião experimental. A atividade terminou com uma discussão reflexiva acerca das respostas que cada grupo continha no guião experimental.

Segundo a Organização Curricular e Programas de 1.º CEB de Expressões (1991, p.82):

Num jogo dramático estão sempre presentes os sinais exteriores do corpo no espaço, através da mimica, dos gestos, das atitudes, dos movimentos e da utilização de objetos. As crianças, em interação, irão explorando a dimensão não-verbal em improvisações que poderão partir de histórias, contos ou situações dramatizadas.

A segunda atividade, “Dramatização com fantoches”, encontra-se planificada em anexo (Anexo XV). Esta foi de longa duração, sendo que o tempo previsto para a mesma foi de uma semana em que o grupo tinha cerca de 1h e 30 min. por dia em que trabalhava nesta atividade. No primeiro dia da semana, o grupo realizou a leitura e interpretação do texto que iam, posteriormente, dramatizar. No segundo dia, foi feita a correção de todos os exercícios de interpretação, realizados no dia anterior, oralmente e no quadro. Ainda neste dia, o grupo foi dividido em grupos de três elementos. No quarto dia, os grupos elaboraram os seus fantoches, com vários materiais que lhes foram disponibilizados por mim e pela instituição, e treinaram a dramatização. Por último, no quinto dia, todos os grupos tiveram oportunidade de apresentar a sua dramatização. Todas as apresentações foram guardadas em registos audiovisuais.

Em suma, refletindo acerca da primeira atividade, considero que resultou muito bem com o grupo, no entanto alteraria, numa próxima intervenção, apenas um aspeto. Este está relacionado com a gestão de tempo, pois não foi possível realizar todas as experiências devido à necessidade que as crianças tiveram em explorar todos os materiais. Desta forma, numa próxima intervenção, irei focar-me mais na exploração de materiais, disponibilizando mais tempo às crianças para tal, e planificar menos experiências. Ainda assim, senti todo o grupo muito envolvido ao longo da realização das experiências, destacando-se a criança com NEE que participou ativamente nas mesmas.

No que diz respeito à segunda atividade, considero que todas as crianças se envolveram bastante na mesma, especialmente na elaboração do fantoche e na dramatização. O tempo previsto para esta atividade estava adequado, sendo que não foi necessário prolongá-lo ou antecipá-lo e todos os grupos se conseguiram organizar bastante bem para trabalhar. No final, o resultado de todas as dramatizações foi bastante bom e todas as crianças estiveram muito entusiasmadas na

realização e apresentação das mesmas. Se voltasse a repetir esta atividade, não alteraria nenhum aspeto, pois todas as estratégias que utilizei resultaram bastante bem. Em anexo encontram-se as avaliações de ambas as atividades (anexos XIV e XVI).

#### **1.4.6- Avaliação do Projeto**

A avaliação do presente projeto implementado em contexto de estágio foi realizada com base em duas componentes, uma analítica e uma reflexiva. A analítica refere-se a uma breve análise todos os trabalhos realizados e experienciados, por nós, par de estágio, e pelos alunos. Relativamente à análise reflexiva, esta refere-se aos vários diálogos, em grande grupo, onde são discutidos vários aspetos a melhorar nas atividades.

Desta forma, apesar de, por vezes, as planificações que elaborámos terem de sofrer pequenas alterações, todos os objetivos previstos nas mesmas foram atingidos, não prejudicando em nada a nossa prática. Quando elaborámos as nossas planificações tivemos sempre em consideração as necessidades do grupo, desta forma optámos sempre por planificar atividades que proporcionassem ao grupo momentos de aprendizagem prazerosos e gratificantes, incluindo sempre todos os elementos do mesmo.

Considero que, ao longo do estágio, pude observar bastantes melhorias no comportamento das crianças quando trabalhavam em grupo e partilhavam ideias. Inicialmente, as crianças ficavam bastante incomodadas com o facto de não poderem escolher o grupo com quem queriam trabalhar, no entanto com o passar das semanas, existiam cada vez menos crianças a sentirem-se incomodadas relativamente a este fator.

Deste modo, considero que as atividades que implementei, tanto eu como o meu par de estágio, ao longo da nossa prática, proporcionaram ao grupo bons momentos de trabalho em cooperação. Permitiram ainda que as crianças vivenciassem momentos de exploração e de aprendizagens muito prazerosas. No geral, grande parte das atividades necessitavam de muitos materiais didáticos e eram bastante práticas e interativas, o que fez com que as crianças se sentissem muito motivadas e interessadas em participar nas mesmas.

Assim, faço um balanço muito positivo deste projeto, pois, tanto eu como o meu par de estágio, conseguimos atingir todos os objetivos previstos e ao mesmo tempo responder a grande parte das necessidades de todas as crianças pertencentes o grupo.

Realizámos a análise do nosso projeto através de momentos reflexivos, revistos fotográficos e registos audiovisuais. Como forma de divulgar o presente projeto, recorreremos à elaboração de

um vídeo que continha todos os registos, quer fotográficos quer audiovisuais. Este vídeo foi projetado no quadro interativo e mostrado a todas as crianças da turma.

## **2. Percurso de Desenvolvimento Profissional – Autodiagnóstico**

No presente ponto pretendo refletir e desenvolver um autodiagnóstico, acerca de todas as aprendizagens adquiridas ao longo de todo o meu percurso de formação. Vou ainda destacar todas as dificuldades surgidas, bem como a forma como superei as mesmas e expor um pouco o meu crescimento desde o início da minha formação até agora, ao final.

### **2.1- Prática de Ensino Supervisionado- Creche**

O primeiro estágio que tive oportunidade de realizar, referente ao mestrado, foi em creche numa sala de dois anos. Considero que este estágio foi dos mais importantes para a minha formação enquanto futura profissional de educação, pois foi o meu primeiro estágio em creche. Ao longo do mesmo percebi o quanto o papel do educador é importante para o desenvolvimento físico e social de cada criança. De acordo com as OCEPE (2016, p.10):

Cabe ao/à Educador/a apoiar e estimular esse desenvolvimento e aprendizagem, tirando partido do meio social alargado e das interações que os contextos de educação de infância possibilitam, de modo a que, progressivamente, as escolhas, opiniões e perspetivas de cada criança sejam explicitadas e debatidas.

Deste modo, o educador de infância deve incentivar a criança a defender os seus ideais, bem como a respeitar os mesmos do outro.

Ao longo deste estágio surgiram-se várias dificuldades relacionadas com a planificação de atividades, bem como com o fio condutor das mesmas e a implementação de um projeto de estágio. Como forma de essas dificuldades surgidas, optei por realizar várias pesquisas. Ainda segundo as OCEPE (2016), o facto de a criança ter oportunidade de escolher como e com o que pode brincar, na creche e no jardim de infância, permite-lhe desenvolver os seus interesses e promove relações entre crianças. Assim, em par de estágio, optámos por implementar um projeto baseado na exploração livre de vários materiais, no entanto todas as atividades partiam da leitura de uma história. Senti que, à medida em que fui intervindo e implementando diversas atividades, cada vez me sentia mais apta e capacitada para exercer a profissão de educadora de infância. A implementação deste projeto e as experiências que fui vivenciando com o grupo, enriqueceram a minha formação enquanto futura docente.

Ainda ao longo da realização do estágio em contexto de creche, através da observação direta, apercebi-me que os pais tinham ainda um papel fulcral na vida escolar das crianças. A escola influencia menos os discentes do que, por exemplo, a família e a classe social do mesmo (Bolívar et al., 2000, p.30). Assim, ao existir um trabalho cooperativo por parte dos educandos e da escola, a educação da criança torna-se mais rica e precisa.

Em suma, considero que este estágio foi fulcral para o crescimento da minha formação, tanto profissional como pessoal e, à medida que ia intervindo, a minha evolução profissional foi notória. Relativamente às dificuldades que foram surgindo ao longo da realização do mesmo, estas foram superadas através de várias pesquisas, que influenciaram também a minha intervenção pela positiva.

## **2.2- Prática de Ensino Supervisionado- Jardim de Infância**

O presente estágio em Jardim de Infância, foi o segundo estágio de intervenção que realizei ao longo da minha formação em mestrado. Este foi realizado numa sala com crianças de várias idades (dos 3 aos 6 anos).

Ao iniciar este estágio, um dos aspetos que foi mais visível foi o quanto a presença de uma rotina diária para as crianças é importante para que estas adquiram uma noção temporal. Uma rotina educativa é intencionalmente planeada pelo educador e conhecida pelas crianças (OCEPE, 2016).

Ao longo deste estágio tive oportunidade de intervir e implementar diversas atividades, algumas de carácter livre e exploratório, outras bastante orientadas e com um propósito muito direto. Cardona (1999, p.137) destaca a importância das atividades livres e afirma que, “(...) para além do seu grande potencial educativo, podem ter um papel fundamental no estimular da participação das crianças, permitindo-lhes integrar-se gradualmente no trabalho da sala, conhecer os colegas, elaborar pequenos projetos em pequenos grupos que funcionam como mediadores.”

Considero que, a realização do presente estágio, foi fundamental para a minha formação enquanto futura profissional de educação. Ao longo do mesmo, surgiram-me diversas dificuldades, estas foram superadas através de várias leituras e de conversas informais, tanto com a minha professora supervisora como com a educadora cooperante. Em suma, a realização deste estágio, não só foi uma mais valia para adquirir experiência na área, como também para adquirir novas aprendizagens que, por sua vez influenciaram e melhoraram a minha prestação profissional.

### **2.3- Prática de Ensino Supervisionado- 1.º CEB- 2.º ano**

Este foi o meu segundo estágio em 1.º CEB, porém foi a primeira vez que tive oportunidade de intervir nesta valência. Inicialmente, tinha bastante receio em intervir neste contexto, pois comparando com a educação pré-escolar, existem algumas diferenças, tanto relativas ao funcionamento e rotina, como às crianças em si. O facto de este estágio não ser realizado a pares, também influenciou o meu receio inicial em realizar o mesmo. No entanto, logo a partir da primeira semana de estágio, de observação direta, consegui ultrapassar todos os receios iniciais.

Ao longo do presente estágio tive oportunidade de intervir de forma individual e também de forma conjunta, com a professora cooperante. Todas as atividades que implementei foram pensadas e planificadas por mim sendo que, por vezes, surgiram-me diversas dificuldades relacionadas com a gestão de tempo. Como forma de ultrapassar estas dificuldades, optei por realizar várias pesquisas e por recorrer a uma conversa informal, tanto com a minha professora orientadora de estágio como com a professora cooperante de turma. Também à medida que fui intervindo consegui adaptar-me ao ritmo de trabalho de cada criança, respeitando o mesmo.

A planificação da organização do grupo, relacionada com a organização espaço-tempo da sala, por vezes não proporciona às crianças momentos de práticas educativas que promovam uma igualdade de participação por parte das mesmas (Cardona et al. 2015, p.73). Ao longo do estágio e à medida em que implementava atividades e introduzia conteúdos, tive sempre o cuidado de proporcionar, a todas as crianças do grupo, a oportunidade de participarem.

Considero que, o facto de realizar o estágio sem par de estágio, foi sem dúvida uma mais valia pois, para além de as aprendizagens adquiridas durante o mesmo serem bastante mais ricas, a minha relação com a professora cooperante foi bastante forte e positiva.

Concluindo, posso afirmar que este estágio teve um papel fulcral para, futuramente decidir qual a valência que devo optar por exercer. Este foi, portanto, das experiências mais importantes na minha formação, pois nele tive oportunidade de intervir, gerir um grupo, introduzir novos conteúdos e planificar atividades sem auxílio.

### **2.4- Prática de Ensino Supervisionado- 1.º CEB- 4.º ano**

Este foi o meu terceiro estágio em 1.º CEB e o meu último estágio do mestrado. É de destacar que realizei este estágio na mesma instituição do estágio anterior pelo que, considere uma mais valia, pois já estava familiarizada com a instituição. Desta forma, o grupo que me acolheu neste último estágio era uma turma de 4.º ano.

Ao longo do presente estágio, tive oportunidade de colocar em prática diversas atividades, tanto de forma individual, como em conjunto com o meu par de estágio. Devido ao estágio anterior ter sido realizado na mesma instituição e ter sido tão rico em aprendizagens, no presente estágio a minha intervenção foi bastante facilitada. Desta forma, não destaco nenhuma dificuldade especificamente.

Segundo Altet (1997, p. 42) “A aprendizagem por projeto é concebida como uma resposta a uma necessidade, a um problema.” Assim, em conjunto com o meu par de estágio, optámos por realizar um projeto que respondesse a uma necessidade do grupo em que estávamos a intervir, nomeadamente melhorar o comportamento da turma quando trabalhava em grupo. Um ambiente de aprendizagem cooperativa permite aos alunos aprenderem competências sociais e de colaboração importantes que lhes irão ser bastante úteis para o seu futuro (Bassedas, Heguet e Solé, 1999).

Para Cardona et al. (2015, p. 84):

A forma como processa e trabalha a avaliação é uma estratégia fundamental para a evolução do seu trabalho e pode incentivar a reflexão também por parte das crianças sobre os respetivos comportamentos e atitudes e sobre as aprendizagens que vão realizando.

Assim, como forma de avaliar a eficácia do nosso projeto, optámos, muitas vezes, por recorrer a uma estratégia reflexiva em que, no final de cada atividade, era realizada uma reflexão oralmente e em grande grupo. Nesta, as crianças tiveram oportunidade de manifestar as suas dúvidas e receios, bem como o que gostaram mais ao longo das atividades/aulas. Esta constou sempre nas planificações, no entanto não foi planificada de forma detalhada. Avaliar a evolução das aprendizagens, não tem necessariamente que decorrer de situações previamente planificadas. (Cardona et al., 2015)

Em suma, considero que a realização do presente estágio de intervenção contribuiu bastante para enriquecer a minha formação. O facto deste último estágio ser realizado a pares, foi também uma mais-valia pois, apesar de considerar o anterior bastante benéfico por ter sido realizado de forma individual, este proporcionou-me uma oportunidade de conhecer outro método de trabalho e de partilhar diferentes experiências.

## **2.5- Percurso de Desenvolvimento Investigativo**

Ao longo da realização dos diversos estágios, mencionados anteriormente, realizei diversas pesquisas e surgiram vários temas que me despertavam interesse para realizar a presente

investigação, tais como: o jogo, o brincar e os vários tipos de atividades relacionadas com a aprendizagem e com a brincadeira livre.

Nos dois primeiros estágios, em pré-escolar, e até ao primeiro estágio de 1.º CEB surgiu-me interesse em realizar uma investigação acerca da importância da brincadeira livre e da brincadeira orientada para o desenvolvimento da criança. Com esta investigação pretendia perceber qual tipo de brincadeira que seria mais importante planear e propor em contexto jardim de infância, isto é, qual trazia mais vantagens à criança do ponto de vista do seu desenvolvimento e aprendizagem. Na perspetiva de Marques (2019, p.22):

Brincar é uma das tarefas da infância com maior responsabilidade no desenvolvimento cognitivo, emocional, social e motor. Através do brincar assiste-se ao desenvolvimento da criatividade, da imaginação, da experimentação de papéis e da compreensão do mundo que rodeia a criança.

No entanto, com o decorrer dos estágios e com a realização de várias pesquisas, percebi que seria mais interessante realizar uma investigação no enquadramento da mesma problemática, mas mais relacionada com o lúdico e com o que a criança pode aprender através do mesmo. Isto é, conceitos como o jogo e o brincar estão muito ligados ao conceito do lúdico. Desta forma, despertou-me bastante interesse em realizar o meu estudo acerca das atividades lúdicas, porque considero que o lúdico está muito presente no dia-a-dia da criança e que uma aprendizagem através do mesmo será sempre muito enriquecedora.

Assim, através de várias leituras exploratórias e com a realização do último estágio, despertou-me interesse de efetivar como problemática da minha investigação “A importância das atividades lúdicas na aprendizagem da criança em contexto pré-escolar e 1.º CEB”. Os momentos de brincadeira trazem vantagens sociais, afetivas e cognitivas para o desenvolvimento das crianças, através dos mesmos as crianças crescem e descobrem o mundo (Sarmiento et al., 2017).

## **Parte II- Exercício Investigativo**

### **1- Contextualização do Estudo**

O presente exercício investigativo surgiu no âmbito do mestrado em Educação Pré-escolar e 1.º CEB. Com este, pretendo dar resposta a questões que ficaram pendentes ao longo da realização das várias práticas educativas realizadas também no âmbito da realização do mestrado, referido acima. Apesar de todas as práticas educativas terem contribuído para que a temática da investigação me despertasse interesse, a última prática foi fulcral para que chegasse ao tema final, “A importância das atividades lúdicas para a aprendizagem da criança na educação pré-escolar e 1.º CEB”.

De acordo com Sarmiento e Fão, citado por Sarmiento et al. (2017), considera que as atividades lúdicas, permitem à criança criar novos laços sociais, adquirir novas aprendizagens e conhecimentos, ultrapassar obstáculos e proporcionam-lhe novas sensações. Deste modo, uma vez que este tipo de atividades traz inúmeras vantagens para a criança, considere pertinente realizar uma investigação, à luz do estudo de vários autores, de modo a perceber quais as vantagens que este tipo de atividades trazem à criança, como é feita a sua planificação e implementação e, por último, qual a opinião dos educadores e professores acerca da implementação das mesmas.

Assim, este estudo partiu das questões orientadoras seguintes:

1. O que se entende por atividades lúdicas na educação pré-escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico?
2. Quais as estratégias utilizadas pelos educadores/professores?
3. Quais as vantagens e desvantagens da utilização das atividades lúdicas?

A partir das questões orientadoras, referidas acima, formularam-se os objetivos seguintes:

- A. Identificar as conceções dos educadores/professores acerca das atividades lúdicas;
- B. Comparar as conceções e aprendizagens entre a educação pré-escolar e o 1.º Ciclo do Ensino Básico;
- C. Identificar de que forma são planificadas as atividades, estratégias e objetivos;
- D. Identificar as estratégias pedagógicas para planificar, implementar e avaliar as atividades lúdicas;
- E. Perceber se os educadores(as)/professores(as), ao realizar atividades lúdicas, obtêm resultados positivos e notáveis na aprendizagem dos alunos;
- F. Compreender se as atividades lúdicas auxiliam a aprendizagem da criança.

## 2- Revisão de Literatura

### 2.1- O lúdico, o jogo e o brincar - Enquadramento concetual

De acordo com Sant`Anna e Nascimento (2011), a palavra “Lúdico” tem origem do latim *ludus* e significa brincar. No brincar incluem-se os jogos, os divertimentos e os brinquedos relativos a um sujeito que joga, que se diverte e brinca (Santos, 1999). Assim, sempre que falamos ou ouvimos falar em lúdico, normalmente, associamos este conceito ao jogo e à brincadeira. Por outro lado, segundo Macedo, Petty e Passos (2005, p. 20), o termo lúdico, na sua perspetiva simbólica “(...) significa que as atividades são motivadas e históricas.” Para os mesmos autores:

Lúdico (...) é equivalente a desafiador, a algo que nos pega por sua surpresa, pelo gosto de repetir em outro contexto. Surpreendente significa que não se controla todo o resultado, que algo tem sentido de investigação, de curiosidade, de permissão para a pessoa dizer o que pensa ou sente, de expressar suas hipóteses. (2005, p. 19)

Ao realizarmos várias pesquisas e leituras acerca destes conceitos, o jogo e o brincar, facilmente nos apercebemos das várias perceções e pontos de vista que existem acerca dos mesmos. Garvey define o brincar como sendo “(...) um sistema afetivo-comportamental. Não possui, no entanto nenhum comportamento próprio ou objetivo exclusivo.” (1992, p.14), o mesmo autor considera ainda que o brincar é um “(...) resultado natural de um processo de crescimento físico e cognitivo.” (1992, p. 177).

De acordo com Macedo, Petty e Passos (2005, p. 14), “O brincar é jogar com ideias, sentimentos, pessoas, situações e objetos em que as regulações e os objetivos não estão necessariamente predeterminados.”

Outra perspetiva acerca deste conceito é que “(...) o brincar é fundamental para a formação do carácter e da personalidade da criança.” (Sarmiento et al. 2017, p. 42)

Para Pinto (2003, p. 20) “Brincar é um ato espontâneo, faz parte da natureza da criança, que deve brincar com brinquedos, com animais, usando apenas o próprio corpo, sozinha ou em grupo.”

Estas afirmações remetem-nos para diferentes visões acerca do brincar. Por um lado, o brincar é visto como um “comportamento próprio” ou um “resultado natural”, por outro lado, também o podemos considerar como o ato de “jogar com ideias”, assimilando o mesmo ao jogo. Em contrapartida, o brincar pode ainda ser visto como algo fulcral para formar o carácter e a

personalidade da criança (Sarmiento et al., 2017, p. 42). Podemos ainda considerar o brincar como algo natural na criança e que esta pode fazê-lo de diversas formas (Pinto, 2003).

Fazendo uma breve análise do termo acima, considerando todas as leituras realizadas acerca do mesmo, verificamos que o termo “brincar” está relacionado com o termo “jogar”, na medida em que, por vezes, quando brincamos estamos a brincar com materiais ou objetos ou a jogar com situações ou sentimentos (Macedo, Petty e Passos, 2005, p.14). Assim, quando falamos em brincar, muitas vezes, incluímos o jogo ou estamos a referir-nos ao jogar com algo ou alguém. Neste sentido, para Macedo, Petty e Passos (2005, p.14):

O jogar é um dos sucedâneos mais importantes do brincar. O jogar é o brincar em um contexto de regras e com um objetivo predefinido. Jogar certo, segundo certas regras e objetivos, diferencia-se de jogar bem, ou seja, da qualidade e do efeito das decisões ou dos riscos.

Para Chateau (1987, p. 6) “O jogo é sério, possui quase sempre regras severas, comporta fadigas e, por vezes leva mesmo ao esgotamento. Não é um simples divertimento, mas muito mais.”, o mesmo autor refere ainda que “O jogo dá origem a muitas atividades superiores, senão mesmo a todas elas: arte, ciência, trabalho, etc. Constitui, pois, como que o vestíbulo natural dessas atividades. É por seu intermédio que a criança pode chegar a elas.” (Chateau, 1987, p. 134).

De acordo com Kishimoto, T. M. (1994, p. 113) “(...) todo jogo acontece em um tempo e espaço, com uma sequência própria da brincadeira.”

Através de várias leituras e tendo em conta as afirmações acima, podemos considerar que o jogo se encontra diretamente interligado com o brincar, sendo que vários autores fazem referência a este fator, nomeadamente afirmam que este é um dos “sucédâneos do brincar”. Por outro lado, é ainda importante ter em consideração algumas das características do mesmo. Isto é, podemos ver o jogo como algo sério que possui regras severas e comporta fadigas (Chateau 1987, p. 6) e que serve para dar origem a outras atividades que podem estar relacionadas com diversas áreas (Chateau, 1987, p. 134). Em contrapartida, este pode estar apenas associado a uma sequência de uma brincadeira que acontece num tempo e num espaço (Kishimoto, 1994, p. 113).

Refletindo acerca destes três conceitos (lúdico, brincar e jogo), conseguimos perceber a existência de uma ligação entre os mesmos, pois o brincar e jogo fazem parte do lúdico ou o lúdico é associado a estes dois conceitos. Macedo, Petty e Passos (2005, p. 20) destacam a existência de uma dimensão lúdica, bem como a importância da mesma para “se relacionar com o mundo: pela via do conceito, da imaginação, do sonho, da representação, do jogo simbólico.”

Em suma, todos estes conceitos não têm uma definição única e concreta, sendo que, de autor para autor, através de várias leituras, conseguimos perceber a existência de vários pontos de vista. Desta forma, também “cada criança tem seu estilo de jogo, como cada artista tem o seu estilo característico.” (Chateau, 1987, p. 136).

## **2.2- Atividades Lúdicas - Definição e Planificação**

Ao longo dos anos, têm surgido várias definições acerca da atividade lúdica. De acordo com Garvey:

No decorrer do decurso da última década tem-se tornado cada vez mais evidente que é impossível definir a actividade lúdica como uma espécie particular de atuação ou um conjunto de ações. Saltar, atirar pedras, correr atrás de alguém, até mesmo fazer uma pergunta, ou imitar a maneira de falar ou os movimentos de outra pessoa pode ser feito a brincar, mas também pode, evidentemente, fazer-se a sério e sem objetivo lúdico. (1992, p. 13).

No entanto, para Sarmento et al. (2017, p. 42) “A atividade lúdica é o meio mais natural para a aprendizagem e tem efeitos sobre o desenvolvimento da criança.”

Para Santos (1999, p.19) “As atividades lúdicas são a essência da infância.”

Deste modo, segundo os autores acima, é muito complexo encontrar uma definição para a atividade lúdica. Por um lado, podemos considerar este tipo de atividades como sendo um conjunto de ações ou, mais especificamente, o ato de correr, saltar, atirar pedras, imitar movimentos, entre outros (Garvey, 1992). Por outro lado, as atividades lúdicas podem ainda ser vistas como um meio natural para aprender e, por consequência, influenciar o desenvolvimento da criança (Sarmento et al., 2017). Podemos ainda considerá-las como uma essência da infância (Santos, 1999).

Ao realizar diversas leituras, apercebemo-nos que, grande parte dos autores, quando se referem ao brincar, não podem deixar de incluir o lúdico. O primeiro autor remete-nos para uma visão relacionada com comportamentos associados ao ato de brincar. O segundo autor, faz referência à aprendizagem através de atividades lúdicas. Assim, refletindo acerca destas perspetivas, permite-nos chegar à questão principal deste estudo, será que as atividades lúdicas podem influenciar e contribuir para a aprendizagem da criança? O próximo tópico foca-se especificamente nesta temática, a aprendizagem através das atividades lúdicas.

Importa ainda refletir acerca de que forma um profissional de educação pode planificar este tipo de atividades, quais os primeiros passos que importam dar e quais as áreas que podem ser

trabalhadas através das mesmas. É assim, importante que cada docente adote a sua própria estratégia de planificação, tendo em conta as características individuais do grupo com que se encontra a trabalhar. Assim, todas as necessidades do grupo serão respondidas.

Quando pensamos numa atividade e realizamos a planificação da mesma, é importante começarmos por definir objetivos a cumprir com a implementação da mesma. “O estabelecimento de objetivos supõe de um processo de reflexão, de depuração e de explicitação do que se quer fazer.” (Zabalza, 2001, p. 82) Assim, podemos considerar este processo de reflexão como essencial para a realização da planificação e para a implementação de atividades.

### **2.3- A Atividade Lúdica no Processo de Aprendizagem**

De acordo com Garvey (1992, p. 13) “(...) a atividade lúdica tem sido relacionada com a criatividade, com a resolução de problemas, com a aprendizagem da linguagem, com o desenvolvimento dos papéis sociais, e com numerosos outros fenómenos cognitivos e sociais.”

Sarmiento et al. (2017) considera que as oportunidades lúdicas inseridas em momentos de rotina, como o recreio, estão associados a alguns constrangimentos que provêm da prioridade concedida às atividades ditas mais “formais” realizadas, por norma, em contexto de sala de aula. No entanto, o mesmo autor, refere ainda que “As oportunidades à ludicidade, indispensável à aprendizagem social das crianças, devem-se aos momentos da sua permanência no recreio.” (Sarmiento et al., 2017, p. 75)

Através destas afirmações, podemos relacionar a criatividade, a resolução de problemas, a aprendizagem da linguagem, o desenvolvimento de papéis sociais, entre outros, com a atividade lúdica (Garvey, 1992). Associando a existência das mesmas aos constrangimentos das atividades realizadas em contexto de sala (Sarmiento et al., 2017). Neste sentido, numa primeira análise, é importante percebermos então o que se entende por aprender.

Giordan (1998, p. 35) refere “(...) o aprender como sendo um simples mecanismo de registo. Efectuado por um cérebro «virgem», disponível e sempre atento, a aquisição de um saber é considerada o fruto direto de uma transmissão.” O mesmo autor, define aprender como sendo um ato individual que leva um individuo a questionar-se, do que é ou faz, levando-o a correr riscos de ir numa direção que o próprio não controla (Giordan, 1998).

Macedo (2005, p.11) afirma ainda que “Ao aprender, temos de aumentar ou transformar nosso presente e nosso passado, comprometendo o futuro, por aquilo que nos tornamos.”

De acordo com Pickard (1976, p. 63) “(...) as crianças não aprendem a crescer, embora o que comam lhes afete o crescimento. A linguagem que falam qualquer que seja, não surge do crescimento, mas é ensinada e elas a aprendem.”

Tendo em conta as afirmações acima, referentes a vários autores, o aprender pode ser visto como um simples ato individual de um cérebro que está atento e a adquirir novos saberes (Giordan, 1998). Através deste mesmo ato, temos oportunidade de aumentar/transformar o nosso passado e presente, influenciando o nosso futuro dependendo daquilo que nos estamos a tornar (Macedo, 2005). Assim, quando as crianças aprendem, não aprendem a crescer, apesar do que comem lhes afetar o crescimento, apenas aprendem a linguagem que, por sinal, lhe é ensinada (Pickard, 1976).

Como se encontra referido no ponto anterior, quando falamos em atividades lúdicas, muitas vezes, associamos as mesmas ao jogo e ao brincar. Assim sendo, quando associamos a aprendizagem a atividades lúdicas, é importante perceber de que forma se pode adquirir conhecimentos e competências através do jogo e do brincar, bem como quais as vantagens que a realização destas atividades traz à criança. Sarmeto et al. (2017) considera que o brincar está fortemente ligado à aprendizagem, especialmente em crianças que estão nos seus primeiros anos de vida. Assim, através dos brinquedos e da brincadeira, a criança encontra e descobre qual o seu papel no mundo (Sarmeto et al. 2017).

Para Oliver:

O jogo permite-lhe descobrir o mundo, integrar-se na comunidade, efetuar as suas próprias experiências. Constitui o “significado” da sua vida e intervém de forma decisiva na sua personalidade. Se esta necessidade de brincar não for satisfeita na infância, pode vir a influenciar mais tarde o comportamento do homem ou da mulher. (1976, p. 24)

Segundo Garvey:

Brincar é um comportamento muito frequente em períodos de expansão intensa do conhecimento de si próprio, do mundo físico e social e dos sistemas de comunicação; o que nos pode levar a supor que a atividade lúdica está intimamente relacionada com estas áreas do desenvolvimento. (1992, p. 7)

Falar das vantagens do brincar e do jogar, bem como das aprendizagens que a criança pode adquirir através de destes dois atos, permite-nos ter várias visões acerca dos mesmos. Muitas vezes, nós adultos, quando falamos em brincar desvalorizamos este ato e consideramos que o mesmo é bastante infantil e que não transmite nada de novo à criança. No entanto, à luz de

vários autores, o ato de brincar é visto como algo bastante útil e traz à criança inúmeros benefícios, transmitindo-lhes múltiplas aprendizagens.

De acordo com Borja Solé (1980) citado por Sarmiento et al. (2017, p. 42), “o brincar não pode ser considerado pelos adultos apenas como um simples passatempo ou diversão, mas sim como uma aprendizagem para a vida adulta.” Aos olhos de Macedo, Petty & Passos (2005, p. 14) “O brincar é sério, uma vez que supõe atenção e concentração.” Assim, é fulcral que o adulto comece a olhar para o brincar como algo que é sério e que traz inúmeros benefícios às crianças, transmitindo-lhe várias aprendizagens.

Refletindo acerca das afirmações acima, ao brincar e jogar, a criança constrói e descobre a sua própria personalidade, descobrindo qual o seu papel no mundo. Quando a criança brinca, explora o mundo e, ao mesmo tempo, adquire várias aprendizagens. Desta forma, ao brincar e jogar a criança está também a responder a uma necessidade própria. (Oliver, 1976; Garvey, 1992)

No entanto, Ferland citado por Sarmiento et al. (2017, p. 42) afirma que:

(...) a criança, enquanto brinca, não tem como primeiro objetivo o aprender, e que se aprender alguma coisa é por “acidente”, pois ela “brinca para brincar”, isto é, não há uma racionalização prévia da criança de que vai “brincar para aprender”.

Esta afirmação conduz-nos para uma diferente visão acerca do aprender através da brincadeira. Isto é, sempre que a criança brinca, aprende de forma indireta pois, quando a criança começa a brincar apenas pensa nisso mesmo, em brincar. No entanto, enquanto brinca e se concentra apenas nisso, está a aprender, a descobrir e explorar novos materiais/aspetos, nem estar a dar por isso. Ou seja, está a aprender de forma indireta.

Em última análise, o lúdico é visto como algo simbólico, que aumenta as possibilidades de integração do mundo e que permite que a criança imagine, pense e se questione (Macedo, 2005). As atividades lúdicas, permitem à criança a formação de um autoconceito positivo, um desenvolvimento integral, uma vez que através delas, a criança se desenvolver a nível de afetos e convive socialmente (Santos, 1999). O trabalho com jogos possibilita também um vasto e rico arsenal de possibilidades, contribui para a relação de relações sociais direcionado para a aprendizagens relacionada com os valores (Macedo, Petty & Passos, 2005). Brincar ajuda, então, no desenvolvimento físico, afetivo, intelectual e social da criança. (Santos, 1999). Desta forma, através das atividades lúdicas, a criança forma conceitos, relaciona ideias, estabelece relações lógicas, desenvolve a expressão corporal e oral, fortalece capacidades sociais, reduz

os comportamentos de agressividade e, por último, integra-se na sociedade com o seu conhecimento próprio contruído (Santos, 1999). Assim, o jogo tem um papel de extrema importância na saúde física e mental (Santos, 1999).

Macedo, Petty & Passos (2005, p. 16) destacam que ao:

“Valorizar o lúdico nos processos de aprendizagem significa, entre outras coisas, considerá-lo na perspectiva das crianças. Para elas, apenas o que é lúdico faz sentido. Em atividades necessárias (dormir, comer, beber, tomar banho, fazer xixi), por exemplo, é comum as crianças introduzirem um elemento lúdico e as realizarem agregando elementos como os que serão analisados a seguir.”

Neste sentido, para Santos (1999, p.20) “(...) ao valorizar as atividades lúdicas, ainda a percebemos como uma atividade natural, espontânea e necessária a todas as crianças, tanto que o BRINCAR é um direito da criança reconhecido em declarações, convenções e leis a nível mundial.” Assim, sem jogo a criança não tem uma infância feliz e saudável (Olivier, 1976).

#### **2.4- O Papel do Educador/Professor no processo de desenvolvimento de atividades lúdicas**

“O papel do educador é proporcionar uma variedade de oportunidades nas quais as crianças são motivadas a se envolver individualmente e colaborativamente.” (Brock et al. 2011, p. 42) Neste sentido, cabe ao profissional de educação criar oportunidades lúdicas que motivem as crianças e lhes proporcionam momentos prazerosos.

Macedo, Petty & Passos (2005) referem que uma escola obrigatória que não inclui o lúdico, não “segura” os alunos devido à falta de recursos cognitivos que os mesmos têm. Isto é, as crianças acabam por nem colocar a hipótese de a escola lhes poder transmitir momentos bons. (Macedo, Petty & Passos, 2005). As crianças vivem o momento e as atividades diferentes, jogos e brincadeiras, despertam e muito a sua atenção (Macedo, Petty & Passos, 2005).

A realização de várias leituras permitiu que refletisse acerca do papel do profissional de educação na escola/ambiente educativo. Segundo os vários autores, acima, cabe ao profissional de educação proporcionar momentos prazerosos à criança e motivar a mesma a ter um papel ativo na sua vida escolar. É importante que a criança veja a escola como algo bom e que lhe proporciona bons momentos.

Ainda segundo Macedo, Petty & Passos (2005, p. 20):

O espírito lúdico expressa uma qualidade de transitar ou percorrer os modos - impossível, circunstancial, necessário e possível – do ser das coisas. Se falta o lúdico, pode ser que a ironia, o desinteresse, o ceticismo ou a violência ocupem o seu lugar.

Deste modo, de forma a motivar a criança no seu percurso escolar, é importante que a instituição/escola tenha presente o lúdico. Quando brincamos com diferentes recursos, em diferentes níveis de desenvolvimento, estamos a desempenhar variadas funções (Garvey, 1992).

Neste sentido, Santos (1999, p. 12) idealiza o lúdico como sendo:

(...) uma necessidade do ser humano em qualquer idade e não pode ser vista apenas como diversão. O desenvolvimento do aspecto lúdico facilita a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social e cultural, colabora para uma boa saúde mental, prepara para um estado interior fértil, facilita os processos de socialização, comunicação, expressão e construção do conhecimento.

Desta forma, a presença do lúdico é fulcral para o desenvolvimento da criança e permite que esta adquira uma grande quantidade de aprendizagens, quer no seu percurso académico como fora do mesmo (Santos, 1999). Brincar deve ainda ser visto como algo sério, sendo uma necessidade básica como a educação (Santos, 1999). Podemos considerar o jogo como sendo uma forma de uma criança se expressar de forma espontânea e necessária (Clément Launay citado por Olivier, 1976, p.24).

Para Macedo, Petty & Passos (2005, p. 17) “Em jogos e brincadeiras, as tarefas ou atividades não são meios para outros fins, são fins em si mesmos.” Assim, ao praticar jogos e brincadeiras as crianças estão a aprender e a atingir os fins pretendidos, não sendo estes atos utilizados como meios para atingir outros fins. Santos (1999) considera que o jogo simbólico permite que a criança crie vivências do “mundo adulto” o que, posteriormente, possibilita uma ligação entre o mundo real e o mundo imaginário.

Em última análise, o professor deve adotar um papel que proporcione experiências e vivências prazerosas para a criança. Uma vez que a presença do lúdico nas escolas é uma mais valia para que seja possível criar momentos de prazer e de aprendizagem para a criança, então é fulcral que o professor adote uma estratégia que inclua o lúdico na sua metodologia de trabalho.

#### **2.4.1- O professor enquanto planejador**

De acordo com Ribeiro & Ribeiro (1990, p. 88) “Quando se planeja um curso, programa ou unidade didática, uma decisão crucial é a de escolher os objetivos ou resultados de aprendizagem que os alunos não-de alcançar, após o processo de ensino em que estarão envolvidos.”

Deste modo, quando um docente inicia a planejamento de uma atividade, é importante que comece por definir objetivos e aprendizagens que pretende atingir com a atividade. Por outro lado, Pinto (2003, p. 21) refere que “Cada criança tem o seu próprio ritmo, que deve ser respeitado.” Assim, outro aspecto que o profissional de educação deve ter em conta, quando pensa e planeja uma atividade, é o ritmo de cada criança do grupo, sendo que cada criança tem o seu próprio ritmo. O mesmo autor refere ainda que cada criança deve ser respeitada e que, ao dar oportunidade que cada criança escolha o seu próprio material, permite que esta só pare de brincar quando realmente estiver preparada para tal (Pinto, 2003). O professor/educador deve, então, “evitar todo o tipo de violência contra a criança.” (Pinto, 2003, p. 65)

Brock et al. (2011) refere que os profissionais de educação devem proporcionar à criança ambientes para uma aprendizagem rica, que promova a brincadeira (espontânea, imaginária, criativa) e, assim, capacitar a criança a completar o seu potencial de aprendizagem.

Em última análise, quando um profissional de educação planeja uma atividade deve, então, começar por definir objetivos e aprendizagens a atingir, tendo sempre em conta as necessidades e características individuais de cada criança.

#### **2.4.2- O professor enquanto implementador**

Após várias pesquisas e leituras, a literatura leva-nos a refletir acerca da forma como o educador deve ou não colocar em prática as atividades lúdicas, quais os impedimentos, as potencialidades e quais os aspectos que estes devem levar em consideração.

O espaço lúdico não tem necessariamente que ser apenas aplicado em sala de aula, pode ser incluído em todo o contexto pedagógico, ou seja, em toda a instituição (Pinto, 2003).

Quando um ambiente é alfabetizador, a criança interage com um ambiente rico, estimulante que a convida a aprender. A sala deve dispor de jogos, brinquedos, som, recursos visuais, e, principalmente, um profissional responsável e preparado para atuar nesse espaço. Se o professor não tiver uma postura interdisciplinar diante do conhecimento – nenhuma metodologia vai funcionar. (Pinto, 2003, p. 65)

Para Brock et al. (2011, p. 37) “Os educadores precisam de proporcionar ambientes divertidos e estimulantes que promovam atividades práticas e o uso de recursos interessantes e, dessa forma, permitir que as crianças iniciem as suas próprias aprendizagens (...).”

Assim, um dos aspetos, enquanto implementador de atividades lúdicas, que o profissional de educação deve ter em consideração, é a criação de um espaço lúdico que permita que a criança entre em contacto com ambiente saudável, rico em aprendizagens e com diversos recursos que lhe despertem a atenção. Desta forma, a criança fica motivada e interessada por novos e diversos conteúdos de aprendizagem.

Pinto (2003, p. 66) evidencia que “A criança, que é respeitada, confia mais nos adultos e tem mais interesse em aprender o conteúdo escolar.” Para o mesmo autor, o ambiente deve então ser preparado para estimular a criança relativamente para o conteúdo que se está a trabalhar (Pinto, 2003). Deste modo, é igualmente importante que as paredes da sala estejam preenchidas e coloridas e que todo o conteúdo visual seja transformado em jogos, brincadeiras e músicas de modo a que as crianças aprendam com alegria (Pinto, 2003).

Em suma, quando o educador implementa uma atividade lúdica, para além das necessidades de cada criança, deve ter ainda em conta o ambiente, quer dentro da sala de aula, quer fora da mesma. A criança deve, então, sentir-se integrada, respeitada e motivada à aprendizagem. Uma das formas de motivar a criança a aprender, é a utilização de diferentes materiais e a disposição do ambiente de aprendizagem. Assim, cabe ao professor proporcionar ao grupo todas as condições de aprendizagem referidas, acima, pela literatura.

### **2.5- Gestão curricular no quadro do desenvolvimento de atividades lúdicas**

Numa primeira análise, quando falamos em gestão curricular, importa percebermos o que se entende por currículo e gestão. Desta forma, conseguimos perceber melhor em que consiste este termo, o que nos permite refletir melhor acerca do mesmo.

Para Roldão e Almeida (2018, p. 7) o “(...) currículo escolar é – em qualquer circunstância – o conjunto de aprendizagens que, por se considerarem socialmente necessárias num dado tempo e contexto, cabe à escola garantir e organizar.”

“Da perspetiva do professor e do aluno, o currículo materializa-se, assim, no horário de atividades lectivas a cumprir na escola, para que o aluno possa concluir um determinado ciclo, nível ou curso.” (Ribeiro e Ribeiro. 1990. p. 47)

Ainda para os mesmos autores “Os currículos traduzir-se-iam numa listagem ou esquema de temas e tópicos por área disciplinar (ou disciplina), apresentando uma certa organização e

sequencia, a que se acrescentam, por vezes, algumas indicações ou sugestões metodológicas no tratamento dos conteúdos programáticos enunciados.” (Ribeiro e Ribeiro, 1990, p. 47)

“A gestão, em qualquer campo, é, essencialmente, um processo de tomada de decisões orientado para as finalidades que se pretendem atingir. Trata-se, portanto, de um processo que implica analisar a situação que se apresenta e confrontá-la com o que se pretende conseguir.” (Roldão e Almeida, 2018, p. 18). Neste sentido, podemos considerar o currículo como um conjunto de conteúdos que devem ser abordados, sendo que cada instituição deve garantir que todos os conteúdos são trabalhados e gerir com que sequencia vão ser trabalhados (Roldão e Almeida, 2018). Por outro lado, este é visto, pelos docentes e discentes, como um horário de atividades a cumprir na escola (Ribeiro & Ribeiro, 1990). Os mesmos autores consideram que o currículo pode, ainda, ser visto como uma listagem com tópicos relativos a várias áreas (Ribeiro & Ribeiro, 1990). Relativamente à gestão, segundo os autores, a cima, esta encontra-se relacionada com a tomada de decisões relativas a finalidades a atingir (Roldão e Almeida, 2018).

De acordo com Costa et al. (2004, p. 62)

O domínio da gestão curricular situa-se precisamente no cruzamento entre o currículo e o desenvolvimento curricular, que poderá ser marcado pela centralização das decisões curriculares ao nível da Administração Central ou pelo deslocamento para as escolas de níveis e campos fundamentais de decisão.

Assim, podemos considerar que, a gestão curricular, está relacionada com a tomada de decisões relativas, neste caso, ao currículo escolar. Este conceito é inerente a qualquer prática docente e ocorre, em grande parte, em virtude de uma reflexão e ação dos professores e das escolas (Costa et al., 2004).

“A gestão curricular centrada na escola assenta no princípio da autonomia, iniciativa e responsabilização da instituição escolar, pressupondo a apropriação do currículo oficial/formal, numa dimensão estratégica.” (Costa et al. 2004, p. 63) Assim, o professor tem um papel fulcral no que se refere à gestão curricular escolar, na medida em que, ao adotar a sua própria estratégia, o docente tem oportunidade de adaptar o uso do currículo ao grupo em que se encontra a intervir.

Para Costa et al. (2004, p. 146):

Os processos de gestão curricular têm implicações profundas nas lógicas de funcionamento das escolas e na atitude profissional dos professores, na

medida em que se verifica uma deslocação dos centros de decisão e novas modalidades de articulação, entre diversos grupos e níveis de decisores.

Todo o processo de gestão curricular tem influência nas decisões dos docentes. Esta mudança exige que o docente coloque perspetivas acerca do seu percurso profissional, como gestor curricular, de forma intencional e tendo em conta as finalidades curriculares que pretende atingir (Costa et al., 2004). Para que todo este processo seja facilitado, é importante que exista um trabalho de cooperação entre docentes e, desta forma, irão conseguir gerir os processos de atuação e desenvolvimento profissional (Costa et al., 2004).

Em última análise, a gestão curricular é um processo que tem implicações na vida profissional do docente, porém, traz inúmeras vantagens. É importante que cada profissional de educação adote a sua própria estratégia, tendo em conta as características individuais do grupo a que se encontra a intervir. Uma boa gestão curricular permite ao docente transmitir inúmeras aprendizagens apropriadas ao grupo e presentes do currículo escolar e, ao mesmo tempo, permite que este disponha de mais tempo para realizar atividades que exijam mais tempo escolar.

### **3- Metodologia**

Ao longo deste capítulo, irei apresentar a metodologia utilizada para a realização do estudo. Assim sendo, é apresentado qual o tipo de estudo, os instrumentos utilizados para recolha de dados, os participantes e, por último, os procedimentos investigativos.

Investigar é bem mais do que encontrar respostas para os problemas, investigar é colocar problemas aos problemas ingenuamente ou preguiçosamente julgados resolvidos, investigar é criar problemas às fórmulas pronta-a-consumir, é criar mecanismos sempre cada vez mais profundos e rigorosos no sentido de analisar a realidade social para além das formas e das fórmulas crédulas e superficiais pelas quais julgamos ter resolvido o problema ou os problemas de análise. (Serra, Rosário, Granjo, & Cahen, 2013, p. 7)

#### **3.1- Tipo de Estudo**

Para que a realização deste estudo fosse possível, para além de, primeiramente, ter que pensar em enquadrar uma temática na mesma, foi também necessário encontrar uma metodologia adequada ao tema, sendo este “A importância das atividades lúdicas na aprendizagem da criança em contexto pré-escolar e 1.º ciclo do ensino básico”.

A natureza da presente investigação, enquadra-se numa abordagem qualitativa com características de investigação-ação. Desta forma, a pesquisa qualitativa não necessita de utilizar métodos e técnicas estatísticas, sendo uma pesquisa de carácter descritivo (Reis, 2010). O presente estudo, enquadra-se neste tipo de investigação, qualitativa, pois utilizei como instrumento de investigação entrevistas semiestruturadas, em que os dados não foram analisados através de resultados estatísticos.

A investigação qualitativa tem inúmeras vantagens. Desta forma, uma das suas vantagens é o facto de fornecer informação acerca do ensino e aprendizagem que, de uma outra forma, não é possível obter (Fernandes, 1991).

Para Afonso (2014), a investigação qualitativa procura recolher informação fiável e sistemática acerca de aspetos da realidade social, utilizando procedimentos empíricos com o propósito de relacionar conceitos que interpretem essa realidade.

#### **3.2- Participantes do estudo**

O presente estudo teve como participantes educadores, professores e alunos do distrito de Santarém e Lisboa. Desta forma, os primeiros sujeitos da amostra foram três educadoras, de duas creches e jardim de infância (IPSS), que se encontram a exercer funções educativas.

Os segundos sujeitos da amostra, são três professoras de 1.º Ciclo do Ensino Básico, um/a professora do 2.º ano, uma professora do 4.º ano e uma professora que se encontra a exercer no ensino doméstico, sendo que todos se encontram ativos profissionalmente.

Para terminar, foram selecionadas, para realizar uma breve entrevista, oito crianças que frequentam o 1.º CEB, sendo que quatro crianças frequentam o 2.º ano de escolaridade e as restantes quatro frequentam o 4.º ano de escolaridade. Importa ainda referir que quatro das crianças são do sexo feminino (duas frequentam o 2.º ano e duas que frequentam o 4.º ano) e as restantes quatro são do sexo masculino (duas frequentam o 2.º ano e duas que frequentam o 4.º ano).

### **3.3- Instrumentos de recolha de dados**

“A investigação qualitativa tem um foco multimetodológico, envolvendo abordagens interpretativas e naturalísticas dos temas estudados. O pesquisador qualitativo investiga num ambiente natural e interpreta os fenómenos, segundo os significados atribuídos pelos participantes.” (Acta Portuguesa de Nutrição, 2018, p. 31)

Como forma de iniciar e desenvolver a presente recolha de dados, optei por realizar entrevistas semiestruturadas, tanto aos docentes como aos discentes.

De acordo com Duarte (2004) as entrevistas são fulcrais quando se necessita de práticas, valores, crenças e classificar universos sociais, sendo que os conflitos e contradições não se encontram explicitados de forma clara. Assim, estas permitem que o investigador interprete a realidade do entrevistado de forma a compreender a mesma (Duarte, 2004).

De acordo com Reis (2010, p. 86):

Aquilo que distingue a entrevista não estruturada da semiestruturada é a utilização constante do quadro teórico que é utilizado para a construção do guião de entrevista. O discurso e o pensamento do entrevistado podem ser interrompidos com uma outra questão, de modo a balizar a informação que se pretende recolher. E o grau de ambiguidade é mais reduzido.

A escolha da realização de entrevistas semiestruturadas surgiu, devido ao facto de existir um guião com várias questões que visam apoiar o entrevistador e, ao mesmo tempo, permitem-lhe uma flexibilidade na ordem das questões auxiliando, desta forma, o desenrolar da entrevista.

Como forma de facilitar e estruturar as entrevistas, foi realizado um guião de entrevista, tanto para os docentes como para os discentes. Este guião está dividido em vários blocos, objetivos, tópicos e, por último, em questões utilizadas nas entrevistas (anexos XXI e XXII).

Relativamente ao guião direcionado aos docentes, no primeiro bloco, pretende-se informar o entrevistado acerca dos objetivos da entrevista, bem como legitimar a entrevista. O segundo bloco, tem como objetivo conhecer a formação académica dos entrevistados, bem como os seus anos de serviço e quantos discentes tem o grupo em que se encontram a intervir. Relativamente ao terceiro bloco, este relaciona-se com as conceções que os docentes têm acerca das atividades lúdicas. No quarto bloco, relacionado com a planificação de atividades, pretende-se identificar de que forma os docentes planificam as atividades, bem como as estratégias e objetivos utilizados pelos mesmos. O quinto bloco, referente à avaliação de atividades, procura identificar os métodos e estratégias de avaliação utilizadas pelos docentes. No que diz respeito ao sexto bloco, este refere-se à frequência com que os docentes realizam este tipo de atividades, lúdicas, bem como se os intervenientes concordam com o facto de estas contribuírem para a aprendizagem da criança. Por último, o sétimo bloco, procura agradecer ao interveniente pela participação e disponibilidade.

Relativamente ao guião de entrevista dos discentes, este é constituído por um bloco, referente às conceções das crianças acerca do que, para as mesmas, facilita a aprendizagem. Este procura identificar qual o tipo de atividades, recursos, conteúdos e estratégias que motivam mais as crianças à aquisição de novas aprendizagens.

Após a escolha da metodologia mais adequada para o presente estudo, recorri ao registo áudio como forma de registar todas as entrevistas na íntegra e, posteriormente, todas as entrevistas, tanto aos docentes como aos discentes, foram transcritas (anexos XXIII e XXIV).

### **3.4- Procedimentos investigativos**

A presente investigação teve origem em várias fases de recolha de dados. Assim, a primeira fase, decorreu ao longo da realização do mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, através da observação direta em quatro práticas de ensino supervisionado. “(...) a observação desempenha um papel de regulação no processo de tomada de decisões de um professor. (...)” (Serafini e Pacheco, 1990, p. 1).

Durante a realização das várias práticas de ensino supervisionado, suscitaram-me diversas curiosidades acerca da aprendizagem através de atividades práticas e relacionadas com o lúdico. Estas curiosidades levaram-me a realizar várias leituras acerca da presente temática, leituras estas que me auxiliaram na realização de um estudo mais sólido e claro.

Assim, todo este procedimento, possibilitou que, durante a realização das várias práticas de ensino supervisionadas, tivesse oportunidade de observar e identificar situações de

aprendizagem, interesse, motivação, entre outros, por parte das crianças. Algumas destas situações permitiram-me refletir acerca da minha prática, enriquecendo assim, o meu trabalho reflexivo.

Ainda no decorrer da investigação, numa fase seguinte, como já referido, foram implementadas entrevistas semiestruturadas tanto aos docentes como aos discentes. Para que a realização destas entrevistas fosse possível, foram realizados guiões para as mesmas. Estes dividiam-se em vários blocos e foram pensados de forma a que, tanto os docentes como os discentes, tivessem oportunidade de expressar a sua opinião e vivências, tanto acerca do presente tema, como acerca do método preferencial de aquisição de aprendizagens. Os guiões encontram-se em anexo (anexos XXI e XXII). Devo ainda destacar que, antes de iniciar a gravação das entrevistas, foi submetido um pedido de autorização para a gravação das mesmas. Seguiu-se então, numa fase após a realização de todas as entrevistas, a transcrição das mesmas. Estas transcrições encontram-se em anexo. (Educadores- Anexo XXVI; Professores- Anexo XXVII; Crianças- Anexo XXVIII).

Por último, foi elaborada uma análise de conteúdos retirados das entrevistas, tanto aos docentes como aos discentes. Esta análise foi dividida através de várias categorias e subcategorias, sendo que, ao longo de toda a análise, interliguei vários aspetos/temáticas com a opinião dos vários autores, de forma a criar uma discussão e análise de resultados mais viável e coesa. Relativamente às categorias, estas foram criadas com base nas questões presentes no guião de entrevista. As subcategorias, foram criadas consoante as respostas dos docentes, isto é, são palavras-chave referidas pelos docentes ao longo das entrevistas. Deste modo, ao observarmos a tabela de análise das entrevistas, conseguimos ter uma perceção, em síntese, das respostas dadas pelos docentes ao longo de toda a entrevista. No que se refere à análise das entrevistas das crianças, esta divide-se também em categorias e subcategorias, estando organizada da mesma forma que a dos docentes.

#### **4- Apresentação e análise dos resultados**

Ao longo deste capítulo é feita uma análise aprofundada dos resultados das entrevistas realizadas aos educadores/as, professores/as e crianças. Após analisar de forma distinta os dados recolhidos, será apresentada uma análise global reflexiva das entrevistas dos docentes e das crianças. Posteriormente, são apresentadas as principais conclusões retiradas, tendo em consideração o que é defendido pelos vários autores.

#### 4.1- Interpretação e análise das entrevistas das educadoras de infância

Ao longo deste ponto será apresentada uma tabela com categorias e subcategorias referentes à análise do discurso das educadoras de infância. Posteriormente, o discurso das educadoras será cruzado com o que a revisão da literatura.

Tabela 1- Categorias e subcategorias emergentes à entrevista às educadoras de infância.

Bloco Temático	Categoria	Subcategoria	N.º de Sujeitos
Bloco 1- Conceções das educadoras acerca do conceito e da utilização de atividades lúdicas	Atividades Lúdicas – Definição	Histórias	1
		Estratégias para Cantar	1
		Atividades na rua	1
		Explorar atividades	1
		Inovação	1
		Trazer uma mais-valia à criança	1
		Transmitir uma aprendizagem maior	1
		Brincar e Aprender	2
	Potencialidades	Introdução de novos conteúdos	1
		Lúdico	1
		Divertimento	1
		Brincar	1
		Atividades Lúdicas	1
	Constrangimentos	Poucos materiais disponíveis	1
		Ações de formação com preço elevado	1
		Trabalhar a atenção	1
Trabalhar a concentração		1	
Bloco 2 – Planificação das Atividades Lúdicas	Áreas	Em todas as áreas	3
		Desenvolvimento pessoal e social	1
		Social	1
		Linguística	1
		Matemática	1
		Música	1
		Grelha	1
	Estratégias de Realização	Propor atividades de acordo com o conteúdo	1
		Ter em consideração o que as crianças trazem/transmitem	2
		Planificação como orientação	1
		Fio condutor/Sequência	1
		Dialogar com o grupo	1
		Planear com as crianças	1
		Envolver o grupo	1
		Responsabilizar o grupo	1
	Criatividade	1	
	Imaginação	1	

	Objetivos Previstos	Contactar com diferentes experiências	1
		Contactar com diversos materiais	1
		Trabalhar a socialização	1
		Despertar a criança para o belo	1
		Desenvolver a concentração	1
		Desenvolver a lateralidade	1
		Desenvolver conteúdos inerentes a todas as áreas	1
		Objetivos presentes nas OCEPE	1
	Estratégias Utilizadas	Conversar	3
		Ter em conta os interesses das crianças	1
		Utilizar vários tons de voz	1
		Sentar o grupo em “roda”	1
		Envolver o grupo na atividade	1
		Jogos	1
Ser lúdico		1	
Bloco 3- Avaliação das Atividades Lúdicas	Estratégias de Avaliação de Objetivos	Conversa de grupo	1
		Observação direta	2
		Reações	1
		Envolvimento da criança	1
		Participação da criança	1
		Trabalhos realizados	1
	Estratégias de Avaliação das Atividades	Trabalhos	2
		Diálogo	3
		Registo escrito	1
		Registo oral	1
		Prática de conhecimentos	1
		Tempo de concentração	1
		Pronúncia	1
		Observação direta	2
Jogos	1		
Bloco 4- Realização das Atividades Lúdicas	Frequência de Realização	A frequência depende	1
		Com muita frequência	1
		Várias vezes ao dia	1
	Vantagens da Implementação	É muito vantajoso	3
		Auxilia a criatividade	1
		A brincadeira ajuda sempre	1
		O lúdico é fundamental	1
		Aprendem imenso a brincar	1

No que diz respeito à primeira questão da entrevista, relacionada com as atividades lúdicas, esta refere-se ao que os educadores/as entendem por essas mesmas atividades.

Para a Educadora 1 (E1) “As atividades lúdicas, depende da... há muita coisa que pode ser lúdica, uma história pode ser lúdica, depende da forma como ela é depois... as estratégias que nós utilizamos para contar não é.” Podemos ainda considerar “O sair à rua também pode ser

*uma atividade lúdica, a observação de obras de arte também, ouvir música clássica também,(...)*”(E1). Pode ainda depender “*(...) um bocado da forma como uma pessoa depois explora a atividade não é, mas aliás elas terão que ser/deveriam ser todas lúdicas não é, até porque a captação depois de aprendizagens para as crianças, aprendem com muito mais facilidade com as atividades lúdicas não é, portanto a inovação. (...)*.” (E1). Para a segunda entrevistada, as atividades lúdicas são “*Tudo o que possa trazer à criança uma mais-valia e uma aprendizagem maior sobre determinados conteúdos, de forma lúdica, lá está, a brincar vão aprendendo.*” (E2). O/A terceiro/a entrevistado/a considera que “*Então, as atividades lúdicas, em contexto pedagógico, são as atividades onde eles possam brincar e aprender. (...)*” (E3). Considera ainda que “*(...) as atividades lúdicas a nível de jardim de infância, têm sempre um contexto... tem sempre uma parte pedagógica, porque eles não brincam por acaso. (...) hum... então eles a brincar estão a aprender.*” (E3).

Desta forma, todas as entrevistadas entram em concordância acerca desta temática, considerando as atividades lúdicas como podendo pertencer a vários aspetos, nomeadamente o brincar, e que estas transmitem diversas aprendizagens à criança.

Para Santos (1999, p. 9) e de acordo com Sant`Anna e Nascimento (2011) “*A palavra lúdico vem do latim ludus e significa brincar.*” Como já referido, muitos dos autores, quando falam em algo lúdico estão a referir-se ao jogo e ao brincar. Desta forma, a opinião das várias educadoras entrevistadas, vai ao encontro da opinião dos vários autores. Assim sendo, à luz de Santos (1999), independentemente da cultura, classe social ou época, os jogos e os brinquedos estão incluídos na vida da criança, sendo que as mesmas num mundo de fantasia, de encanto, de sonhos. O jogo está relacionado com a descoberta de si mesmo, com a experimentação e com a capacidade de criar e de transformar o mundo (Santos, 1999).

No que concerne à questão seguinte, referente às “potencialidades e constrangimentos das atividades lúdicas”, para a primeira educadora (E1) “*Os constrangimentos... por exemplo se a pessoa não tiver muitos materiais, muitas coisas para utilizar. (...) também é importante uma pessoa fazer formação, estar sempre atualizada não é (...)* Depois os constrangimentos, às vezes, também são as ações de formação muito caras (...).” No entanto, para a segunda entrevistada “*A nível de constrangimentos, trabalhamos a atenção, a concentração deles, que nestas idades ainda é muito reduzida. Benefícios, lá está, a introdução de novos conteúdos e o lúdico, ou seja, o divertimento nestas idades.*” (E2). Em contrapartida, a terceira educadora tem uma visão diferente, pois não identifica constrangimentos. “*Constrangimentos... eu só identifico potencialidades, não identifico constrangimentos. Eu acho que a criança tem que brincar o mais que puder durante o pré-escolar todo. (...)* Mas este tipo de atividades é super

*importante, porque é assim, eles libertam-se e quando não o conseguem fazer é porque alguma coisa não está bem. Eu acho que é fundamental, é assim, o pré-escolar está sempre associado às atividades lúdico-pedagógicas, nem pode deixar de estar nunca, para mim, isso é o mais importante, além das atividades dirigidas, a parte lúdica, para mim, a parte das atividades livres são importantíssimas, porque eu acho que eles precisam. (...)*” (E.3). Para Pickard (1976, p. 68) “*Se as crianças não tiverem a oportunidade de brincar com tais brinquedos quando pequenas, então, mais tarde, passarão rapidamente pela fase de empurrar e puxar para ver como funciona o brinquedo, antes de o acionarem por si próprias.*”

De acordo Sarmiento et al. (2017, p. 42):

Ao brincar, a criança está a estimular a inteligência, porque este ato faz com que ela liberte a sua imaginação e desenvolva a sua criatividade, bem como possibilita o exercício de concentração e atenção para as diversas situações do seu quotidiano.

Assim, a opinião da última de educadora entrevistada, vai ao encontro do autor referido acima, pois o mesmo apenas menciona benefícios que o brincar traz à criança. Ainda segundo Teles (1997) citado por Sarmiento et al. (2017), ao brincar a criança está a explorar o mundo, a construir a sua própria sabedoria, a adquirir o respeito pelo outro, a autorrealizar-se, a desenvolver a imaginação e o sentimento de grupo. Assim, percebemos que, este tipo de atividades, segundo vários autores tem inúmeras potencialidades, transmitindo valores e saberes à criança. Relativamente às restantes educadoras entrevistadas, estas têm uma visão diferente acerca das potencialidades e constrangimentos, refletindo a partir de diferentes perspetivas dos autores referidos.

O segundo bloco, está relacionado com a planificação e a forma de realização da mesma. No que se refere à questão das áreas em que são realizadas as atividades lúdicas, as educadoras apresentam todas uma opinião consensual. “*Em todas! (...) se a pessoa quiser em todas. Pode utilizar na área do desenvolvimento pessoal e social... (...)*” (E1). “*Nestas idades, acaba por estar integrado em todas as áreas, trabalhamos todas, a parte social, a parte linguística, a parte da matemática. Ou seja, aqui utilizamos muito... na creche utilizamos muito a música e ela está inerente em todas as áreas.*” (E2). “*Quando é livremente, eles escolhem e pedem, vão ao mapa de atividades, normalmente... (...). Se for mais orientada por mim, quando eu vejo que há ali, que toda a gente quer, tento distribuir. (...) Portanto, todas as áreas são exploradas.*” (E3).

Assim sendo, segundo as entrevistadas, todas as áreas são exploradas ou possíveis de explorar, nas atividades lúdicas. Desta forma, à luz de Ferland (2006, p. 42) citado por Sarmiento et al. (2017) *“enquanto brinca, a criança está a desenvolver um “saber-fazer” e um “saber-ser”; ou seja, está a desenvolver aptidões e atitudes que irá utilizar em diversas situações do seu quotidiano e ao longo da sua vida.”* Deste modo, a criança tem oportunidade de desenvolver/adquirir conhecimentos acerca de diversas áreas/conteúdos, que lhe vão, futuramente, ser bastante úteis quer na sua vida pessoal e social como na sua vida profissional.

Relativamente às estratégias utilizadas pelas educadoras de infância, para a realização da planificação, estas são diversas e, por vezes, bastante pessoais ou dependentes do método de trabalho de cada instituição. *“Então nós temos uma grelha, onde temos várias áreas de conteúdo e depois hum... portanto propomos as atividades e também essas atividades são propostas de acordo com a temática que nós queremos trabalhar, de acordo com aquilo que eles trazem também de casa não é, porque às vezes também posso ter programado uma atividade e depois nesse dia não dar para fazer, eles podem ter trazido outra coisa qualquer e achar mais importante e, portanto, depois fazemos antes essa atividade, porque a planificação é só uma orientação, não é nada rígido, portanto nós podemos alterá-la sempre que haja necessidade.”* (E1). Assim sendo, primeira educadora, refere que realiza a sua planificação numa grelha, onde começa por pensar numa atividade e só depois adequa os objetivos e as áreas de conteúdo à mesma. No entanto, tem sempre em conta aquilo que as crianças “trazem” de casa, sendo que vê a planificação apenas como uma orientação e não como algo rígido que tem que ser cumprido. *“Claro que temos de ter um fio condutor, há coisas que nós sabemos que temos de fazer com as crianças não é, hoje apetece-me fazer isto, amanhã aquilo, não, não é assim e normalmente tenho sempre uma sequencia mas que... pronto e conversamos com eles, nós fazemos todos os dias a avaliação do dia, eles também vão dando algumas ideias e depois eu também vou aproveitando e falando com eles e depois planificamos também assim as atividades, não é sempre, mas muitas são planificadas assim.”* (E1). Deste modo, apesar de realizar as suas planificações e ter em conta as temáticas que as crianças “trazem” para a sala, para a primeira entrevistada, as atividades devem ter um fio condutor e, muitas vezes, planifica as atividades de acordo com os diálogos que tem com o grupo, procurado ir de encontro aos interesses do mesmo. *“Lá está, como estava a dizer, como nós trabalhamos numa instituição que trabalha o MEM, é muito ligado ao que as crianças trazem, ao que elas nos transmitem. É claro que é feita uma planificação, muitas vezes, semanal, mas às vezes tem que ser diária e às vezes momentânea, é muito construtiva.”* (E2). A segunda educadora tem uma opinião que vai de encontro com a primeira entrevistada. As planificações são feitas semanalmente ou

diariamente, procurando ter em conta o que surge no dia-a-dia do grupo, bem como os seus interesses e necessidades. A terceira educadora entrevistada, está em concordância com as restantes educadoras entrevistadas, no sentido em que planifica as atividades com as crianças, tendo em conta as necessidades e interesses de cada indivíduo do grupo. *“(...) As atividades são elaboradas, são planeadas todos os dias. De manhã, nós elaboramos o nosso plano do dia, fazemos a avaliação do que é que tinha sido feito no dia anterior ou não foi, no diário de grupo. Depois voltamos a avaliar no final da tarde e no plano do dia nós temos: o que nós queremos fazer, quem faz e depois da avaliação.” (E3).* No entanto, a mesma educadora, utiliza o tempo da tarde, para realizar atividades direcionadas, ou relacionadas com o projeto que está a trabalhar de momento, ou para abordar determinada temática/conteúdo que considere interessante, mas que não surgiu de forma espontânea. *“(...) depois do trabalho participado à tarde, lá está, aí sim trabalhamos mais a matemática ou a escrita ou as ciências, e quando há projetos também é mais nas tardes.” (E3)* Desta forma, a educadora refere que não tem uma planificação diária, mas sim os planos do dia, realizados com as crianças diariamente, e um projeto de sala. *“(...) A planificação, é claro que nós também vamos orientando e canalizando, às vezes, para onde nós queremos. (...) Não há uma planificação, é assim, eu tenho um projeto, onde estão os objetivos, que são literalmente os que estão nas OCEPE, (...) Onde está a caracterização do grupo feita, a planta da sala, (...) está de acordo com o projeto. (...) Mas, a nível do planeamento diário, os planos do dia, está lá tudo na sala, mas planificado com eles. É assim, eu posso ter uma orientação minha, não é, (...) eu tenho que ter mais ou menos para aquele mês o que é que eu penso fazer, mas até pode estar lá só metade ou até pode estar tudo ou até nem pode estar nada daquilo. Porque é assim, porque eles canalizam para outro lado, é muito flexível. A ideia aqui é que sejam eles, como cidadãos pequenos, mas que vão entrar breve num outro mundo, que sejam eles a ter a opinião e a poder participar nas decisões tomadas na sala e é assim eles dão opinião e depois vemos se concordamos, se não concordamos, o que é que está bem, o que é que está mal... envolve-los cada vez mais e, de certa forma, responsabilizá-los (...).” (E3).*

Ribeiro & Ribeiro (1990) destaca a importância de selecionar objetivos de aprendizagem dos alunos/crianças e que é igualmente importante que os professores se deem conta da importância e valor educativo dos quadros de justificação.

Ainda referente ao segundo bloco, mais especificamente, ao método de previsão dos objetivos para as atividades lúdicas, todas as educadoras expressam diferentes opiniões. No entanto, no final, todas vão ao encontro umas das outras. *“A criatividade, assim por alto, a imaginação, a criatividade, desenvolver a imaginação, a criatividade, contactar com um determinado tipo de*

*experiências, contactar com diversos tipos de materiais também, a socialização, o despertar um bocado para o belo, levar a criança a despertar para a parte do belo e ensiná-los também a ver um bocado o mundo também de uma forma diferente, não é, porque quando nós utilizamos, por exemplo, o sapatinho da Joana Vasconcelos, não é, é uma obra de arte, portanto e as obras de arte o que é que nos permitem, permitem-nos que nós consigamos olhar para o mundo de uma forma diferente, e eu acho que é importante também eles desde pequeninos, eles comecem também a ter esse tipo de contactos não é, e de experiências.” (E1).* A segunda educadora, não especificou muitos objetivos que possam ser desenvolvidos através de atividades lúdicas, no entanto, referiu que se podem desenvolver diversos objetivos relacionados com todas as áreas curriculares. *“Desenvolver a concentração, desenvolver, também, lá está, podemos desenvolver a lateralidade, podemos desenvolver todos os conteúdos que estejam inerentes a todas as áreas.” (E2).* A terceira educadora entrevistada, refere que define os objetivos para as atividades consultando as OCEPE. *“Então os objetivos presentes para as atividades lúdicas... ui... os objetivos são sempre os presentes nas OCEPE.” (E3).* Acrescenta ainda que, quando realiza atividades não dirigidas, as crianças têm oportunidade de explorar diversas áreas de conteúdo e que, tenta ao máximo, despertar o interesse das crianças para que estas explorem todas as áreas de conteúdo. *“Nas atividades lúdicas não dirigidas, pretende-se que explorem todas as áreas da sala, desde o faz de conta à matemática, escrita, ciências... observamos sempre quais as áreas mais escolhidas. Se verificarmos que alguma criança não procura livremente algumas destas áreas, ou vai sempre para a mesma, vamos tentar estratégias para que comece a procurar outras áreas. Não consigo pensar em objetivos isoladamente para atividades lúdicas. Os objetivos estão lá... temos é que arranjar estratégias para quem não consegue chegar lá, respeitando sempre o ritmo individual de cada criança.” (E3).* Para Ribeiro & Ribeiro (1990, p. 97) *“Os objetivos de ensino, sejam eles mais gerais ou mais específicos, surgem sempre ligados a finalidades educativas que os justificam e lhes dão um sentido que perderiam se considerados isoladamente.”*

Como forma de terminar o segundo bloco, todas as educadoras, expressam uma estratégia diferente para implementar as suas planificações. *“Depende também não é, daquilo que nós formos trabalhar com eles. Mas pronto, uma das estratégias é pedir, é conversar com as crianças, é levá-los a perceber aquilo que eles querem, não é, o interesse deles e pô-los também... se nós não lhes explicarmos determinadas coisas eles também ainda não conseguem lá chegar, não é. Temos que ser nós a dar o primeiro passo e depois irmos puxando, puxando, puxando, até percebermos mais ou menos o que é que eles são capazes, o que é que eles querem, o que é que eles já sabem sobre as coisas, isto é muito importante, é levá-los a pensar sobre as*

*coisas e dizer-lhes sempre, fazer, perguntar, “O que é que achas? O que é que será que é isto? O que é que isto quer dizer?” Registrando e depois, no fim, conversar com eles para saber o que é que eles conseguiram perceber ou não, não é, aquilo que eles aprenderam.” (E1).* A segunda educadora refere a sua estratégia como sendo: *“Normalmente, eles estão sentados em roda e vou utilizando vários tons de voz para captar a atenção.” (E2).* A terceira educadora refere que *“(…) as estratégias é tentar envolvê-los o mais possível, também há situações em que os meninos não querem, dizem que não querem fazer aquilo. Há sempre uma outra alternativa, (...). A criança escolhe, depois, mais tarde, vamos outra vez, porque é assim, se nós depois vamos ver o quadro de atividades, eles vão todos escolher o mesmo, vais ver que há muitos que nunca vão à matemática, muitos nunca vão à escrita, porque isso depois quando funcionar a 100% consegue-se ver quem é que vai mais onde. Então é assim, nós temos que ser nós ali então, aí sim a levar a criança. O primeiro dia até pode nem querer, o segundo pode nem querer, mas a pouco e pouco, arranjando estratégias, jogos, alternativas, lá está, sempre de forma lúdica, de maneira a conseguir que eles, que consiga realmente atingir aquele objetivo, não é. (...) É assim, ele pode dizer que não quer, nós até damos ali a volta, contornamos (...). A não ser que haja ali algum défice, alguma coisa que ele realmente não consiga realizar, mas isso aí não faz mesmo, aí até ponho a notinha, que é para depois quando for a avaliação, o porquê de não conseguir fazer, isso aí não vou estar a forçar uma criança que não consegue fazer, a fazer. Agora as estratégias é sempre, são lançadas, não é, ou quando surgem, quem quer fazer e adere, muito bem. (...) Mas, normalmente, nunca é nada assim que digo que tem que ser e que tem quer ser. A estratégia é tudo lúdico.” (E3).* Apesar de todas as educadoras terem a sua estratégia, relativa à implementação de atividades, todas entram em concordância no facto de utilizarem muito o diálogo para implementar uma nova atividade.

Desta forma, em última análise, a primeira educadora refere que utiliza a conversa para perceber quais os interesses de cada criança do grupo. A segunda educadora, refere que é através do diálogo que consegue captar a atenção do grupo. Por último, a terceira educadora, utiliza como estratégia o facto de tentar envolver o mais possível o grupo nas atividades e, quando uma criança não demonstra interesse acerca da atividade não a força a realizá-la. No entanto, através do diálogo, de jogos, entre outros, tenta que todas as crianças realizem as atividades que lhes são proporcionadas, tornando as mesmas mais apelativas. Assim, podemos concluir que, cada docente, utiliza estratégias muito próprias. Podemos definir o termo “estratégia” como sendo um de meios e planos que pretendem atingir um determinado fim. (Infopédia, 2003-2020)

O terceiro bloco da entrevista, está relacionado com a avaliação de atividades. No que diz respeito à primeira categoria, estratégias avaliação de objetivos, as educadoras, apesar de cada

uma ter a sua estratégia de avaliação, entram em concordância na medida em que todas as educadoras utilizam o diálogo/conversa direta como estratégia. Martins (1983, p. 123) defende que *“A escolha de táticas a serem utilizadas, bem como a orientação da evolução das tecnologias que as servem, pertencem também ao domínio da estratégia.”* Assim, podemos olhar para as estratégias como sendo algo muito próprio em que, cada indivíduo, tem oportunidade de escolher a sua própria. *“Em conversa de grupo com eles. Todos os dias nós fazemos a avaliação do dia, não é. (...) para perceber quem é que sabe, quem é que conseguiu, pronto perceber as coisas, não é. (...) Todos os dias há um responsável e esse responsável é que fica encarregue de dizer o que é que fizemos. É claro que os outros participam também não é, participam bastante, mas pronto. Ah... e assim nós sabemos também, através da observação direta, do tipo de reações, se a criança está envolvida, se não está envolvida, porque, pronto, às vezes, observá-los é muito importante, (...).”* (E1). *“Quando há participação da criança e quando eles vão conseguindo, cada vez mais, um tempo maior de concentração nessas atividades lúdicas.”* (E.2). *“Pronto, com eles avaliamos sempre diariamente, todos os dias os objetivos são avaliados, os objetivos das atividades que nós propusemos, não é, porque não estão lá objetivos escritos. A mim, eu avalio, faço essas pequenas anotações, onde tenho, e depois, quando é na avaliação, eu vejo se realmente aquele objetivo, que estava no meu projeto, foi ou não cumprido. (...) Pronto, mediante os trabalhos que eles fazem e tudo o que é observado na sala.”* (E.3).

Através das respostas das educadoras, podemos afirmar que, todas as educadoras, têm a preocupação em perceber se as crianças estão envolvidas na atividade, ou não, bem ouvir as crianças e, todas utilizam, essencialmente, a observação direta como estratégia.

Relativamente às estratégias de avaliação de atividades utilizadas, cada educadora tem uma estratégia muito própria, no entanto, todas entram em concordância em vários aspetos. *“É os trabalhos que eles fazem, as conversas, é o diálogo, é o registo escrito, escreve-se também diário não é, nós fazemos o registo oral, mas depois é passado, é transcrito, aliás eles vão falando e nós vamos escrevendo e depois, no fim leio (...) nós é que temos de aplicar depois a prática de acordo com os interesses e características de cada um e as capacidades, não é.”* (E.1). *“Lá está, neste tipo de crianças, não se consegue avaliar de outra maneira, senão o tempo de concentração, se as crianças já pronunciam algumas palavras da própria canção que nós cantamos, muitas vezes as terminações, se eles estão motivados e com vontade, ou com palmas e nota-se a motivação deles.”* (E.2). *“Normalmente, é a observação direta, e quando tenho dúvidas arranjo estratégias para o fazer. Ou arranjo aqueles trabalhos mais dirigidos para aquela criança, seja através de jogos ou, seja através, mesmo, não digo uma ficha, mas..., mas*

*qualquer coisa que eu possa fazer com eles ali na altura. Mas, normalmente, é através da observação direta, de conversa, pergunta direta mesmo. Normalmente atividades é observação direta, sempre. Quando tenho dúvidas é mais individualizado.” (E.3).* Assim, todas as educadoras utilizam, essencialmente, a observação direta para avaliar as atividades realizadas em sala. De acordo com Ribeiro & Ribeiro (1990 p. 101), *“A função de avaliar corresponde a uma análise cuidada das aprendizagens conseguidas face às aprendizagens planeadas, o que se vai traduzir numa descrição que informa professores e alunos sobre os objectivos atingidos e aqueles onde se levantaram dificuldades.”*

O quarto bloco, relacionado com a realização de atividades lúdicas, tem como primeira categoria, a frequência com que as educadoras costumam abordar/inserir conteúdos/temáticas, através da implementação de atividades lúdicas. Para a primeira educadora, *“A frequência depende, isso depende muito, não tenho assim nenhuma meta (...) eu tendo ser o mais lúdica possível, não é, dentro dos materiais que temos, dentro das coisas que temos, mas quer dizer, estipular um tempo também não lhe sei dizer, porque é difícil também, não é, mas sempre que possível. (...) até se faz com bastante, bastantes vezes, não é.” (E.1).* A segunda educadora refere que realiza atividades lúdicas *“Várias vezes ao dia...normalmente é muito por repetição, vamos sempre abordando esses temas em todas as canções ou músicas ou o lúdico que fazemos.” (E.2).* Por último, a terceira educadora, afirma que, a realização de atividades lúdicas com o grupo é feita *“(…) com alguma frequência (...). (...) Pronto, mas, portanto, esses conteúdos surgem na nossa rotina, estão sempre constantes, (...). (...) Quando eu os quero trabalhar, introduzo-os através de uma história ou de uma conversa, se for algum assunto que eu veja que não está bem, que eu quero tocar, tenho que sempre dar a volta, ou pelo uma história, ou pelo uma situação que surja, aproveitar para dar, contornar a situação.” (E.3).* De acordo com Olivier (1976, p. 25) *“O brincar preenche uma dupla finalidade, a de satisfazer a criança e a de afinar as características sensoriais: a pele, que palpa o objecto, a vista, o ouvido, que ouve o ruído do guizo.”* Assim, quanto mais a criança tiver oportunidade de brincar e de manusear diferentes brinquedos, mais benefícios irá usufruir.

Face à segunda categoria do quarto bloco, as vantagens da implementação de atividades lúdicas, todas educadoras, reconhecem que a implementação deste tipo de atividades é bastante benéfica para a aprendizagem da criança. *“Então não é, é sim senhora! (...) cada vez mais nós temos que ser criativos, não é, mesmo nos nossos trabalhos, nós temos que ser criativos, portanto é importante, desde pequenino, não é, começar a apelar e a chamar e a trabalhar esta parte da criatividade (...). (...) é importante, nesta idade, começar logo com este tipo de atividades, porque assim eles depois quando chegarem mais crescidinhos já têm na sua cabecinha que esta*

*parte é tão importante, não é, (...). (...) tudo aquilo que se lhe puder dar e, de uma forma lúdica, é importante para eles (...).*” (E.1). “*Sim, sim, sim! Nestas idades sim, nestas e em todas.*” (E.2). “*Muito, sempre. A brincadeira presente ajuda sempre. (...) estamos em jardim de infância, a parte lúdica é fundamental, (...). Eles aprendem imenso, imenso, a brincar. (...).*” (E.3). Macedo et al. (2005, p. 14) afirma que:

O brincar é fundamental para o nosso desenvolvimento. É a principal atividade das crianças quando não estão dedicadas às suas necessidades de sobrevivência (repouso, alimentação, etc.). Todas as crianças brincam se não estão cansadas, doentes ou impedidas. Brincar é envolvente, interessante e informativo. Envolvente porque coloca a criança em um contexto de interação em que suas atividades físicas e fantasiosas, bem como os objetos que servem de projeção ou suporte delas, fazem parte de um mesmo contínuo topológico. Interessante porque canaliza, orienta, organiza as energias da criança, dando-lhes forma de atividade ou ocupação. Informativo porque, nesse contexto, ela pode aprender sobre as características dos objetos, os conteúdos pensados ou imaginados.

Desta forma, podemos concluir que, o brincar e a realização de atividades lúdicas, relacionadas com o mesmo tema transmitem inúmeras aprendizagens à criança, tanto a nível pessoal e social, como a nível de aquisição de novas aprendizagens.

#### 4.2- Interpretação e análise das entrevistas às professoras de 1.º Ciclo do Ensino Básico (CEB)

Ao longo deste ponto será apresentada uma tabela com categorias e subcategorias referentes à análise do discurso das professoras do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Posteriormente, o discurso das professoras será cruzado com o que a literatura, isto é, com o que os vários autores, defendem.

Tabela 2- Categorias e subcategorias emergente à entrevista das professoras de 1.º Ciclo do Ensino Básico

Bloco Temático	Categoria	Subcategoria	N.º de Sujeitos
Bloco 1- Conceções das educadoras acerca do conceito e da utilização de atividades lúdicas	Atividades Lúdicas- Definição	Jogo	1
		Brincadeira	3
		Aprender através do brincar	1
		Brincar para atingir um objetivo pedagógico	1
		Atividades próximas da realidade da criança	1
		Manuseamento de materiais	1
	Potencialidades	Disposição para a brincadeira	1
		As crianças ficam mais “soltas”	1
	Constrangimentos	Comportamento das crianças	2
		As crianças não acharem que não é um momento de aprendizagem	1
		Dificuldade em realizar atividades dirigidas para o currículo	1
	Bloco 2 – Planificação das	Áreas	Principalmente no estudo do meio
Área das Expressões			1
Todas as áreas			3
Estratégias de Realização		Primeiramente pensar em objetivos e conteúdos a atingir	2
		Primeiramente pensar na atividade	1
		Primeiramente pensar nas necessidades de cada criança do grupo	1
Objetivos Previstos		Mediante o conteúdo são definidos objetivos	1
		Dependendo da atividade são definidos objetivos	2

Atividades Lúdicas		Tendo em conta as necessidades/características de cada criança	1
	Estratégias Utilizadas	Materiais diversificados	1
		Atividades menos comuns	1
		Preparar materiais	1
		Utilizar materiais acessíveis para a escola	1
		Invenção	1
		Depende da área/conteúdo	1
		Utilizar o que surge	1
		Estar atento às aprendizagens e dificuldades das crianças	1
Bloco 3- Avaliação das Atividades Lúdicas	Estratégias de Avaliação de Objetivos	Respostas das crianças	1
		Interesses das crianças	1
		Participação	1
		Desenhos	1
		Questões orais/escritas	1
		Diálogo informal	1
		Fichas	1
		Observação direta	1
	Estratégias de Avaliação das Atividades	Oralmente	2
		Reforços positivos	1
		Medalhas/prémios	1
		Avaliações escritas	1
		Grelhas de avaliação	1
		Questionar	1
		Realizar filmes	1
		Dar oportunidade à criança de escolher como deve apresentar as suas aprendizagens adquiridas	1
Bloco 4- Realização das Atividades Lúdicas	Frequência de Realização	Raramente	1
		Não tanto quanto desejável	1
		Prática muito presente	1
		Uma a duas vezes por dia	1
	Vantagens da Implementação	Muito Vantajoso	3

Para todas as professoras da amostra, as atividades lúdicas estão associadas ao brincar e ao jogo. *“Atividades Lúdicas são as atividades que, parecendo ser brincadeira, estamos a fazer algumas aprendizagens através delas.” (P.1).* *“Atividades lúdicas em contexto pedagógico’, são atividades que nós podemos fazer, portanto brincadeiras que nos podem levar a um determinado objetivo pedagógico.” (P.2).* *“São todas as atividades que estão próximas da realidade da criança. Portanto, todas as atividades que impliquem algum jogo, (...) portanto,*

*manuseamento de materiais que lhes suscitem curiosidade e interesse em trabalhar ou, mesmo brincadeira, também pode ser uma atividade lúdica (...).” (P.3).*

Segundo a literatura:

Toda e qualquer brincadeira requer que os sujeitos estejam conscientes de estar a praticar uma ação diferente do que aparenta, sendo essa atitude não literal que permite que a actividade lúdica esteja defendida de consequências: efectivamente é o que permite que brincar seja brincar. (Garvey, 1992, p. 16)

Deste modo, e segundo os vários autores já referidos acima, toda a literatura defende que o lúdico de encontra associado ao brincar e ao jogo, entrando assim em concordância com a opinião das várias docentes entrevistadas.

Relativamente às potencialidades e aos constrangimentos das atividades lúdicas, os professores demonstram diferentes perspetivas e visões. A primeira professora destaca como constrangimentos *“O comportamento dos alunos, sendo atividades lúdicas dá aso a maior confusão, chamemos-lhes assim, e tentar cativar-lhes a atenção e um pouco de silêncio necessário para as aprendizagens, isso é um constrangimento.” (P.1).* A segunda professora refere que *“As potencialidades poderá ser a disposição para a brincadeira, que as crianças nestas idades têm sempre... o eles ficarem mais soltos, digamos assim.” (P.2).* Neste sentido, contrariamente à primeira professora, a segunda professora considera a disposição para a brincadeira uma potencialidade deste tipo de atividades. No entanto, a mesma professora refere também que *“Os constrangimentos, eles podem achar que aquilo é só brincadeira e depois... e às vezes ser para nós difícil levá-los ao objetivo que nós queremos.” (P.2).* Assim, entra em concordância com a primeira professora entrevistada. *“(...) as minhas dificuldades são, principalmente entre o 1.º e os outros três anos. Há uma grande diferença do que é que se pretende a nível de escola não é. (...) para superar a minha dificuldade é tentar pôr os mais velhos em parte ao serviço dos mais novos, não é. (...). Numa turma com mais crianças, numa turma do regular, em que nós temos 20 a 25, já cheguei a ter os 26 mesmo, dentro da sala ah... é mais difícil nós fazermos atividades dirigidas para, para o currículo não é... (...) há de haver sempre algum grupo na brincadeira naquele contexto de jogo ou brincadeira, (...) há de haver sempre algum grupo a que agente não chega, não é, e por isso, qual é a forma de contornar isso na minha perspetiva? É mesmo como se tivéssemos a dar o currículo de outra forma, é vermos realmente, qual foi o grupo que não conseguiu fazer naquele dia tão bem, não teve um desempenho tão envolvente, não é, e no outro dia fazermos novamente a atividade e dar um bocadinho mais atenção àquele para ver se consegue que realmente se desenvolva (...).” (P.3).*

A terceira professora entrevistada, neste momento encontra-se a exercer no ensino doméstico. Assim sendo, sendo são notórios os aspetos, ao longo da entrevista, que a professora destaca de forma diferente das restantes professoras entrevistadas que se encontram a exercer no ensino público. No que se refere aos constrangimentos, a última professora vê este como dificuldades suas e não como comportamentos do grupo, tal como as restantes professoras. Desta forma, destaca como constrangimentos das atividades lúdicas, o facto de ser muito complicado adequar uma mesma atividade a um grupo que tenha elementos dos quatro anos de escolaridade. À luz de Santos (1999) a formação de um profissional de educação ganha qualidade quando estão presentes na mesma três pilares: a formação pedagógica, teórica, lúdica e a inovação. Assim, o professor/educador deve estar em constante formação e procurar enriquecer, ao longo dos anos, a sua formação para que consiga responder às necessidades do grupo. Quanto mais o educador/professor vivenciar o lúdico, maior será a probabilidade de transmitir ao grupo experiências prazerosas (Santos, 1999).

O segundo bloco da entrevista é referente à planificação de atividades lúdicas. No que diz respeito às áreas de conteúdo em que, por norma, as professoras realizam atividades lúdicas, a primeira professora afirma *“Principalmente no estudo do meio, não falando nas expressões sempre não é, dramática, musical, físico-motora. Nas ditas curriculares, português, estudo do meio e matemática, mais no estudo do meio.”* (P.1). Relativamente à segunda professora entrevistada *“Normalmente... é assim o que eu costumo fazer é mais nas áreas das expressões, embora... hum... é assim, as atividades lúdico-pedagógicas podem utilizar-se em qualquer uma das áreas, no português, na matemática... às vezes é um caminho para uma matéria mais chata ou que nós pensamos que eles percebem às vezes com as brincadeiras que eles venham a ter (...) ser mais fácil depois para eles aprenderem os conteúdos mais chatos, digamos assim.”* (P.2). *“Pronto, em todas! Em todas, porque, por exemplo, lembro-me, por exemplo, de estar a dar a circunferência, logo no primeiro ano que estive nesta associação e, íamos a fazer uma caminhada, todos juntos, e eu observei que os canteiros do miradouro, onde estavam as árvores, eram circulares e, portanto, tinham as pedras da calçada, que contornavam o canteiro, eram cinzentas. Lembrei-me, olha vou dar já aqui a circunferência, nem sequer estava planeado (...).”* (P.3).

Assim, as professoras entrevistadas entram em concordância, na medida em que consideram que, as atividades lúdicas, podem ser realizadas e planificadas para todas as áreas. No entanto, a segunda professora entrevistada, afirma que costuma realizar com mais frequência, atividades lúdicas, relacionadas com as áreas das expressões. Brock, Dodds, Jarvis & Olusoga (2011) defendem que, a brincadeira, é uma atividade fulcral na educação da criança permitindo que

esta compreenda o mundo à sua volta, se expresse e crie laços de socialização com o outro. Quando as crianças estão a brincar, constroem bases que, futuramente, influenciam a aquisição de novas aprendizagens (Brock, Dodds, Jarvis & Olusoga, 2011).

No que concerne às estratégias utilizadas para a realização da planificação, a primeira professora entrevistada entra em concordância com a segunda professora entrevistada. *“É semelhante às outras atividades, é com os objetivos que queremos atingir, com os conteúdos que temos, é similar.” (P.1).* *“Como as outras, penso na atividade, às vezes tenho de preparar materiais, depende da atividade.” (P.2).* No entanto, a terceira professora entrevistada afirma que *“Na escola pública, a planificação é pensada tal e qual como outra atividade qualquer. (...) pensava qual era o objetivo que eu queria atingir, que era preciso trabalhar e, de acordo com o objetivo que eu precisava de trabalhar, eu ia ver de que forma é que eu podia chegar a todas as crianças, não é.” (P.3).* A mesma professora refere ainda que *(...) não me faz sentido, quando não fazemos uma planificação, nós não pensarmos em cada aluno que temos dentro da sala e criarmos uma atividade para que todos eles se sintam envolvidos. E se há algum que esteja/tenha uma dificuldade, mesmo uma atividade lúdica, tem que ter em conta que essa criança tem que participar e tem que desenvolver nela. Portanto, temos que ver é que, de que forma a atividade que nós estamos a criar, vai incluir aquela criança a participar, portanto. E isso temos que ajustar e depois, no decorrer da atividade, ver como é que as crianças estão a reagir, quais são as/os diálogos que têm uns com os outros, para perceber se realmente o nosso objetivo está a ser realizado ou não (...) na planificação, tem que estar contemplada, como é que nós vamos avaliar (...).” (P.3).*

Assim, a partir desta afirmação, a professora demonstra que um dos aspetos mais importantes e que não deixa de ter em conta, são as necessidades de cada criança. Só respeitando as necessidades individuais de cada criança, é que se consegue envolver todo o grupo numa atividade. De acordo com a literatura o profissional de educação necessita de estar apto para tomar decisões apropriadas para criar ambientes de aprendizagem, decisões estas que estão relacionadas com o momento de estar envolvido e de como seguir com a brincadeira (Brock, Dodds, Jarvis & Olusoga, 2011). Este deve observar e analisar as realizações e benefícios para a aprendizagem, respeitando as necessidades individuais de cada criança (Brock, Dodds, Jarvis & Olusoga, 2011).

Quando se planifica uma atividade, um dos passos importantes a dar é a definição/previsão de objetivos a cumprir. *“(...) Mediante o conteúdo que nós temos e o que queremos atingir, vamos procurar essas tais atividades lúdicas de forma a que os alunos possam melhor chegar às suas aprendizagens.” (P.1).* A estratégia que a primeira professora utiliza para definir objetivos vai

ao encontro da estratégia da segunda professora. Isto é, ambas as professoras optam por pensar nos objetivos/conteúdos que pretendem atingir/abordar e, só depois, definem uma atividade para atingir os mesmos. *“Os objetivos... depende da atividade que nós estamos a planificar, mas às vezes pode ser só o brincar por brincar, mas também como disse anteriormente, depende do objetivo não é, ou seja, temos que analisar a atividade para aquilo que nós queremos quando vemos que eles estão a desviar-se um pouquinho.”* (P.2). A terceira professora entrevistada, afirma também, como as restantes entrevistadas, que os objetivos podem depender da atividade, no entanto, refere ainda outros aspetos que são importantes para refletir. *“(...) pode depender da atividade (...) nós podemos ver o grau de autoconfiança da criança, porque uma criança que não seja confiante se calhar tem mais dificuldade em se expor numa atividade lúdica, tem medo de falhar, tem medo de não ganhar, não é. Ver também se a criança é competitiva ou não e se leva a competitividade a um extremo que não é, consideremos, o aconselhável e portanto, as questões pessoais são vistas nestas atividades (...) a inter-relação com o grupo (...) a capacidade de integrar o conhecimento (...) Portanto é uma atividade que, pode atingir vários objetivos e é muito rica precisamente por isso, não é.”* (P.3).

Deste modo, segundo a terceira professora entrevistada, antes de definir objetivos para uma atividade, é importante ter em conta as necessidades e as fragilidades de cada criança para que, a atividade, não proporcione um momento de mau estar e constrangimento a nenhum elemento do grupo. Para Ribeiro & Ribeiro (1990, p. 88):

Conhecendo os resultados de aprendizagem que tem em vista, o professor tem à sua disposição uma «bitola» ou «critério» para decidir sobre o tipo e sequência desejável de estratégia, atividades ou materiais que podem facilitar tal aprendizagem; deste modo, o seu destino será, talvez, mais coerente no seu desenvolvimento, dado que os objetivos ou resultados que prossegue servem de «ponto de referência» constante, evitando que alunos e professores naveguem, de algum modo, «à deriva» e que haja contradições claras entre o que se ensina e o modo como se ensina, entre o que se pretende aprender e a maneira como se realiza essa aprendizagem.

Ainda na elaboração de uma planificação, é importante pensar e definir estratégias a utilizar ao longo da atividade. *“Quando possível escolher materiais diferentes daqueles que eles estão habituados a trabalhar, atividades que lhes sejam menos comuns, de forma a que... a tentar cativar-lhes a atenção. Hum... não sendo assim utilizar os materiais que temos mais acessíveis na escola ou na sala de aula.”* (P.1). *“Como as outras, penso na atividade, às vezes tenho de preparar materiais, depende da atividade.”* (P.2). *“Passa um bocadinho por (...) por a*

*invenção de alguma coisa (...) que tenha a ver com o corpo (...). Depende muito da área, do conteúdo, a estratégia que se utiliza. (...) Pronto, é utilizar aquilo que surge na hora, na oportunidade porque, lá está, na situação da circunferência, não foi uma estratégia que eu tivesse pensado, não é. (...) se calhar a estratégia de base é estar sempre muito atento àquilo que as crianças estão a conseguir aprender e às dificuldades que vão surgindo e ser um bocadinho inventor (...).” (P.3).* Assim, podemos concluir que, cada professora, utiliza uma estratégia diferente para implementar uma atividade. A primeira professora, refere que uma das estratégias que utiliza, de forma a captar a atenção do grupo, é a utilização de diferentes materiais, que as crianças não estão habituadas a lidar. A segunda professora, apenas refere que a estratégia que utiliza depende da atividade. Por último, a terceira professora entrevistada, descreve a sua estratégia como sendo algo que passar um pouco por inventar, algo relacionado com o corpo, algo que surge no momento. No entanto, depende muito da área e do conteúdo que se pretende abordar. Martins (1983, p. 119) refere que *“A Estratégia detalha e aplica a doutrina escolhida, fixa objectivos intermédios e sucessivos, e emprega e orienta os recursos postos à sua disposição pela Política para atingir esses objectivos.”*

Assim, no que se refere à área da educação, a estratégia fixa objetivos e, a partir dos mesmos, orienta os recursos e as estratégias necessárias para atingir os objetivos definidos, não esquecendo as necessidades individuais de cada criança do grupo.

O terceiro bloco da entrevista está relacionado com a avaliação de atividades. No que se refere às estratégias de avaliação de objetivos, todas as entrevistadas entram em concordância num aspeto que utilizam, a conversa direta. *“Através das respostas dos alunos, do interesse dos alunos, da participação dos alunos, conseguimos perceber se eles adquiriram e se conseguem aplicar aquilo que era pretendido.” (P.1).* *“Se depois eles conseguem... às vezes através de um desenho ou através de uma pergunta, responder aquilo que nós... da nossa intenção, do nosso objetivo inicial.” (P.2).* *“Pronto, há muitas formas de avaliar. (...) Portanto, há muita avaliação dos objetivos que é feita durante, porque, por exemplo, se houver um diálogo entre duas crianças, uma não está a acompanhar e a outra começa ali a explicar (...) se a criança está a explicar corretamente, é porque ela já o percebeu, está adquirido e não é preciso estar ali uma ficha, não é. (...) Hum... há muitas formas de avaliar... a ficha é uma delas. Normalmente nós na escola recorremos sempre à ficha de avaliação escrita, mas pode ser de várias formas que tu avalias a atividade que tiveste a fazer mas, quanto a mim, durante a atividade, nós ficamos com a perceção se eles perceberam ou não, por causa da observação e depois, lá está, terá que ser mais tarde (...) Se ele sabe explicar, porque é que é preciso ir fazer uma ficha (...).” (P.3).* ~

Existem diversas estratégias para avaliar se os objetivos foram cumpridos. Através das respostas, a cima, percebemos que cada uma das professoras adota a sua própria estratégia. A primeira entrevistada, avalia consoante o interesse, a participação, e a capacidade de aplicar os conteúdos de cada criança. A segunda entrevistada, utiliza estratégias idênticas às da primeira entrevistada, sendo que dá ênfase à capacidade de a criança conseguir aplicar os conteúdos que lhe foram transmitidos. Por último, a terceira professora, refere que existem várias formas de avaliar e que, a avaliação de objetivos, é feita durante a atividade.

De acordo com o Decreto-lei, n.º 55/2018 – Secção III (1.ª série — N.º 129 — 6 de julho de 2018) Artigo 22.º:

Na avaliação devem ser utilizados procedimentos, técnicas e instrumentos diversificados e adequados às finalidades, ao objeto em avaliação, aos destinatários e ao tipo de informação a recolher, que variam em função da diversidade e especificidade do trabalho curricular a desenvolver com os alunos.

Ainda referente ao terceiro bloco, relativamente às estratégias utilizadas para a avaliação, a primeira e a terceira professora entram em concordância em vários aspetos, no entanto, a terceira professora refere que utiliza estratégias muito diferenciadas das restantes professoras. *“Podem ser logo oralmente, os reforços positivos não é, que nós tanto ouvimos e que efetivamente dá resultado, os reforços positivos. Na... em... algumas vezes em estratégias muito simples como as medalhas, conseguiu atingir o objetivo, hum... os “premiozinhos” fáceis de se fazer ou de se entregar e depois são as avaliações escritas, as grelhas.” (P.1).* *“Às vezes depende da atividade, mas podemos usar um simples diálogo ou uma simples pergunta e tentar perceber e também pelo desempenho dos alunos conseguimos perceber se eles atingiram ou não o nosso objetivo.” (P.2).* *“(...) então eles podem fazer um filme, dizem o que aprenderam da forma que eles quiserem, podem utilizar a expressão plástica para o fazer, para apresentar (...).” (P.3).*

Assim, podemos observar que, as duas primeiras entrevistadas, têm em comum o uso da estratégia do diálogo com a criança/grupo. Contrariamente, a última entrevistada, utiliza uma estratégia muito simples, deixa as crianças utilizarem a sua criatividade e escolherem de que forma querem “provar” que adquiriram as aprendizagens pretendidas. O Decreto-lei, n.º 55/2018 – Secção III (1.ª série — N.º 129 — 6 de julho de 2018) Artigo 22.º refere que:

As diferentes formas de recolha de informação sobre as aprendizagens, realizadas quer no âmbito da avaliação interna, da responsabilidade dos

professores e dos órgãos de gestão pedagógica da escola, quer no âmbito da avaliação externa, com a intervenção de avaliadores externos ou da responsabilidade dos serviços ou organismos da área governativa da Educação, prosseguem, de acordo com as suas finalidades, os seguintes objetivos: a) Informar e sustentar intervenções pedagógicas, reajustando estratégias que conduzam à melhoria da qualidade das aprendizagens, com vista à promoção do sucesso escolar; b) Aferir a prossecução dos objetivos definidos no currículo;

Relativamente ao quarto e último bloco da entrevista, este está relacionado com a implementação de atividades. A primeira categoria refere-se à frequência com que as entrevistadas realizam atividades lúdicas com o seu grupo. *“Infelizmente muito raramente, porque os nossos horários estão sobrecarregados e os programas são tão extensos que infelizmente nós temos pouco tempo para inserir as atividades lúdicas no nosso dia-a-dia, apesar de achar que elas são essenciais, porque quando nós as utilizamos verificamos que há maior interesse, que há maior participação e efetivamente a aprendizagem é melhor. Mas com o tempo que demora, com o comportamento deles que é mais alterado, se nós usássemos muitas vezes essas ditas atividades lúdicas efetivamente não conseguíamos cumprir o programa e infelizmente é o que temos de ter em mente.” (P.1).* *“É assim, não tanto quanto o desejável, porque por exemplo para o 1.º e 2.º ano, os conteúdos são muitos. Na matemática, no português, os conteúdos sérios digamos assim, portanto se nós às vezes acabamos, não é perder tempo, mas é muito difícil numa hora e meia, como nós temos agora os nossos horários, conseguir uma atividade lúdica, um jogo, portanto depende da atividade, mas às vezes é difícil inserir tanto quanto desejável.” (P.2).* *“Com que frequência... não sei, eu acho que isso é uma prática muito presente na minha ação educativa, é mais assim, porque eu tento sempre fazer alguma coisa (...). Portanto, eu não te sei dizer ao certo, mas a ideia que eu tenho é que, pelo menos, uma a duas vezes por dia, à alguma coisa que se ligue com, que se liga com o lúdico.” (P.3).*

Através das respostas, acima, é notória a diferença das respostas entre as professoras que exercem no ensino público e a professora que exerce no ensino doméstico. Desta forma, as professoras do ensino público, afirmam que, apesar deste tipo de atividades ter inúmeras vantagens para a criança, não conseguem realizar as mesmas com tanta frequência quanto a desejada devido à extensão do currículo do 1.º CEB que tem de ser cumprido por completo. Em contrapartida, a professora do ensino doméstico, afirma ser uma prática muito presente na sua ação educativa, sendo que realiza atividades lúdicas com bastante frequência. Zabalza (2001, p. 12) define o currículo como sendo um:

(...) conjunto dos pressupostos de partida das metas que se deseja alcançar e dos passos que se dão para os alcançar: é o conjunto de conhecimentos, habilidades, atitudes, etc. que são considerados importantes para serem trabalhados na escola ano após ano.

O mesmo autor refere ainda que, é a partir do programa que a comunidade escolar e o professor articulam os seus respetivos marcos de intervenção (Zabalza, 2001). Assim, cabe ao professor gerir e articular o programa de forma a que este contribua para a formação pessoal e social de cada criança do grupo, não prejudicando as mesmas.

Por último, o quarto bloco está relacionado com a implementação de atividades. Relativamente às vantagens da implementação de atividades lúdicas, todas as entrevistadas entram em concordância nas suas respostas. *“É muito vantajoso!” (P.1). “Claro que sim! É sempre vantajoso, porque eles para o jogo estão sempre dispostos, são crianças. Portanto, à partida depois cabe-nos a nós ter a inteligência suficiente para dar a volta ali à situação e canalizar o jogo para aquilo que nós pretendemos.” (P.2). “Com certeza, sem dúvida! Só fazendo com que as coisas se tornem se tornem significativas para eles, é que eles conseguem aprender, não é. Portanto, se se consegue captar o gosto, se eles se envolvem na atividade, então eles estão a aprender de certeza! (...) aqui, eu consigo ver melhor o resultado, porque também passo um dia inteiro com eles, não é, na escola passo menos tempo também. Portanto, consigo-os observar também nos momentos de intervalo, como acompanho o almoço e o lanche, mas também consigo acompanhar nessa altura e, portanto, tu consegues ter a perceção se realmente as coisas estão a resultar ou não. Porque num momento de almoço, que é um momento descontraído, eles chamam o tema que tivemos a trabalhar na sala e passamos a hora do almoço a falar sobre aquele tema. É assim, de certeza que está a resultar, não é!” (P.3).*

Todas as professoras concordam que, as atividades lúdicas, são bastantes vantajosas para as crianças e, essencialmente, são também fulcrais para uma melhor aquisição de aprendizagens.

A brincadeira, para as crianças mais jovens, é uma atividade importante na qual elas compreendem o mundo ao seu redor, se expressam e estabelecem relacionamentos com os outros. Quando as crianças estão brincando, elas estão construindo as fundações de toda a sua futura aprendizagem. (Brock, A. Dodds, S. Jarvis, P. Olusoga, Y., 2011, p. 127)

Deste modo, cabe ao profissional de educação associar o brincar e o jogo à aprendizagem para que, ao aprender, a criança disponha também de momentos prazerosos. É através do jogo que cresce a alma e a inteligência (Chateau, 1987).

De um modo geral, tanto as educadoras de infância como as professoras de 1.º CEB entram em concordância ao longo de toda a entrevista, quer nas estratégias utilizadas para implementação e planificação de atividades, quer nas estratégias de avaliação. No entanto, as professoras de 1.º CEB, à exceção da professora do ensino doméstico, demonstram não realizar atividades lúdicas com a mesma frequência que as educadoras de infância realizam. Assim, este fator, ocorre devido ao currículo e o programa do 1.º CEB ser bastante extenso e ter de ser cumprido.

Importa ainda referir que, todas as docentes, defendem que, o facto de utilizar atividades lúdicas para abordar conteúdos com o grupo, é uma mais valia para a aprendizagem da criança seja mais rica.

#### 4.4- Interpretação e análise das entrevistas das crianças

Tabela 3- Categorias e subcategorias emergentes às entrevistas das crianças

Bloco Temático	Categoria	Subcategoria	N.º de Sujeitos
Bloco I – Concepções das crianças acerca do que facilita a aprendizagem	Método de aprendizagem preferencial	Aulas Teóricas/Expositivas	3
		Ler	1
		Estudar	1
		Aprender com felicidade	1
		Novos Conteúdos	1
		Passo a-passo	1
		“Divertidamente”	1
	Tipo de atividades para aprender novos conteúdos	Matemática	2
		Livros	1
		Estudo do Meio	1
		Manual Escolar	2
		Aulas Teóricas/Expositivas	2
		Exercícios	1
		Jogos	1
		Aulas Práticas	1
		Através da Natureza	1
	Aprender novos conteúdos através de materiais	Diferentes Materiais	5
		Desenhos	1
		Jogos	1
Atividades Experimentais		2	

A tabela, acima, está dividida em categorias e subcategorias que suscitam interesse para o estudo. A interpretação e análise de dados foi realizada de uma forma global com resposta a todas as questões. A presente interpretação e análise de dados trata-se da última parte de todo o processo geral de análise de dados e procura complementar todo o estudo, enriquecendo o mesmo, tendo em conta os objetivos de investigação. Importa ainda destacar que as respostas, até ao aluno n.º 4, são referentes às crianças que frequentam o 2.º ano de escolaridade. Desta

forma, as últimas quatro crianças (do aluno n.º 5 ao aluno n.º 8) frequentam o 4.º ano de escolaridade.

O primeiro, e único bloco, diz respeito às concepções das crianças acerca do que facilita a aprendizagem. Este divide-se em três categorias que, por sua vez, se dividem em vinte subcategorias. Na primeira categoria, método de aprendizagem preferencial, todas as crianças demonstraram dificuldade em expor a sua opinião, sendo que todas responderam de forma muito diferente. “*A professora a explicar e a falar.*” (A. 1). “*Não sei...a ler.*” (A. 2). “*Eu gosto mais de aprender a estudar.*” (A. 3). “*Eu gosto mais de aprender com felicidade.*” (A. 4). “*Hum... tipo... eu gosto sempre de aprender matérias novas e tipo trabalhar com explicações.*” (A. 5). “*Explicando passo-a-passo.*” (A. 6). “*Hum... quando estou nas aulas a ouvir a professora, eu gosto mais de aprender assim quando ouve a professora.*” (A. 7). “*Divertidamente!*” (A. 8). Pinto (2003, p.66) refere que “(...) Transformar todo o conteúdo em visual, em jogos, brincadeiras, músicas... para que possam aprender com alegria.” Curiosamente, o autor referiu o mesmo termo que o A4.

Relativamente à segunda categoria, referente ao tipo de atividades preferenciais, por parte das crianças, para a aprendizagem de novos conteúdos, as crianças voltam a demonstrar uma grande variedade de respostas e opiniões. “*Matemática.*” (A. 1). “*Nos livros.*” (A. 2). “*Em matemática e Estudo do Meio.*” (A. 3). “*No manual.*” (A. 4). “*Hum... tipo primeiro com explicações e exercícios e provavelmente com um jogo ou assim.*” (A. 5). “*Mais com o manual.*” (A. 6). “*Mais práticas e com a professora a falar.*” (A. 7). “*Através da natureza.*” (A. 8).

No que concerne à terceira, e última categoria, aprender com o auxílio de diferentes materiais, todas as crianças entram em concordância, sendo que todas afirmam gostar de aprender novos conteúdos através de diferentes materiais. “*Sim, é mais fácil com materiais do que estar com o lápis e isso.*” (A. 1). “*Desenhos (...) e também através de jogos.*” (A. 2). “*Sim (...) ah... se o papel flutua (...) sim e também pode ser outra experiência como ver se os materiais flutuam ou não flutuam.*” (A. 3). “*Sim (...) fazer experiências e mais nenhuma...*” (A. 4). “*Sim!*” (A. 5). “*Sim! Gostei mais assim com as balanças a pesar os pesos.*” (A. 6). “*Sim! Porque é uma maneira nova de aprender, de aprendermos a estudar e a compreendermos as matérias e pode ser mais fácil.*” (A. 7). “*Sim! É melhor assim!*” (A. 8).

De um modo geral, os alunos consideram que aprendem melhor novos conteúdos através de diferentes materiais. No entanto, ao longo da entrevista, todas as crianças se mostraram bastante confusas. Desta forma, inicialmente, quando as crianças foram questionadas acerca de que forma aprendiam melhor, grande parte respondeu que era com o auxílio da professora. No

entanto, quando coloquei a opção de adquirirem aprendizagens a partir de diferentes materiais/jogos/atividades experimentais, todas respondiam, sem hesitar, que aprendiam melhor através de materiais, atividades práticas, atividades experimentais, entre outros.

No decorrer da presente análise dos dados das entrevistas, feitas às crianças, que frequentam o 2.º e o 4.º ano de escolaridade, verificamos que todas as crianças entrevistadas entram em conformidade.

Quando questioneei as crianças acerca de qual o seu método preferencial para adquirir novas aprendizagens, uma grande maioria das crianças, numa primeira abordagem e de forma indireta, afirmaram que gostavam mais de aprender através da leitura e com a professora a explicar.

Em contrapartida, quando confrontadas com a possibilidade de aprender através de jogos, brincadeiras ou com diferentes materiais, as crianças não hesitam e respondem logo que é com diferentes materiais, atividades experimentais e práticas que gostam mais de aprender.

Em última análise, as crianças consideram que aprendem melhor através de atividades que envolvam novos e diferentes materiais, atividades lúdicas. Neste sentido, as crianças entram, também, em concordância com a opinião dos docentes. Assim, quando se recorre a atividades lúdicas para adquirir aprendizagens, os resultados de aprendizagem são notórios, pois, tal como refere a terceira professora entrevistada (P3), se as crianças estão envolvidas e criarem um gosto pela atividade, vão aprender com mais facilidade.

#### **4.6- Síntese comparativa**

No decorrer da presente análise dos dados, fulcrais para a investigação, é de apurar que, apesar de todos os entrevistados (educadoras, professoras e crianças) demonstrarem diferentes visões acerca da temática do estudo, no final, todos entram em concordância.

No que diz respeito à definição de atividade lúdica, ambos os grupos de docentes afirmam que, este tipo de atividades, está relacionado com o brincar e o jogar com um propósito pedagógico.

No que concerne à planificação de atividades lúdicas, mais especificamente às áreas para as quais essas atividades se encontram direcionadas, todos os docentes entrevistados referem que, é possível implementar atividades lúdicas direcionadas para todas as áreas de conteúdo, embora a área das expressões seja a que são implementadas este tipo de atividades com mais frequência.

Relativamente às estratégias de realização de planificação, a grande maioria das entrevistadas, demonstra ter uma estratégia muito própria de planificação. No entanto, todas as docentes planificam as atividades através de tabelas.

Ainda relativo ao bloco da entrevista, relacionado com a planificação, mais especificamente à definição de objetivos, a grande maioria dos docentes afirma que, depende da atividade, mas que, a partir dos objetivos define a atividade que vai ser realizada. Assim sendo, apenas uma educadora refere que define os objetivos consoante as OCEPE. Importa ainda referir que a P3, refere que, para definir objetivos a cumprir, tem muito em consideração as características individuais de cada criança do grupo.

No que se refere às estratégias utilizadas pelas docentes para a implementação de atividades lúdicas, todas as docentes têm uma estratégia muito própria e adaptada ao grupo a que se encontram a entrevir. Neste sentido, é muito complexo determinarmos apenas uma estratégia correta a utilizar, sendo que cada criança é diferente e cada grupo de crianças também. Deste modo, e de acordo com a literatura, cada docente deve adotar uma estratégia tendo em conta as necessidades e características do grupo, como referido acima.

No penúltimo bloco da entrevista, acerca da avaliação, grande parte das docentes afirma recorrer a observação direta como método de avaliação. No entanto, no que concerne às estratégias utilizadas para a avaliação de aquisição de aprendizagens, várias docentes optam por recorrer ao diálogo em grande grupo, como forma de perceberem se os objetivos de aprendizagens foram, ou não, atingidos.

No último bloco da entrevista, especificamente relacionado com as vantagens e realização de atividades, todas as docentes demonstraram ter a mesma opinião. Assim, todas as docentes

consideram que, quando realizam atividades lúdicas para abordar conteúdo, os resultados de aprendizagem são notórios, sendo que existe um maior sucesso escolar. Neste sentido, todos os docentes do 1.º CEB, que estão a exercer a sua vida profissional na rede pública, afirmam que, apenas não implementam com mais frequência atividades de carácter lúdico, devido ao facto dos programas a cumprir serem bastante extensos. Deste modo, surgiu a necessidade de aprofundar a pesquisa acerca da gestão curricular, pois esta encontra-se ligada com a oportunidade da realização das atividades lúdicas.

Ainda referente à última parte do último bloco da entrevista, é notório que as educadoras de infância e a professora de 1.º CEB, que se encontra a exercer no ensino doméstico, realizam atividades lúdicas com bastante mais frequência do que docentes que se encontram a exercer, na valência do 1.º CEB, no ensino público.

Em última análise, é fulcral que as docentes adotem estratégias tendo em conta as características de cada criança do grupo, respeitando o ritmo das mesmas. Não existe uma única estratégia adequada, mas sim um conjunto de fatores que define uma estratégia. Assim, os docentes devem estar em constante formação, para que as suas aprendizagens sejam constantes e atualizadas. Neste sentido, mais facilmente as docentes encontram estratégias adequadas ao grupo, permitindo ao grupo momentos prazerosos e ricos em aprendizagem.

## **Reflexão Final**

A realização do presente relatório final foi fundamental para que refletisse acerca de todo o meu percurso o que, por sua vez para o meu crescimento, quer a nível pessoal como a nível profissional.

Ao realizar todos os estágios, tive oportunidade de observar, acompanhar e intervir diariamente com vários profissionais de educação. Foi possível refletir e compreender todas as funções inerentes da profissão de educadora/professora, bem como a adotar estratégias corretas para que, futuramente, aplique uma boa prática pedagógica, quer dentro quer fora da sala de aula. Desta forma, a passagem por os diversos contextos possibilitou-me a aquisição de inúmeras aprendizagens, bem como relacionar a teoria com a prática de forma a perceber quais as estratégias mais adequadas a aplicar, tendo sempre em conta as necessidades individuais de cada criança.

No decorrer da realização dos estágios surgiu, a temática o presente estudo. Através de várias observações, apercebi-me de que a brincadeira e os jogos despertavam interesse e atenção por parte de grande parte das crianças. Assim, refleti e realizei várias leituras e pesquisas com o objetivo de perceber se é possível aprender através do jogo e do brincar. Para Pinto e Sarmiento citado por Sarmiento et al (1999, p. 42) “O brincar da criança varia ao longo do tempo, com a aquisição de novas capacidades e competências sociais, motoras e intelectuais”. Chateau (1987) afirma que, a criança quando brinca, não olha à sua volta como um jogador no café, envolve-se no jogo que é uma coisa séria. Deste modo, podemos constatar que, a criança, quando brinca, se envolve de tal forma que, nada à sua volta a distrai.

Ao associarmos a brincadeira à aprendizagem, conseguimos, então, que a criança obtenha melhores resultados quer a nível escolar, como a nível de desenvolvimento pessoal e social de cada criança. Importa ainda destacar que, é fulcral que o ritmo e as necessidades de cada criança devem ser sempre respeitados. Desta forma, quando um profissional de educação pensa numa atividade e define os seus objetivos, deve ter em conta de que existe uma dependência direta entre os objetivos pedagógicos e as atividades de ensino (Bordenave & Pereira, 1977).

A realização deste estudo teve, sem dúvida, um papel muito importante para o meu futuro profissional. Como futura profissional de educação é importante ter consciência que o meu papel é fulcral para que as crianças adquiram inúmeras aprendizagens através de momentos prazerosos, pois cabe ao educador/professor proporcionar estes momentos ao grupo. Segundo as OCEPE (2016, p. 9) o “(...) processo de maturação biológica e das experiências de

aprendizagem vividas, faz de cada criança um ser único, com características, capacidades e interesses próprios (...).”

Ao longo de todo este percurso de investigação e realização de práticas surgiram-me diversas dúvidas e receios. Relativamente aos receios, estes surgiram-me na realização das primeiras práticas pedagógicas supervisionadas, e estavam relacionados com a adoção de estratégias adequadas à realização de atividades e ao grupo. Como forma de ultrapassar os mesmos, realizei diversas leituras e recorri à ajuda das educadoras e professoras orientadoras. No que diz respeito às dificuldades surgidas, estas focaram-se, principalmente, na escolha do tema da investigação. Quando me deparei com a escolha de um tema de investigação, inicialmente, fiquei um pouco confusa relativamente à temática que devia aprofundar, pois a área da educação é naturalmente problemática pelo que há uma diversidade de temas. Como forma de ultrapassar esta dificuldade realizei várias pesquisas e leituras de forma a clarificar um tema que me suscitasse interesse para aprofundar uma pesquisa.

Importa ainda destacar que, a realização desta investigação, contribuiu não só para aprofundar os meus conhecimentos acerca das atividades lúdicas e da aprendizagem através das mesmas, mas também para perceber que não existe apenas uma atividade ou estratégia correta sendo que, cada grupo é diferente e requer a utilização de diferentes estratégias e atividades. Tive ainda oportunidade de adquirir diversas aprendizagens com os docentes e os discentes, relacionadas com a diversidade de estratégias de implementação e avaliação de atividades e, ainda adquirir uma melhor visão acerca da perspetiva que as crianças têm do seu método preferencial de aprendizagem. Todas estas aprendizagens vão, então, contribuir para que, no futuro, adote uma melhor prática pedagógica.

Posso ainda afirmar que, a realização do presente relatório, me despertou interesse para a realização de novas pesquisas, das quais surgiu a necessidade de compreender de que modo a gestão curricular tem influência na realização de atividades lúdicas. Inicialmente, antes de realizar as entrevistas às professoras cooperantes, não associei esta temática, da gestão curricular, às atividades lúdicas. No entanto, com a realização das entrevistas, apercebi-me de que fazia todo o sentido este ser um estudo futuro, de modo a enriquecer a minha investigação, incluir algumas visões e pesquisas acerca da gestão curricular, pois muitos docentes têm dificuldade em planificar atividades lúdicas devido à preocupação com o cumprimento dos programas.

Relativamente às limitações que identifico neste estudo, estão sobretudo relacionadas com a bibliografia sobre a conceção e planeamento da ação educativa. Isto é, existe uma vasta

variedade de literatura acerca da planificação, no entanto, esta foca-se muito nos objetivos e não especificamente nos passos que são necessários para a realização da planificação em si.

Para finalizar, a realização deste relatório teve uma contribuição fulcral para o enriquecimento do meu percurso académico. Assim, termino um capítulo da minha formação académica, com a noção de que, um profissional de educação, está sempre em constante formação, pelo que devemos investir cada vez mais na mesma.

## Referências Bibliográficas

- Acta Portuguesa de Nutrição, (2018). Investigação qualitativa: perspetiva geral e importância para as ciências da nutrição, pp. 30-34.
- Altet, M. (1997). *As Pedagogias da Aprendizagem*. (Nuno, R. Trad.). Lisboa. Instituto Piaget. Horizontes Pedagógicos.
- Arends, R. (2008). *Aprender a ensinar. Madrid*. (A. Faria, Trad.). (7.<sup>a</sup> Edição). Mc Graw Hill.
- Afonso, N. (2014). *Investigação naturalista em educação. Um guia prático e crítico*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.
- Bassedas, E. Huguet, T. Solé, I. (1999). *Aprender e ensinar na educação infantil*. (C. M. Oliveira, Trad.). Porto Alegre. ArtMed.
- Bolívar. A. Pinto. F. C., Caride, J. A., Rubal, X., Trillo, F. & Zabalza, M. (2000). *Atitudes e valores no ensino*. Instituto Piaget. Lisboa. Horizontes pedagógicos.
- Bordenave, J. Pereira, A. (1977). *Estratégias de ensino-aprendizagem*. Brasil. Vozes.
- Brock, A. Dodds, S. Jarvis, P. Olusoga, Y. (2011). *Brincar – aprendizagem para a vida*. Brasil. Editora Penso.
- Cardona, M. J. (1999). *O espaço e o tempo no jardim de infância*. Pro-Posições- Vol.10, Nº1 [28], pp.132-138. Campinas: Faculdade de Educação da Unicamp.
- Cardona, M. J., Nogueira, C. Vieira, C. Uva, M. & Tavares, C. T. (2015). *Guião de educação género e cidadania: pré-escolar*. Editora: Comissão para a cidadania e a igualdade de género.
- Cavalcanti, J., (2004) *Caminhos da literatura infantil e juvenil- dinâmicas e vivências na ação pedagógica*. 2.<sup>a</sup> edição. Editora eletrônica PAULUS.
- Chateau, J. (1987). *A criança e o jogo*. (J. F. Gomes. Trad.). Coimbra. Atlântida.
- Costa, J. A. Andrade, A. I. Mendes, A. N. Costa, N. (2004) *Gestão curricular – percursos de aprendizagem*. Aveiro. Universidade de Aveiro.
- Damas, M. Ketele, J. (1985). *Observar para avaliar*. Coimbra: Livraria Almeida.
- Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa. (2003-2020). Porto. Porto Editora. Consultado a 10 de janeiro de 2020. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/estratégia>
- Duarte, R. (2004). *Entrevistas em pesquisas qualitativas*. P. 2013-225. Editora UFPR.

- Fernandes, D. (1991). Notas sobre os paradigmas da investigação em educação. *Revista Noesis* (18). 64-66.
- Garvey, C. (1992). *Brincar*. (Tiago, M., Cunha, A., Trad.) Lisboa: Edições Salamanca.
- Giordan, A. (1998). *Aprender!* Instituto Piaget. Lisboa. Horizontes pedagógicos.
- Lima, F. B. (2016). *O desafio de educar para valores no século XXI*. Instituto Superior de Educação e Ciências.
- Kishimoto, T. M. (1994) *O jogo e a educação infantil*. São Paulo. P. 105-128.
- Macedo, L. Petty, A. L. S. Passos, N. C. (2005). *Os jogos e o lúdico na aprendizagem escolar*. Porto Alegre. Artmed.
- Martins, R. F. R. C. (1983). Acerca do conceito de estratégia. IDN. P. 99-125.
- Marques, I. A., (2019). “*A brincar também se educa*”. 1ª edição. Lisboa. Manuscrito.
- Ministério da Educação – Direção-Geral dos Ensinos Básico e Secundário. (1991). *Organização curricular e programas- Expressão e Educação Físico-Motora, Musical, Dramática e Plástica*. Lisboa: Ministério da Educação - Direção Geral de Educação.
- Migueis, M. Abrantes, N. & Moreira, S. (2017). *Brincar e Aprender na Infância*. Porto Editora.
- OCEPE (2016). Silva, L. I., Marques, L., Mata, L. & Rosa, M. *Orientações curriculares para a educação pré-escolar* (OCEPE). Lisboa: Ministério da Educação/Direção Geral da Educação (DGE).
- Olivier, C. (1976). *A criança e os tempos livres*. Lisboa. (C. Pestana, Trad.). (Edição n.º 40 235/2211). Publicações Europa – América.
- Oliveira-Formosinho, J. (2011). *O espaço e o tempo na pedagogia em participação*. Porto Editora.
- Pickard, P. M. (1976). *A criança aprende brincando*. Ibrasa
- Pinto, M. R. (2003). *Formação e aprendizagem no espaço lúdico*. (2.º edição). Brasil. Arte & Ciência.
- Pombo, O. Guimarães, H. & Levy, T. (1993) *A Interdisciplinaridade – Reflexão e Experiência*. Lisboa. Texto Editora.
- Reis, F. L. (2010). *Como Elaborar uma Dissertação de Mestrado: Segundo Bolonha*. Lisboa. Lidel.
- Ribeiro, L. (1990). *Avaliação da Aprendizagem*. Lisboa. Texto Editora, LDA.

- Ribeiro, A. C. Ribeiro, L. C. (1990). *Planificação e avaliação do ensino-aprendizagem*. Universidade Aberta.
- Roldão, M. C. Almeida, S. (2018). *Gestão curricular para autonomia das escolas e professores*. Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação (DGE).
- Roloff, E. M. (s.d.). *A importância do lúdico na sala de aula*. Universidade Católica do Rio Grande do Sul: Rio Grande do Sul. Brasil.
- Sant'ana, A. & Nascimento, P. R. (2011). A história do lúdico na educação. *Revemat*, 6, 19-36. Consultado a 8 de outubro de 2019, em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revemat/article/viewFile/1981-1322.2011v6n2p19/21784>
- Santos, S. M. P. (1999). *O lúdico na formação do educador*. Brasil. Editora Vozes.
- Sarmiento, T., Ferreira, F., Madeira, R., Silva, A., Silva, M., Rocha, M., Azevedo, S., Gomes, L. (2017). *Brincar e aprender na infância*. Porto: Porto Editora.
- Serra, C., Rosário, C., Granjo, P., & Cahen, M. (2013). *O que é Investigar?* Lisboa: Escolar Editora.
- Serafini, O. & Pacheco, J. (1990). A observação como elemento regulador da tomada de decisões: a proposta de um instrumento. *Revista Portuguesa de Educação*, Universidade do Minho, III (2), 1-19.
- Virões, B. (2013). *O papel da escola na educação de valores*. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia - Instituto de Educação.
- Zabalza, M. A. (2001). *Planificação e desenvolvimento curricular na escola*. (6ª Edição). Lisboa. Edições Asa.

### **Legislação Consultada**

Decreto-lei, n.º 55/2018, Diário da República, 1.ª série — N.º 129 — 6 de julho de 2018

## **ANEXOS**

Anexo I- Planificação da Atividade “Uma Lagartinha Muito Comilona”

9 de Janeiro de 2018						
Horário	Momentos	Domínios	Objetivos	Atividades	Estratégias	Avaliação
09h00 – 09h30	Reforço da manhã e Canção do “Bom Dia”					
09h30 – 10h00	<b>História</b>	Domínio Cognitivo; Domínio pessoal e Social	<p>Gerais:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Demonstrar atenção;</li> <li>• Adquirir novo vocabulário;</li> <li>• Desenvolver a linguagem oral.</li> </ul> <p>Específico:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Reconhecer as personagens da história e os alimentos que estão incluídos na mesma.</li> </ul>	Contar a história “A lagartinha muito comilona”.	A estagiária inicia o momento mostrando a capa do livro ao grupo e, de seguida inicia a leitura expressiva da história. Esta história está relacionada com a atividade orientada que irá ser realizada de seguida. À medida que a estagiária conta a história vai colando alimentos que estão incluídos na história num cartão que tem escrito os dias da semana.	Observação direta; Registo Fotográfico.
10h00 – 11h00	<b>Atividade Orientada</b>	Domínio Físico-Motor;  Domínio Pessoal e Social;	<p>Gerais:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Desenvolver a motricidade fina;</li> </ul>	Pintura com tinta de uma lagarta e de uma borboleta.	A estagiária dá liberdade ao grupo para explorar livremente todas	Observação direta; Registo fotográfico.

	<b>Brincadeira livre.</b>	Expressão plástica;  Domínio Criativo.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Explorar os diferentes materiais.</li> </ul> Específicos: <ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecer os dois animais e perceber a relação entre eles.</li> </ul>		as áreas da sala. Enquanto alguns elementos do grupo exploram livremente as diferentes áreas da sala, a estagiária vai chamando uma criança de cada vez para pintar a lagarta e a borboleta.	
11h00 – 11h15	<b>Higiene</b>	Formação Pessoal e Social	Gerais: <ul style="list-style-type: none"> <li>• Desenvolver a autonomia;</li> <li>• Conhecer o corpo;</li> <li>• Adquirir o controlo dos esfíncteres.</li> </ul>	Neste momento do dia as crianças lavam as mãos e colocam os babetes para se prepararem para o almoço.	Neste momento do dia as crianças lavam as mãos e colocam os babetes para se prepararem para o almoço.	Observação direta.
11h15 – 11h30	<b>Cantar canções</b>	Domínio do pensamento criativo;  Desenvolvimento Cognitivo.	Gerais: <ul style="list-style-type: none"> <li>• Desenvolver a linguagem;</li> <li>• Promover a atenção;</li> <li>• Incutir o gosto musical;</li> </ul> Específicos: <ul style="list-style-type: none"> <li>• Manter as crianças ocupadas e divertidas;</li> </ul>	A educadora e as estagiárias cantam canções com o grupo	Antes do almoço as crianças sentam-se na área da reunião e a educadora juntamente com as estagiárias cantam canções. As crianças também fazem os pedidos das músicas que querem ouvir/cantar.	Observação direta.

			<ul style="list-style-type: none"> <li>Promover o convívio entre o grupo.</li> </ul>			
11h30 – 12h15	<b>Almoço</b>	Formação Pessoal e Social	<p>Gerais:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Desenvolver a autonomia;</li> <li>Estimular o gosto pelos diferentes alimentos;</li> <li>Desenvolver a comunicação</li> </ul>	Almoçar autonomamente ou com a ajuda da educadora, da auxiliar ou das estagiárias se necessário.	Enquanto as crianças estão a comer, a educadora, a auxiliar e as estagiárias ajudam as que necessitam e utilizam estratégias para convencer as que não querem comer.	Observação direta.
12h15 – 12h30	<b>Higiene</b>	Formação Pessoal e Social	<p>Gerais:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Desenvolver a autonomia;</li> <li>Conhecer o corpo;</li> <li>Adquirir o controlo dos esfíncteres.</li> </ul>		A educadora, a auxiliar e as estagiárias colocam as crianças no bacio ou na sanita, lavam-lhes as mãos e a boca, tiram os bibes e, quando elas já estão deitadas, tapam-nas com o lençol e o cobertor, interagindo sempre com elas.	Observação direta.
12h30 – 15h00	<b>Sesta</b>					Observação direta.

15h00 – 15h15	<b>Higiene</b>	Formação Pessoal e Social	<p>Gerais:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Desenvolver a autonomia;</li> <li>• Conhecer o corpo;</li> <li>• Adquirir o controlo dos esfíncteres.</li> </ul>		Depois da sesta, a educadora, a auxiliar e as estagiárias arrumam as camas, mudam fraldas, colocam as crianças no bacio ou na sanita, penteiam-nas e colocam perfume.	Observação direta.
15h15 – 15h30	<b>Canções, lengalengas e adivinhas.</b>	<p>Domínio do pensamento criativo;</p> <p>Domínio Cognitivo.</p>	<p>Gerais:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Promover a atenção;</li> <li>• Incutir o gosto musical;</li> <li>• Manter as crianças ocupadas e divertidas;</li> </ul> <p>Específicos:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Desenvolver a linguagem;</li> <li>• Estimular o pensamento;</li> <li>• Desenvolver a criatividade;</li> <li>• Promover o convívio entre o grupo.</li> </ul>	A educadora e as estagiárias cantam e fazem lengalengas e adivinhas com o grupo.	Enquanto esperam para ir lanche, a educadora, juntamente com as estagiárias, cantam canções, dizem lengalengas e fazem adivinhas, normalmente com materiais didáticos, essencialmente sobre o tema dos animais.	Observação direta.
15h30 – 16h00	<b>Lanche</b>	Formação Pessoal e Social	<p>Gerais:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Desenvolver a autonomia;</li> </ul>	Lanchar autonomamente ou com a ajuda da educadora, da	A educadora, a auxiliar e as estagiárias sentam as crianças e	Observação direta.

			<ul style="list-style-type: none"> <li>• Adquirir regras de convivência social.</li> </ul>	auxiliar ou das estagiárias se necessário.	auxiliam-nas a comer, se necessário, interagindo com as mesmas.	
16h00 – 16h10	<b>Higiene</b>	Formação Pessoal e Social	<p>Gerais:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Desenvolver a autonomia;</li> <li>• Conhecer o corpo;</li> <li>• Adquirir o controlo dos esfíncteres.</li> </ul>		A educadora, a auxiliar e as estagiárias encaminham as crianças para a casa de banho e ajudam-nas a lavar as mãos e a boca, interagindo sempre com elas.	Observação direta.
16h00 – 16h30	<b>Brincadeira Livre</b>	<p>Domínio Cognitivo;</p> <p>Formação Pessoal e Social;</p> <p>Domínio Criativo.</p>	<p>Gerais:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Promover a interação com os pares;</li> <li>• Promover a aquisição da responsabilidade e da partilha/resolução do conflito;</li> <li>• Desenvolver as competências sociais e aquisição de regras de convivência social.</li> </ul>	As crianças brincam livremente.	A estagiária encontra-se na área do tapete com o grupo e dá permissão às crianças de uma forma individual para estas brincarem livremente. Durante a brincadeira livre, as estagiárias colocam o CD/pen com as músicas de natal que recolheram e cantam-nas com o grupo.	Observação direta.

**Terça-Feira (9 de Janeiro de 2018) - Atividade articulada com a história “Uma lagartinha muito comilona”**

Este foi o primeiro dia da minha segunda semana de intervenção. Iniciei o dia com a leitura expressiva da história “Uma largartinha muito comilona”, à medida que fui contanto a história, ia colocando os alimentos que a lagartinha comia ao longo da semana num cartão que tinha velcro. Assim que terminei a leitura da história, questioneei o grupo de forma a perceber se este tinha percebido a história e qual a sua personagem. Neste momento consegui perceber quais as crianças que mais tinham percebido a história e os alimentos que faziam parte da mesma.

De seguida, iniciei as atividades que tinha previsto para este dia, a pintura de uma lagarta e a pintura individual de uma borboleta, ambas com tintas e pincel. Para que fosse possível a realização destas duas atividades tive a ajuda da educadora cooperante e do meu par de estágio. O grupo organizou-se da seguinte forma: enquanto duas crianças pintavam a lagarta, outras duas crianças pintavam a sua borboleta com a educadora e ia rodando desta forma. O restante grupo encontrava-se a brincar livremente pelas diferentes áreas da sala.

Ao longo destas atividades reparei nas diferentes reações que as crianças iam tendo ao realizar as mesmas, reparei que a maior parte das crianças apresenta um grande interesse em trabalhar e explorar a tinta, gostam muito de pintar de forma autónoma e de misturar várias cores com o pincel, reparei ainda que eram bastante impacientes para esperar pela sua vez de pintar, isto é, quando estavam duas crianças a pintar a maior parte do grupo gostava de estar a assistir e perguntava muitas vezes “ A seguir sou eu?”. Assim que todo o grupo terminou de pintar, fui ao pé da criança que tem NEE e incentivei-a a realizar a atividade da lagarta pois já tinha realizado a da borboleta, a criança ficou bastante entusiasmada quando viu a tinta de várias cores, no entanto quando a ajudei a pegar no pincel com a mão começou a chorar e apenas deu três ou quatro pinceladas. Ambas as atividades terminaram assim que todas as crianças pintaram a lagarta e a sua borboleta.



Figura 1- Realização da atividade "Uma lagartinha muito comilona"



Figura 2- Realização da atividade "Uma lagartinha muito comilona"



Figura 3- Realização da atividade "Uma lagartinha muito comilona"



Figura 4- Realização da atividade "Uma lagartinha muito comilona"

Em jeito de reflexão, verifiquei que todos os objetivos colocados anteriormente na planificação foram atingidos. A estratégia que utilizei para a leitura da história teve um balanço bastante positivo, pois ao ter os alimentos e o cartão e o facto de ir colocando à medida que ia contando a história fez com que despertasse bastante o interesse das crianças para assistirem à história e a atenção das mesmas. Em relação à atividade da pintura penso decorreu também de uma forma muito positiva e despertou bastante interesse em todo o grupo em participar. Numa próxima intervenção, não alteraria em nada a estratégia que utilizei em ambas as atividades, pois resultou bastante bem em ambas.

Anexo III- Planificação da Atividade “Lençol Mágico: Raposa João- Pirata no Mar”

11 de Janeiro de 2018						
Horário	Momentos	Domínios	Objetivos	Atividades	Estratégias	Avaliação
09h00 – 09h30	Reforço da manhã e Canção do “Bom Dia”					
09h30 – 10h00	<b>História</b>	Domínio Cognitivo	<p>Gerais:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Demonstrar atenção;</li> <li>• Adquirir novo vocabulário;</li> <li>• Desenvolver a linguagem oral.</li> </ul> <p>Específico:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Reconhecer as personagens da história;</li> <li>• Desenvolver a motricidade fina;</li> <li>• Desenvolver a coordenação e o trabalho em grupo.</li> </ul>	Leitura expressiva da história “Raposa João- Pirata do mar”.	A leitura inicia-se com um lençol que será segurado à volta pelas crianças e pela estagiária. À medida que a estagiária conta a história o lençol vai sendo manuseado pelas crianças criando o efeito das ondas do mar. Assim que termina a leitura questiona as crianças acerca do que acabaram de ouvir percebendo desta forma os conhecimentos que adquiriram com a mesma.	Observação direta;  Registo fotográfico.
10h00 – 11h00	<b>Brincadeira livre</b>  <b>Atividade Orientada</b>	Domínio Físico-Motor;  Domínio Pessoal e Social;	<p>Gerais:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Desenvolver a motricidade fina;</li> </ul>	Jogo “Não podem cair no mar”.	A estagiária inicia a atividade com um pequeno diálogo acerca da história que as	Observação Direta; Registo fotográfico.

		Domínio Criativo.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Explorar os diferentes materiais;</li> </ul> <p>Específicos:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Desenvolver a coordenação motora;</li> <li>• Desenvolver a coordenação;</li> <li>• Promover o espírito competitivo.</li> </ul>		<p>crianças acabaram de ouvir. De seguida, coloca o cartão que vai representar as “ilhas” (uma para cada criança). À medida que coloca as ilhas vai explicando às crianças o jogo. O jogo inicia-se com a estagiária a colocar uma música relacionada com o mar, quando a estagiária para a música cada criança tem de estar em pé em cima da sua ilha. À medida que o jogo vai avançando vão sendo retiradas ilhas para aumentar o grau de dificuldade. O jogo termina quando todas as crianças tiverem perdido e só</p>	
--	--	-------------------	---	--	---	--

					houver apenas uma ilha. Depois de terminado o jogo, as crianças vão brincar livremente pelas diferentes áreas da sala.	
11h00 – 11h15	<b>Higiene</b>	Formação Pessoal e Social	<p>Gerais:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Desenvolver a autonomia;</li> <li>• Conhecer o corpo;</li> <li>• Adquirir o controlo dos esfíncteres.</li> </ul>		Neste momento do dia as crianças lavam as mãos e colocam os babetes para se prepararem para o almoço.	Observação direta.
11h15 – 11h30	<b>Cantar canções</b>	Domínio do pensamento criativo; Desenvolvimento cognitivo.	<p>Gerais:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Desenvolver a linguagem;</li> <li>• Promover a atenção;</li> <li>• Inculcar o gosto musical.</li> </ul> <p>Específicos:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Manter as crianças ocupadas e divertidas;</li> <li>• Promover o convívio entre o grupo.</li> </ul>	As estagiárias cantam canções com o grupo.	Antes do almoço as crianças sentam-se na área da reunião e a educadora juntamente com as estagiárias cantam canções. As crianças também fazem os pedidos das músicas que querem ouvir/cantar.	Observação direta.
11h30 – 12h15	<b>Almoço</b>	Formação Pessoal e Social	<p>Gerais:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Desenvolver a autonomia;</li> </ul>	Almoçar autonomamente ou com a ajuda da	Enquanto as crianças estão a comer, a	Observação direta.

			<ul style="list-style-type: none"> <li>• Estimular o gosto pelos diferentes alimentos;</li> <li>• Desenvolver a comunicação.</li> </ul>	educadora, da auxiliar ou das estagiárias se necessário.	educadora, a auxiliar e as estagiárias ajudam as que necessitam e utilizam estratégias para convencer as que não querem comer.	
12h15 – 12h30	<b>Higiene</b>	Formação Pessoal e Social	<p>Gerais:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Desenvolver a autonomia;</li> <li>• Conhecer o corpo;</li> <li>• Adquirir o controlo dos esfíncteres.</li> </ul>		A educadora, a auxiliar e as estagiárias colocam as crianças no bacio ou na sanita, lavam-lhes as mãos e a boca, tiram os bibes e, quando elas já estão deitadas, tapam-nas com o lençol e o cobertor, interagindo sempre com elas.	Observação direta.
12h30 – 15h00	<b>Sesta</b>					Observação direta.
15h00 – 15h15	<b>Higiene</b>	Formação Pessoal e Social	<p>Gerais:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Desenvolver a autonomia;</li> <li>• Conhecer o corpo;</li> </ul>		Depois da sesta, a educadora, a auxiliar e as estagiárias arrumam as camas, mudam	Observação direta.

			<ul style="list-style-type: none"> <li>• Adquirir o controlo dos esfíncteres.</li> </ul>		fraldas, colocam as crianças no bacio ou na sanita, penteiam-nas e colocam perfume.	
15h15 – 15h30	<b>Canções, lengalengas e adivinhas</b>	Domínio do pensamento criativo;  Domínio Cognitivo.	<p>Gerais:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Promover a atenção;</li> <li>• Inculcar o gosto musical;</li> <li>• Manter as crianças ocupadas e divertidas.</li> </ul> <p>Específicos:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Desenvolver a linguagem;</li> <li>• Estimular o pensamento;</li> <li>• Desenvolver a criatividade.</li> <li>• Promover o convívio entre o grupo.</li> </ul>	As estagiárias cantam e fazem lengalengas e adivinhas com o grupo.	Enquanto esperam para ir lanche, a educadora juntamente com as estagiárias cantam canções, dizem lengalengas e fazem adivinhas, normalmente com materiais didáticos, essencialmente sobre o tema dos animais.	Observação direta.
15h30 – 16h00	<b>Lanche</b>	Formação Pessoal e Social	<p>Gerais:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Desenvolver a autonomia;</li> <li>• Adquirir regras de convivência social.</li> </ul>		A educadora, a auxiliar e as estagiárias encaminham as crianças para a casa de banho e ajudam-nas a lavar as mãos e a boca, interagindo sempre com elas.	Observação direta.

16h00 – 16h10	<b>Higiene</b>	Formação Pessoal e Social	<p>Gerais:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Desenvolver a autonomia;</li> <li>• Conhecer o corpo;</li> <li>• Adquirir o controlo dos esfíncteres.</li> </ul>			Observação direta.
16h00 – 16h30	<b>Brincadeira Livre</b>	Domínio Cognitivo; Formação Pessoal e Social; Domínio Criativo.	<p>Gerais:</p> <p>Promover a interação com os pares;</p> <p>Promover a aquisição da responsabilidade e da partilha/resolução do conflito;</p> <p>Desenvolver as competências sociais e aquisição de regras de convivência social.</p>	Brincadeira livre.	As crianças podem movimentar-se livremente pela sala, brincando com os objetos disponíveis, sendo que as estagiárias vão interagindo com elas e com as suas brincadeiras.	Observação direta.

#### Anexo IV- Avaliação da Atividade “Lençol Mágico: Raposa João- Pirata no Mar”

Como habitual, iniciei o dia na área do tapete com o momento da história. Neste dia a história foi contada de uma forma diferente. Habitualmente, no momento da história, a pessoa que conta a história está sentada numa cadeira e o grupo de crianças está sentado no tapete virado para a cadeira. Esta atividade como envolvia um “lençol mágico” por isso decidi colocar as crianças à volta do lençol e sentar-me também à volta do mesmo ao mesmo tempo que ia contando a história. A história tinha como título “Raposa João- Pirata no mar”.

Desta forma, iniciei a atividade sentada no tapete juntamente com todas as crianças à volta do lençol, à medida que ia contando a história, em conjunto com as crianças ia fazendo movimentos com o mar. Inicialmente, a reação do grupo ao ver o lençol foi de espanto mas ao mesmo tempo de receio, no primeiro momento observaram bastante o lençol e não estavam a perceber bem o se estava a passar, pois o grupo está habituado a uma rotina e a um momento da história bastante diferente. Queria ainda destacar que a rotina é bastante importante para as crianças em creche.

Assim que terminei de contar a história questionei o grupo como habitual para perceber se tinham percebido a história, quais as suas personagens e a sua moral, esta estava relacionada com a partilha.

Seguidamente deu-se início a uma segunda atividade que tinha planeado e que estava interligada com a história. A atividade foi organizada da seguinte forma: comecei por colocar o lençol estendido no chão da sala e coloquei pequenos bocados de cartão à volta do lençol, a estes pequenos bocados de cartão chamei de “ilhas” e ao lençol chamei de “mar”, o jogo tem como nome “Não posso cair no mar” e o objetivo era as crianças andarem de forma livre pela sala quando tivesse a musica a tocar assim que a musica parava cada criança devia estar em cima da sua ilha, se não estivesse em cima da sua ilha perdia.

Iniciei então o jogo com uma breve explicação, de seguida as crianças começaram a jogar, inicialmente de uma forma geral apenas alguns elementos do grupo estavam a perceber as regras do jogo, mas no decorrer do jogo as crianças começaram a perceber. Já algum tempo depois de iniciar o jogo, coloquei a sala sem luz e liguei as luzes no lençol, todo o grupo ficou bastante motivado e espantado ao ver luzes no lençol. Terminei o jogo passado alguns minutos.



Figura 6- Realização da atividade do lençol mágico



Figura 5- Realização da atividade do lençol mágico



Figura 7- Realização da atividade do lençol mágico

Em jeito de reflexão, verifiquei que todos os objetivos previstos na planificação que realizei anteriormente foram cumpridos. Com esta atividade percebi o quão importante é exemplificar o jogo antes do iniciar, isto é, as crianças conseguem compreender muito melhor as regras do jogo e como devem jogar se virem alguém a jogar primeiro. Numa próxima intervenção vou optar por reduzir as regras do jogo e exemplificá-lo logo antes de o iniciar para que o envolvimento do grupo e a compreensão do jogo por parte das crianças melhore.

Anexo V- Planificação da Atividade relacionada com o olfato “O que cheirei”

<b>Data: 10 de maio de 2018</b>				
<b>Duração: 45 minutos</b>				
<b>Área de conteúdo e Domínio</b>	<b>Objetivos</b>	<b>Estratégias</b>	<b>Materiais</b>	<b>Avaliação</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Área do conhecimento do mundo;</li> <li>• Conhecimento do mundo físico e natural;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Reconhecer e identificar partes do corpo e alguns órgãos, incluindo órgãos dos sentidos, e compreender as suas funções (1);</li> </ul>	<p>A estagiária inicia a atividade com um diálogo acerca do sentido do olfato e, de seguida, chama as crianças individualmente. Os frascos forrados com cartolina com vários alimentos dentro deles encontram-se em cima da mesa, a criança senta-se em frente aos mesmos e cheira um frasco de cada vez. Enquanto as crianças cheiram cada frasco a estagiária vai fazendo perguntas como: “Sabes que alimento é? Este cheiro é te familiar? Faz-te lembrar algo?” (1).</p> <p>A atividade é concluída com um diálogo acerca do sentido do olfato e a estagiária revela às crianças quais os alimentos que estavam em cada frasco dizendo os comentários que cada criança fez enquanto estava a cheirar cada alimento. Todos estes comentários serão posteriormente expostos na sala num painel elaborado pela estagiária em papel de cenário.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Frascos forrados com cartolina;</li> <li>• Cascas de laranja;</li> <li>• Canela;</li> <li>• Vinagre;</li> <li>• Café</li> <li>• Papel de cenário.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Observação direta;</li> <li>• Registo fotográfico;</li> <li>• Registo Escrito.</li> </ul>

## Anexo VI- Avaliação da Atividade relacionada com sentido do olfato “O que cheirei”

### Quinta-feira

Para este dia planifiquei uma atividade relacionada também com o sentido do olfato e com alguns alimentos. Neste dia não preparei nenhuma leitura de uma história, pois foi a mãe de uma criança até à instituição contar uma.

O dia iniciou-se com a habitual rotina da marcação de presenças, de seguida o grupo dirigiu-se até à biblioteca para ouvir a história que, neste dia, como referi a cima, foi contada por a mãe de uma das crianças do grupo. Já de regresso à sala, iniciei a atividade no tapete com um pequeno diálogo acerca do sentido do olfato. A atividade decorreu de forma individual sendo que as crianças se encontravam a brincar livremente nas áreas escolhidas e eu ia chamando consoante a ordem das presenças. Utilizei cerca de quatro frascos com cheiros de alimentos diferentes sendo que os cheiros que escolhi foi, o cheiro do vinagre, do café, da canela e das cascas de laranja. À medida que as crianças iam cheirando eu ia fazendo questões acerca do que estavam a cheirar e registar por escrito todas as palavras que estas diziam ao cheirar.

### Decorrer da atividade



*Figura 8- Realização da atividade "O que cheirei"*



*Figura 9- Realização da atividade "O que cheirei"*

Optei por realizar esta atividade individualmente para que as crianças tivessem reações muito características de si próprias e não que se “copiassem” umas às outras. A meu ver, a atividade correu bastante bem tendo cumprido com todos os objetivos previstos na planificação. Ao realizar a atividade, as crianças mostraram-se bastante envolvidas e interessadas na mesma. Ao longo da atividade registei vários comentários que as crianças diziam quando cheiravam os

frascos. Relativamente à canela destaquei alguns comentários como “Cheira bem, mas não conheço”; “É doce e mete-se no pão”; e “Cheira bem”. No que se refere às cascas de laranja, destaquei os seguintes comentários “É bom, é laranja” e “Gosto de cheirar”. Relativamente ao café destaquei os seguintes comentários: “Açúcar ou uma coisa parecida” e “Café, não gosto, é mau para as crianças”. Quando ao vinagre as crianças disseram que o cheiro “É bom”; “Gosto do cheiro” e “Eu não tenho a certeza, acho que é cheiro a azeite”.

Anexo VII- Planificação da Atividade relacionada com o sentido do tato “O que sinto quando pinto com as mãos”

<b>Data: 22 de maio de 2018</b>				
<b>Duração: 45 minutos</b>				
<b>Área de conteúdo e Domínio</b>	<b>Objetivos</b>	<b>Estratégias</b>	<b>Materiais</b>	<b>Avaliação</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Área do conhecimento do mundo;               <ul style="list-style-type: none"> <li>○ Conhecimento do mundo físico e natural;</li> </ul> </li> <li>• Área da expressão e comunicação.               <ul style="list-style-type: none"> <li>○ Educação Artística.</li> </ul> </li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Reconhecer e identificar partes do corpo e alguns órgãos, incluindo órgãos dos sentidos, e compreender as suas funções (1);</li> <li>• Explorar e utilizar, nas suas produções, modalidades diversificadas de expressão visual (pintura, desenho, etc.), recorrendo a diferentes elementos da linguagem plástica (cores, linhas, manchas, formas). (2)</li> </ul>	<p>A atividade inicia-se com um diálogo acerca do sentido do tato, entre a estagiária e o grupo para que as crianças percebam qual o sentido que a estagiária pretende dar ênfase e como vai decorrer a atividade. A estagiária vai chamando seis crianças de cada vez, enquanto três crianças estão a pintar com as mãos utilizando a digitinta, as restantes três crianças estão a pintar com as mãos utilizando a espuma de barbear e assim sucessivamente (1). Desta forma, existem duas mesas, cada uma com uma técnica de pintura diferente (2). Os restantes membros do grupo encontram-se a brincar livremente pelas diferentes áreas da sala. A atividade decorre no exterior e todas as crianças experimentam as duas técnicas de pintura. O resultado final de ambas as técnicas de pintura irá ficar exposto na sala.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Farinha;</li> <li>• Água;</li> <li>• Detergente;</li> <li>• Tinta;</li> <li>• Espuma de barbear;</li> <li>• Cola branca;</li> <li>• Folhas de papel.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Observação direta;</li> <li>• Registo fotográfico;</li> <li>• Registo Escrito.</li> </ul>

## Anexo VIII- Avaliação da Atividade relacionada com o sentido do tato “O que sinto quando pinto com as mãos”

Para este dia planejei uma atividade relacionada com o sentido do tato, utilizando a técnica da digitinta e a técnica da espuma de barbear.

O dia iniciou-se com a habitual rotina da manhã. Assim que terminámos as presenças e a higiene da manhã. Cantámos o bom dia e contei uma história que uma criança trouxe de casa. Concluída a rotina da manhã, iniciei a atividade que tinha planeado com um pequeno diálogo com o grupo quando este se encontrava ainda no tapete. Neste, falei um pouco sobre os sentidos que já tínhamos trabalhado e sobre o sentido que íamos utilizar na atividade, o tato.

Assim que terminei o diálogo com o grupo, dirigimo-nos até ao exterior onde iniciei a atividade com cerca de quatro crianças de cada vez. Enquanto duas crianças utilizavam a técnica da digitinta para fazer desenhos, outras duas crianças utilizavam a técnica da espuma de barbear. Quando chamava as crianças, estas faziam a sua própria tinta antes de iniciarem o seu desenho. As restantes crianças do grupo encontravam-se nas diferentes áreas da sala a brincar. Durante a parte da tarde continuei com a atividade.

### Decorrer da atividade



Figura 10- Realização da atividade "O que sinto quando pinto com as mãos"



Figura 11- Realização da atividade "O que sinto quando pinto com as mãos"



*Figura 12- Realização da atividade "O que sinto quando pinto com as mãos"*

Na minha opinião, a atividade correu bastante bem e todas as crianças se envolveram muito na mesma, quer as crianças mais novas como as crianças mais velhas. O facto de terem feito a tinta e de terem de desenhar e mexer com as mãos em ambas as técnicas enriqueceu bastante a atividade. Ao longo da atividade observei diferentes reações por parte das crianças, algumas mostravam bastante receio inicialmente enquanto outras mostravam muita curiosidade e queriam logo mexer e cheirar, no final todas queriam estar sempre mais tempo, fazer sempre mais e ver o resultado final do desenho. Registei alguns comentários por parte das crianças, enquanto exploravam a técnica da digitinta disseram comentários como "É pegajoso!", enquanto exploravam a técnica da espuma de barbear as crianças fizeram vários comentários como "É fofinho!" e "Cheira bem!".

Se voltasse a repetir a atividade, penso que não mudava nada na dinâmica que utilizei, no entanto tenho bastante curiosidade em realizar a mesma atividade, mas com o grupo todo ao mesmo tempo pois penso que iria ser mais rico em termos de reações por parte das crianças e que estas se iriam entusiasmar ainda mais. Não realizei de início a atividade com todo o grupo ao mesmo tempo, devido a ser uma atividade orientada apenas por mim com algum auxílio por parte do meu par de estágio, desta forma era um grupo bastante grande apenas para duas pessoas a orientarem.

Anexo IX- Planificação da Atividade “Percurso de casa à escola- Sinais de Trânsito”

Sexta-feira, 7 de dezembro de 2018 – Primeira Semana de Intervenção					
Áreas/Duração	Domínios/ Subdomínios /Conteúdos	Objetivos	Atividades/Estratégias	Recursos	Avaliação
Expressões 11h45-12h30 (45 min.)	<p><b><u>Bloco 1- À descoberta de si mesmo</u></b> <u>A segurança do seu corpo:</u> - Conhecer e aplicar normas de prevenção rodoviária (sinais de trânsito uteis para o dia-a-dia da criança: sinais de peões, pistas de bicicletas, passagens de nível...).</p> <p><b><u>Bloco 2- Jogos Dramáticos</u></b> <u>Linguagem não verbal:</u> - Utilizar espontaneamente, atitudes, gestos, movimentos; - Reagir espontaneamente por gestos/movimentos:</p>	<p>- Conhecer os sinais de trânsito e as respetivas funções;</p> <p>- Melhorar a capacidade de representação e espontaneidade.</p>	<p>A aula inicia-se com um jogo entre a professora estagiária e a turma acerca da temática abordada em estudo do meio. De seguida, a professora estagiária inicia a explicação do “Jogo do semáforo”. Este consiste em a professora estagiária ter três placas, uma placa verde, outra vermelha e outra amarela. Quando a professora estagiária levanta a placa verde, os alunos devem andar de forma acelerada pela sala, quando levanta a placa amarela os alunos devem andar muito devagarinho, quando levanta a placa vermelha os alunos devem parar. Após terminar o primeiro jogo, a professora dá início a outro jogo. Este consiste em montar um circuito no pátio e, distribuir placas por alguns alunos e distribuí-los por todo o percurso. Os restantes alunos são os carros e devem fazer todo o percurso respeitando os sinais de trânsito. De seguida, os alunos que estão a fazer de sinais tocam com os que estavam a</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Placas com as cores do semáforo (vermelha, amarela e vermelha);</li> <li>• Placas com os sinais de trânsito.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Observação direta do comportamento e empenho dos alunos;</li> <li>• Registo fotográfico.</li> </ul>

	sons, palavras, atitudes e gestos.		fazer de carros e fazem o percurso, mas desta vez como se fossem peões, devendo de igual forma respeitar os sinais de trânsito.		
--	------------------------------------	--	---	--	--

## Anexo X- Avaliação da Atividade “Percurso de casa à escola- Sinais de Trânsito”

### **Análise Reflexiva- Nota de Campo**

Este foi o meu último dia da minha primeira semana de intervenção. Ao longo do dia tive oportunidade de intervir e planificar aulas da área da matemática, da expressão físico-motora e na área da expressão dramática, interligada com a área do estudo do meio.

A aula da tarde, que teve início às 14 horas, foi de expressão dramática. Esta estava interligada com a disciplina de estudo do meio e consistiu nas crianças fazerem um percurso, preparado anteriormente por mim, no papel de condutores, respeitando todos os sinais de trânsito que iam surgindo no caminho. De seguida, o grupo voltou a realizar o mesmo percurso, mas no papel de peões. A aula terminou com um diálogo acerca da atividade que tinham acabado de realizar.

Em suma, a meu ver, durante toda a semana consegui realizar todas as atividades que tinha previsto e gerir o grupo de forma adequada. Se tivesse de alterar algo, em relação à escolha das atividades que planifiquei, penso que um dos aspetos que iria alterar fosse nas aulas de português, tentar que estas fossem mais dinâmicas e apelativas. Relativamente à minha postura durante as aulas penso que, numa próxima intervenção, deva ter mais atenção aos alunos mais agitados, para que estes não destabilizem os restantes membros do grupo. No que diz respeito às estratégias que utilizei para aplicar em cada aula, a meu ver não as alteraria em nada, pois quando a pus em prática não senti que houvesse necessidade e, senti que estas se adequavam ao grupo e às suas necessidades.



*Figura 14- Realização da atividade "Percurso de casa- escola: sinais de trânsito"*



*Figura 13- Realização da atividade "Percurso de casa- escola: sinais de trânsito"*

Anexo XI- Planificação da Atividade “Construção de uma Banda Desenhada”

Quarta-feira, 28 de novembro de 2018 – Semana de Intervenção Partilhada com a Professora Cooperante					
Áreas/Duração	Domínios/ Subdomínios /Conteúdos	Objetivos	Atividades/Estratégias	Recursos	Avaliação
Português 09:00h-10h30 min (1h e 30 min.)	<p><b><u>Oralidade(O2):</u></b> <b><u>Compreensão e expressão:</u></b> - Tom de voz, articulação, entoação e ritmo; - Expressão de ideias e de sentimentos; - Expressão orientada: reconto, conto e simulação.</p> <p><b><u>Leitura e Escrita (LE2):</u></b> <b><u>Fluência de leitura: velocidade, precisão e prosódia:</u></b> - Palavras com complexidade silábica crescente;</p> <p><b><u>Compreensão de texto:</u></b> - Textos de características: banda desenhada;</p>	<p>- Respeitar regras de interação discursiva; - Escutar discursos breves para aprender e construir conhecimentos; - Partilhar ideias e sentimentos;</p> <p>- Ler em voz alta de forma clara; - Ler textos diversos (Banda Desenhada); - Organizar informação de um texto lido; - Saber planificar a escrita de um</p>	<p>A professora estagiária inicia a aula com uma breve introdução acerca da definição e dos vários elementos (vinheta, tira, prancha e balão) que compõem uma banda desenhada. De seguida, inicia-se a leitura da banda desenhada que está na página 50 do manual de português. A leitura é feita uma vez pela professora estagiária e, depois de ouvirem uma vez, um aluno começa a leitura e termina quando a professora indicar o nome de outro aluno para continuar a ler e assim sucessivamente. Terminada a leitura, a professora estagiária explica os exercícios da página 51 do manual, relacionados com a banda desenhada, para que os alunos os realizem de forma autónoma. Os alunos terão cerca de 10 minutos para realizar todos os exercícios, estes serão corrigidos pela professora estagiária em conjunto com a turma com o auxílio do quadro interativo. Assim que terminarem os exercícios, a professora estagiária realiza, em</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Manual de português;</li> <li>• Quadro interativo;</li> <li>• Folha impressa com três quadrados;</li> <li>• Lápis de cor.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Observação direta do empenho e comportamento dos alunos;</li> <li>• Registo fotográfico.</li> </ul>

	<p>- Sentidos de texto: sequência de acontecimentos; tema, assunto; informação essencial; articulação de factos e ideias.</p> <p><b><u>Bloco 2- Descoberta e Organização Progressiva de Superfícies</u></b></p> <p><u>Desenho:</u></p> <p>- Atividades gráficas sugeridas.</p>	<p>texto de banda desenhada (BD).</p>          <p>- Ilustrar uma banda desenhada (BD) de acordo com o contexto do texto.</p>	<p>conjunto com os alunos, uma chuva de ideias no quadro acerca das regras de segurança rodoviária que se encontram presentes na banda desenhada. A partir das mesmas e em grande grupo, em conjunto com a professora estagiária, os alunos vão construir uma banda desenhada que posteriormente irá ser ilustrada de forma individual numa folha que lhes será entregue pela professora estagiária. A aula termina com uma conversa com a turma acerca do trabalho que acabaram de realizar.</p>		
--	--	--	---	--	--

## Anexo XII- Avaliação da Atividade “Construção de uma Banda Desenhada”

### Quarta-feira

Neste dia tive oportunidade de intervir na disciplina de português e iniciar o dia da turma. Para esta aula, preparei uma atividade que, além de trabalhar o português, estava também relacionada com a expressão plástica e com o estudo do meio. Esta consistiu em, depois da leitura e interpretação de um texto de banda desenhada (BD) que estava presente no manual, contruir uma banda desenha através de um diálogo entre a professora estagiária e os alunos. Esta estava relacionada com a temática das regras de prevenção rodoviária. No final, os alunos tinham que ilustrar, de forma individual, a banda desenhada (BD) que tinham acabado de construir em grande grupo.

Relativamente à avaliação da atividade, posso que concluir que, a meu ver, correu de forma prevista e o *feedback* por parte da professora cooperante foi bastante positivo. Senti que tive algumas dificuldades relacionadas com a gestão de tempo, no entanto penso que consegui dar a volta à situação e grande parte do grupo conseguiu concluir a atividade por completo. Os membros do grupo que não conseguiram concluir a ilustração, tiveram oportunidade de a concluir mais tarde durante a tarde. Um ponto menos positivo que destaco desta atividade, é o facto de não ter conseguido obter registos fotográficos. Este fator deve-se ao facto de estar a realizar o estágio sem par.

Nome: \_\_\_\_\_ Data: \_\_/\_\_/\_\_

Título: \_\_\_\_\_


Diagrama de uma banda desenhada com um título e duas caixas de texto.

Figura 15- Esboço utilizado para a atividade "Construção de uma banda desenhada"

Anexo XIII- Planificação da Atividade “Experiências com o som”

<p><b><u>Segunda Semana de Intervenção</u></b>                      (de 21 de maio de 2019 a 24 de maio de 2019)</p>		
<p><b>Estagiária:</b> Inês Fialho  <b>Professora Supervisora:</b> Maria Clara Martins</p>		
Áreas	Temas/Conteúdos (Semanais)	Objetivos (Semanais)
<p><b>Estudo do Meio</b></p>	<p><b><u>Bloco 5- À Descoberta dos Materiais e Objetos</u></b>  <b>Realizar Experiências com o Som:</b>                      - Realizar experiências, de transmissão de som através dos sólidos, líquidos e gases (construir um telefone de cordel, campainha dentro de um recipiente com água, entre outros).</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Reconhecer e saber identificar sons desagradáveis e sons agradáveis;</li> <li>- Reconhecer que o instrumento de fala do ser humano são as cordas vocais;</li> <li>- Identificar o que são fontes sonoras;</li> <li>- Identificar e que as fontes sonoras produzem vibrações que produzem ondas sonoras;</li> <li>- Reconhecer que as ondas sonoras se propagam em vários meios (ar, sólido e líquido).</li> </ul>

**Quarta-feira, 22 de maio de 2019**

<b>Áreas</b>	<b>Descrição da Atividade</b>	<b>Estratégias</b>	<b>Recursos</b>	<b>Avaliação</b>
<p>Estudo do Meio (das 9h às 10h 30min.)</p>	<p>- Experiências com o som.</p>	<p>A professora estagiária inicia a aula com um diálogo acerca do conteúdo que vai ser abordado ao longo da aula, o som. Ao longo do diálogo, a professora estagiária, questiona os alunos de forma a perceber quais são as suas concepções acerca desta temática. Este diálogo irá ter como suporte um pequeno resumo acerca do conteúdo que será distribuído aos alunos para que o colem no seu caderno. Após terminada esta breve abordagem, a professora estagiária inicia o momento experimental. Inicialmente, o grupo será dividido em grupo de três elementos e, a cada grupo, será atribuído um guião experimental com diversas questões que terão de ser respondidas ao longo das várias experiências. Ao longo da aula irão ser realizadas três experiências em grande grupo. A primeira experiência consiste em encher várias garrafas de vidro com diferentes níveis de água, o objetivo será os alunos soprarem em cada garrafa e perceberem que estas emitem sons de intensidade diferente e devem ainda</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Garrafas de vidro com água;</li> <li>- Corante alimentar;</li> <li>- Copos descartáveis;</li> <li>- Lã;</li> <li>- Balões;</li> <li>- Relógio;</li> <li>- Guião experimental;</li> <li>- Breve resumo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Observação direta do empenho comportamento e criatividade dos alunos;</li> <li>- Conclusões retiradas pelos alunos da experiência;</li> <li>- Registo fotográfico.</li> </ul>

		<p>observar as ondas sonoras na água. Após a experiência observada, os grupos devem responder às questões relacionadas com a mesma, presentes no guião. A segunda experiência, está presente na página 137 do manual de estudo do meio, esta será realizada com balões. As crianças devem encher um balão com água e um balão com ar. De seguida, colocam o balão com ar junto do ouvido, encostam um relógio do outro lado do balão e verificam o que conseguem ouvir. Depois, devem realizar o mesmo procedimento com o balão com água. Assim que tiverem oportunidade de realizar a experiência, cada grupo deve passar à resolução/elaboração de uma resposta conclusiva (a cada uma das questões) presentes no guião relacionadas com esta experiência. A terceira e última experiência, consiste em, através de um telefone elaborado com copos descartáveis e um fio de lã, as crianças tentarem comunicar aos pares, uma com a outra. Isto é, uma irá colocar um copo no ouvido enquanto a outra fala e depois deverão trocar. O fio de lã deve estar esticado para que as ondas sonoras sejam visíveis. No final, cada grupo deve responder às questões presentes no guião,</p>		
--	--	--	--	--

		relacionadas com a experiência. A aula termina com uma breve discussão/troca de ideias das conclusões retiradas pelos vários grupos.		
--	--	--	--	--

#### Anexo XIV- Avaliação da Atividade “Experiências com o som”

Esta foi a minha segunda e última semana de intervenção individual. Ao longo de toda a semana tive oportunidade de intervir em todos os momentos da rotina diária do grupo. Como forma de consolidar a matéria e dar uma continuação à mesma, planifiquei atividades tendo em conta os conteúdos lecionados na semana anterior. Ao longo da semana planifiquei uma atividade experimental relacionada com área do estudo do meio, uma atividade de dramatização interligada com a área do português, uma atividade de expressão físico-motora e várias atividades de matemática relacionadas com as medidas de massa.

Ao longo da semana não senti necessidade de alterar nenhuma das planificações que realizei previamente, tendo cumprido com todos os objetivos e estratégias previstos nas mesmas.

Considero que uma das atividades da semana que devo destacar é a atividade experimental realizada na área de estudo do meio acerca do som. Destaco esta atividade, pois ao longo do decorrer da atividade, senti que o grupo estava verdadeiramente envolvido a explorar todos os materiais das experiências. Importa ainda referir que o facto de conseguir incluir a criança com Necessidades Educativas Especiais (NEE) na atividade foi bastante interessante e positivo, pois só adaptando atividades às necessidades de todas as crianças do grupo conseguimos criar um ambiente inclusivo.

Para finalizar, ao longo da semana utilizei um grande número de materiais diversificados como forma de motivar os alunos a aprender e a participar nas atividades envolvendo-os nas mesmas. Todos os objetos foram cumpridos e o tempo previsto nas planificações para a realização das atividades foi adequado. Desta forma, considero que foi uma semana repleta de bons momentos e de boas aprendizagens não só para as crianças como para mim como futura profissional de educação.



*Figura 16- Decorrer da atividade "Experiências com o som"*



*Figura 17- Decorrer da atividade "Experiências com o som"*

Anexo XV- Planificação da Atividade “Dramatização com fantoches”

<b>Segunda Semana de Intervenção</b> (de 21 de maio de 2019 a 24 de maio de 2019)		
<b>Estagiária:</b> Inês Fialho		
Áreas	Temas/Conteúdos (Semanais)	Objetivos (Semanais)
<b>Português</b>	<p><b><u>Oralidade (O4):</u></b>  <b>Produção de discurso oral:</b>                      - Expressão orientada: simulação e dramatização.</p> <p><b><u>Leitura e Escrita (LE4):</u></b>  <b>Fluência de leitura: velocidade, precisão e prosódia:</b>                      - Palavras e textos (progressão).</p> <p><b><u>Educação Literária (EL4):</u></b>  <b>Leitura e audição:</b>                      - Obras de literatura para a infância;                      - Leitura Expressiva: individual; em grupo.</p> <p><b>Compreensão de texto:</b>                      - Expressão de sentimentos, de ideias e de pontos de vista.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Utilizar a palavra de forma audível, com boa articulação, entoação e ritmo adequados, e olhando para o interlocutor;</li> <li>- Ler um texto com articulação e entoação corretas e uma velocidade de leitura de, no mínimo, 125 palavras por minuto;</li> <li>- Ler textos dramático;</li> <li>- Reconhecer o significado de novas palavras;</li> <li>- Identificar o tema e o assunto e distinguir os subtemas, relacionando-os, de modo a mostrar que compreendeu a organização interna das informações;</li> <li>- Escrever frases completas, respeitando relações de concordância entre os seus elementos;</li> </ul>

	<p><b>Produção expressiva (oral e escrita):</b> - Dramatização de texto.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Recontar histórias lidas, distinguindo introdução, desenvolvimento e conclusão;</li> <li>- Dramatizar textos (treino da voz, dos gestos, das pausas e da entoação);</li> </ul>
--	--	---

<p><b>Expressões</b></p>	<p><b><u>Expressão Dramática</u></b>  <b>Bloco 1- Jogos de Exploração:</b>  <u>Objetos:</u>  - Utilizar fantoches;  - Inventar fantoches.</p> <p><b>Bloco 2 – Jogos Dramáticos:</b>  <u>Linguagem Verbal:</u>  - Experimentar diferentes maneiras de dizer um texto: lendo;  - Construir e utilizar adereços e cenários;  - Representar, a pares, os vários momentos de uma história.</p> <p><b><u>Expressão Plástica</u></b>  <b>Bloco 1 – Descoberta e Organização Progressiva de Volumes:</b>  <u>Modelagem e escultura:</u>  - Construir fantoches.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Utilizar fantoche para dramatizar uma história;</li> <li>- Trabalhar em cooperação com o grupo;</li> <li>- Criar fantoches de acordo com as características das personagens da obra literária, utilizando diversos materiais;</li> <li>- Ter capacidade de comunicar e representar com a devida entoação para que o resto do grupo entenda a história;</li> <li>- Representar os momentos de uma história, lendo com entoação e respeitando o tempo em que a personagem tem falas.</li> </ul>
--------------------------	---	--

	<p><b>Bloco 3 – Exploração de Técnicas Diversas de Expressão</b>  <u>Recorte, Colagem, Dobragem</u>  - Explorar as possibilidades de diferentes materiais: lã, objetos recuperados, papel colorido, entre outros, recortando, amassando e dobrando.</p>	
--	---	--

Quinta-feira, 23 de maio de 2019				
Áreas	Descrição da Atividade	Estratégias	Recursos	Avaliação
Português (das 11h às 12h 30min.)	<p>- Continuação da elaboração dos fantoches e ensaio da dramatização.</p>	<p>A professora estagiária inicia a aula com um diálogo acerca da atividade iniciada na aula anterior, a elaboração de fantoches. Partindo do princípio que, de uma forma geral, os grupos já terão os fantoches praticamente terminados, a professora estagiária, através do diálogo, propõe a todos os grupos que, assim que terminarem os fantoches por completo, realizem uma pequena dramatização, do excerto do texto dramático abordado na aula de terça-feira (presente no manual na página 169), utilizando os fantoches como suporte. Esta dramatização deverá ser apresentada à turma na aula seguinte.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Manual de português;</li> <li>- Colheres de pau;</li> <li>- Lã;</li> <li>- Olhos de plástico;</li> <li>- Restos de tecido;</li> <li>- Marcador preto;</li> <li>- Fantocheiro.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Observação direta do empenho e comportamentos dos alunos;</li> <li>- Registo fotográfico.</li> </ul>

		Desta forma, esta aula será disponibilizada para as crianças treinarem as falas, bem como as suas posições e dos fantoches no fantocheiro.		
Matemática (das 14h às 15h 30min.)	- Realização de exercícios acerca das medidas de massa.	A professora estagiária dá início à aula com um pequeno diálogo acerca do conteúdo abordado na aula anterior, com o objetivo de o rever. De seguida, os alunos irão resolver os exercícios das páginas 136 e 137 do manual de matemática, de forma autónoma. Neste momento, os alunos devem esclarecer eventuais dúvidas que possam surgir. A aula termina com a correção dos exercícios no quadro interativo.	- Manual de matemática; - Quadro interativo.	- Observação direta do empenho e comportamentos dos alunos

Anexo XVI- Registos fotográficos “Dramatização com fantoches”



*Figura 19- Fantoches realizados pelas crianças*



*Figura 18- Fantoches realizados pelas crianças*



*Figura 20- Fantoches realizados pelas crianças*

Anexo XVII- Planificação do Projeto Implementado em Estágio- Creche

<p><b><u>Aprendizagens:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Comunicar;</li> <li>• Vocabulário;</li> <li>• Diversos temas.</li> </ul>	<p><b><u>Estratégias:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Dramatizar;</li> <li>• Utilizar fantoches;</li> <li>• Questionar;</li> <li>• Interligar os domínios de desenvolvimento.</li> </ul>	<p><b><u>Como surgiu:</u></b></p> <p>Interligar as necessidades do grupo com os seus interesses.</p>	<p><b><u>Recursos:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Livros;</li> <li>• Textos;</li> <li>• Materiais didáticos.</li> </ul>
<p><b><u>Conexões:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Expressão plástica;</li> <li>• Expressão dramática;</li> <li>• Expressão físico-motora;</li> <li>• Expressão musical.</li> </ul>	<p><b>“A importância das histórias no desenvolvimento da criança”</b>                  Desenvolver a comunicação oral a partir de diferentes histórias</p>		<p><b><u>Apresentação final:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Portefólio de estágio.</li> </ul> <p><b><u>Divulgação do projeto:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Livro com fotografias.</li> </ul>
<p><b><u>Atividades para todo o grupo:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Ouvir histórias;</li> <li>• Dançar;</li> <li>• Dramatizar;</li> <li>• Fazer pinturas;</li> <li>• Cantar músicas;</li> <li>• Ouvir lengalengas.</li> </ul>	<p><b><u>Atividades em grupo:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Fazer jogos de correspondência.</li> </ul>	<p><b><u>Atividades individuais:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Fazer pinturas;</li> <li>• Fazer colagens.</li> </ul>	<p><b><u>Avaliação:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Observação direta;</li> <li>• Registo fotográfico.</li> </ul>

Anexo XVIII- Planificação do Projeto Implementado em Estágio- Jardim de Infância

<p><b><u>Aprendizagens:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Aquisição de conhecimentos relacionados com os cinco sentidos;</li> <li>• Vocabulário;</li> <li>• Relacionar as várias partes do corpo com os sentidos.</li> </ul>	<p><b><u>Estratégias:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Dramatizar;</li> <li>• Utilizar gestos;</li> <li>• Questionar;</li> <li>• Interligar os domínios de desenvolvimento.</li> </ul>	<p><b><u>Como surgiu:</u></b></p> <p>Interligar as necessidades do grupo com os seus interesses.</p>	<p><b><u>Recursos:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Livros;</li> <li>• Computador;</li> <li>• Materiais didáticos.</li> </ul>
<p><b><u>Conexões:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Expressão plástica;</li> <li>• Expressão dramática;</li> <li>• Expressão físico-motora;</li> <li>• Expressão musical.</li> </ul>	<p><b>“Os Cinco Sentidos e a Exploração”</b></p> <p>Conhecer os cinco sentidos relacionando-os com as respetivas partes do corpo</p>		<p><b><u>Apresentação final:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Portefólio de estágio.</li> </ul> <p><b><u>Divulgação do projeto:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Registo fotográfico;</li> <li>• Registo escrito.</li> </ul>
<p><b><u>Atividades para todo o grupo:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Ouvir histórias;</li> <li>• Dançar;</li> <li>• Dramatizar;</li> <li>• Fazer pinturas;</li> <li>• Cantar músicas;</li> <li>• Cheirar vários alimentos.</li> </ul>	<p><b><u>Atividades em grupo:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Dramatizar e adivinhar através de sonhos.</li> </ul>	<p><b><u>Atividades individuais:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Fazer pinturas.</li> </ul>	<p><b><u>Avaliação:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Observação direta;</li> <li>• Registo fotográfico.</li> </ul>

Anexo XIX- Planificação do Projeto Implementado em Estágio- 1.º CEB- 2.º Ano

<p><b><u>O que os alunos podem aprender:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Trabalhar de forma autónoma;</li> <li>- Trabalhar em grupo;</li> <li>- Interligação de conteúdos em várias disciplinas;</li> <li>- Adquirir novas aprendizagens de vários conteúdos de uma disciplina, através de outra disciplina.</li> </ul>	<p><b><u>Estratégias a serem desenvolvidas:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Utilizar o diálogo como mediador de aprendizagens;</li> <li>- Realizar atividades praticas e didáticas e teóricas de vários conteúdos.</li> </ul>	<p><b><u>Como surgiu:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- A partir da observação do grupo e de uma conversa informal com a professora cooperante.</li> </ul>	<p><b><u>Recursos:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Computador;</li> <li>- Quadro interativo;</li> <li>- Manual;</li> <li>- Caderno diário;</li> <li>- Cartolina;</li> <li>- Material de escrita;</li> <li>- Fichas e textos;</li> <li>- Tintas, pincéis e material de pintura.</li> </ul>
<p><b><u>Conexões:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>-Português;</li> <li>- Estudo do meio;</li> <li>- Expressões (dramática, plástica, físico-motora);</li> <li>- Educação para a Cidadania.</li> </ul>	<p><b><u>Tema:</u></b></p> <p><i>“A relação entre as várias áreas- Interdisciplinaridade”</i></p>		<p><b><u>Apresentação Final:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- A apresentação final foi realizada através de um diálogo reflexivo com todo o grupo.</li> </ul>
<p><b><u>Atividades para todo o grupo:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Jogos de expressão físico-motora;</li> <li>- Leitura de textos;</li> <li>- Percurso dos sinais de trânsito;</li> <li>- Atividade “O inverno”;</li> <li>- “Calendário dos Aniversários”;</li> <li>- “Estrela de Natal”</li> <li>- “Igualdade de género”</li> </ul>	<p><b><u>Atividades em grupo:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- “Calendário dos aniversários;</li> <li>- Jogos de expressão físico-motora.</li> </ul>	<p><b><u>Atividades individuais:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Percurso dos sinais de trânsito;</li> <li>- Fichas de matemática, português e estudo do meio;</li> <li>- Construção de uma banda desenhada;</li> <li>- Pintura de vários materiais.</li> </ul>	<p><b><u>Avaliação:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Observação direta do envolvimento e da participação das crianças;</li> <li>- Diálogos reflexivos;</li> <li>- Registos fotográficos;</li> <li>- Grelhas de observação;</li> <li>- Registos em vídeo.</li> </ul>

Anexo XX- Planificação do Projeto Implementado em Estágio- 1.º CEB- 4.º Ano

<p><b>O que os alunos podem aprender:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Trabalhar a pares;</li> <li>- Trabalhar em grupo;</li> <li>- Colocarem-se na posição do outro;</li> <li>- Adquirir a capacidade de admitir o erro;</li> <li>- Conhecer o verdadeiro sentido do trabalho em cooperação.</li> </ul>	<p><b>Estratégias a serem desenvolvidas:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Utilizar o diálogo como mediador de aprendizagens;</li> <li>- Realizar atividades praticas, didáticas e teóricas acerca de vários conteúdos em grupo e a pares.</li> </ul>	<p><b>Como surgiu:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- A partir da observação do grupo e de uma conversa informal com a professora cooperante.</li> </ul>	<p><b>Recursos:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Escola virtual;</li> <li>- Computador;</li> <li>- Colheres de pau;</li> <li>- Eva e diversas cartolinas;</li> <li>- Material de escrita;</li> <li>- Velas, garrafas, frascos e diversos materiais de experiências;</li> <li>- Fichas fora do manual escolar;</li> <li>- Diversos materiais de pintura.</li> </ul>
<p><b>Conexões:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Português;</li> <li>- Estudo do meio;</li> <li>- Expressões (dramática, plástica, físico-motora);</li> <li>- Educação para a Cidadania.</li> </ul>	<p><b>Tema:</b></p> <p><i>“Trabalho Cooperativo – Respeito pelo Outro”</i></p>		<p><b>Apresentação Final:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- A apresentação final foi realizada através de um vídeo, elaborado por nós, para todo o grupo e através de um diálogo reflexivo.</li> </ul>
<p><b>Atividades para todo o grupo:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Introdução das medidas de massa;</li> <li>- Introdução das medidas de volume;</li> <li>- Introdução das medidas de capacidade;</li> <li>- Jogo acerca dos verbos.</li> </ul>	<p><b>Atividades em grupo:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Atividades experimentais;</li> <li>- Jogos de Expressão Físico-Motora;</li> <li>- Realização de uma banda desenhada;</li> <li>- Interpretação da história “O beijo da palavrinha”;</li> </ul>	<p><b>Atividades individuais:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Construção de sólidos;</li> <li>- Realização de fichas de revisão;</li> <li>- Realização de fichas de interpretação.</li> </ul>	<p><b>Avaliação:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Observação direta do envolvimento e da participação das crianças;</li> <li>- Diálogos reflexivos;</li> <li>- Registos fotográficos;</li> <li>- Registos em vídeo.</li> </ul>

Anexo XXI- Guião de Entrevista dos Docentes

Tema/Objetivo	Objetivo Específico	Tópicos da Entrevista	Questões
I- Legitimação e motivação da entrevista	- Motivar o entrevistado; - Legitimar a entrevista.	- Informar os objetivos da entrevista; - Garantir a confidencialidade do entrevistado e solicitar a permissão ao entrevistado para gravar a entrevista.	
II- Experiência profissional do entrevistado	- Caracterizar a formação académica bem como os anos de serviço do entrevistado; - Identificar o cargo e as funções do inquirido na instituição; - Identificar o número de crianças na sala e as idades.	- Formação académica; - Anos de serviço; - Informações sobre os alunos.	- Qual a sua formação? - Quantos anos de serviço tem? - Exerce mais alguma função na instituição para além da função de docente? - Quantas crianças tem na sala e que idades têm as mesmas?
III- Conceções dos educadores/professores acerca da utilização das atividades lúdicas	- Identificar as conceções dos educadores e professores sobre as atividades lúdicas.		- O que são para si atividades lúdicas em contexto pedagógico? - Quais são as potencialidades e os constrangimentos que identifica neste tipo de atividades?
IV- Planificação das Atividades	- Identificar de que forma são planificadas as atividades; - Identificar estratégias; - Identificar objetivos planificados.	- Planificação; - Objetivos; - Estratégias.	Em que áreas costuma realizar este tipo de atividades? Como é elaborada a planificação deste tipo de atividades? Que tipo de objetivos está previsto na planificação destas atividades? Quais as estratégias que tem por hábito utilizar?

V- Avaliação	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Identificar a forma como as atividades lúdicas são avaliadas;</li> <li>- Identificar instrumentos de avaliação utilizados;</li> <li>- Identificar as estratégias/metodologias pedagógicas para avaliar a realização das mesmas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Perceções sobre a importância das atividades lúdicas para a aprendizagem da criança.</li> <li>- Estratégias de avaliação.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Como avalia se os objetivos foram cumpridos?</li> <li>- Que estratégias utiliza para avaliar se as crianças adquiriram a aprendizagem pretendida com a realização da atividade?</li> </ul>
VI- Realização de atividades lúdicas	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Perceber se os educadores(a)/professores (as) realizam atividades lúdicas;</li> <li>- Perceber se os educadores(as)/professores(as), ao realizar atividades lúdicas, obtêm resultados positivos e notáveis na aprendizagem dos alunos;</li> <li>- Compreender se as atividades lúdicas auxiliam a aprendizagem da criança.</li> </ul>		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Com que frequência costuma abordar/inserir conteúdos através de atividades lúdicas?</li> <li>- Considera que o facto de recorrer a atividades lúdicas para abordar determinados conteúdos/temáticas é vantajoso para a aprendizagem da criança? Exemplos.</li> </ul>
VII- Finalização da entrevista	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Agradecer o interveniente relativamente à disponibilidade de entrevista.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Agradecimento pela colaboração do entrevistado.</li> </ul>	

Anexo XXII- Guião de Entrevista dos Discentes

<b>Tema/ Objetivo</b>	<b>Objetivo Específico</b>	<b>Tópico da Entrevista</b>	<b>Questões</b>
Bloco I – Conceções das crianças acerca do que facilita a aprendizagem	Identificar qual o tipo de atividade, recursos, conteúdos, estratégias, espaços, tipos de comunicação que motivam a criança a uma melhor aprendizagem.		- Como é que gostas mais de aprender? - Com que tipo de atividades gostas mais de aprender novos conteúdos? - Gostas de aprender novos conteúdos através de diferentes materiais?

## Anexo XXIII- Transcrição das Entrevistas das Educadoras

### Educadora 1 (E1) – Creche

Queria começar por lhe informar que a entrevista está a ser gravada e a primeira questão é:

Qual a sua formação?

E: “Bacharelato em Educação de Infância.”

Quantos anos de serviço tem?

E: “25.”

Exerce mais alguma profissão na instituição para além da função de docente?

E: “Sou diretora técnica do pré-escolar.”

Quantas crianças tem na sala e quais são as idades das mesmas?

E: “São 18 com idades entre os 3 e os 4 anos.”

O que são para si atividades lúdicas em contexto pedagógico?

E: “As atividades lúdicas depende da... há muita coisa que pode ser lúdica, uma história pode ser lúdica, depende da forma como ela é depois... as estratégias que nós utilizamos para a contar não é. O sair à rua pode ser também uma atividade lúdica, a observação de obras de arte também, ouvir música clássica também, quer dizer depende um bocado da forma como uma pessoa depois explora a atividade não é, até porque a captação depois das aprendizagens para as crianças, aprendem com muito mais facilidade com atividades lúdicas não é, portanto, a inovação. Quando se conta qualquer coisa, uma história, deve-se inovar, não estar ali só basicamente ou com o livro ou com... ou sem o livro mas, por exemplo, utilizar imensas expressões faciais... os gestos, porque eles gostam não é, e é uma forma de captar a atenção também deles e depois fazer com que eles tenham/aprendam com mais facilidade as coisas e desfrutem mais e que tenham mais prazer nas atividades.”

Quais são as potencialidades e os constrangimentos que identifica neste tipo de atividades?

E: “Os constrangimentos... por exemplo se a pessoa não tiver muitos materiais, muitas coisas para utilizar, sei lá também é importante a pessoa fazer formação, estar sempre atualizada não é, porque a troca de experiências não é, é muito importante, nós aprendemos muito quando temos ações de formação, quando contactamos com outras pessoas quando... e podemos ver aquilo que podemos fazer e aquilo que se calhar não devemos fazer. Pronto eu acho que isso é

uma mais valia não é... quando isso não existe pronto... uma profissional deve ter sempre o cuidado de estar atualizado não é, e precisamente... de ver muita coisa também, ver, para depois perceber e trazer para a escola, para a sala e depois explicar às suas crianças não é. Depois os constrangimentos, às vezes também são ações de formação muito caras, a pessoa também não pode sempre frequentá-las não é, e também falta de algum material às vezes lúdico nas instituições, porque não temos muitas verbas e portanto temos que fazer, às vezes somos nós que fazemos as coisas não é, para as crianças, e fazemos também com eles não é e depois claro que temos fazer um bocadinho nós... portanto vamos fazer fantoches com eles, por exemplo, eles adoram não é, mas quer dizer também o material, temos que ter algum cuidado com a escolha do material não é, porque também tem que haver uma parte apelativa também a nível de imagem das coisas porque, por exemplo, imagine que vai fazer com material de... reciclado ou assim. Pronto, tem que ter ser cuidado também não é só pegar no material e fazer, tem que se dar ali depois uma componente lúdica às coisas para quê? Para chamar à atenção e para que... se não depois fica pobre não é, tem que haver ali um enriquecimento e isso aí também nós depois podemos ajudar as crianças não é, aliás é importante também, porque visualmente é muito importante para eles.”

#### Em que áreas costuma realizar este tipo de atividades?

E: “Em todas! Em todas querida, se a pessoa quiser, em todas. Pode utilizar na área do desenvolvimento pessoal e social... olhe eu agora até estava a dizer à Raquel, para a semana nós vamos, tínhamos estipulado falar um bocado sobre como começou o verão, ainda não falámos um bocadinho nisso, até porque também eu não falo... não estou a falar nas datas festivas a eles, nas estações do ano, porque agora também já praticamente não há e quer dizer estarem sempre a falar na mesma coisa todos os anos também não faz muito sentido. Mas agora, como muitos vão para a praia não é, já vão começar a ir para a semana, temos de falar também no verão não é, e então aproveitar aquela questão... agora de... que aparece muito lixo nas praias, aquelas que são à costa mais na parte do México e não só, aqui também não é, ao final de uns tempos as praias têm que ser limpas, porque o lixo está todo na costa... e vão ver um vídeo no youtube sobre praia limpa e praia suja e depois, partir com eles, perceber um bocadinho se acham bem não é, falar um bocado na poluição nesse aspeto e depois tinha pensado, com eles, mostrar uma obra de arte da Joana Vasconcelos, que é o sapatinho, que é o sapato que ela tem que é feito com umas panelas e com uns tachos e coisas, e ela utilizou coisas novas, mas também agente pode utilizar coisas velhas não é, e portanto aí podemos reciclar o velho que é lixo não é, entre aspas pronto, ou poderá mesmo ser e dar ali um toque de sofisticação, uma coisa mais gira não é. E então tinha pensado, portanto trazer a imagem da Joana Vasconcelos e

depois vão ouvir a história da Cinderela que tem também o sapatinho e, vão trazer os sapatos do pai e da mãe e vão brincar. Calçam os sapatinhos e vão brincar ao faz de conta com os sapatinhos. Portanto, eu acho que isso é uma componente lúdica. A partir do lixo, está a ver, vão observar as imagens, depois vou pedir para fazerem... podem fazer um desenho, dar uma folha, uma praia suja, uma praia limpa. O que é que devemos colocar as coisas aí? Pode falar-se também um bocado na parte dos ecopontos, assim por alto, até podemos ir à rua ver onde é que vamos pôr o lixo pronto. Mas, sem ser daquela forma, vamo-nos pôr agora a falar dos ecopontos quer dizer, tentar fazer ali uma ligação das coisas, e aí estamos também a trabalhar as áreas todas não é, a parte das tic's, a parte da expressão dramática, a parte da expressão plástica e a parte da linguagem não é... e da matemática também. Porque a ... se formos olhar, portanto os tachos e as panelas têm formas não é, têm formas circulares, têm a pega que pode ser um retângulo, têm texturas também não é. Pronto eu acho que é uma componente lúdica também e depois tentar fazer transversalidade nas atividades.”

#### Como é que elabora a planificação deste tipo de atividades?

E: “Então nós temos uma grelha, onde temos as várias áreas de conteúdo e depois... portanto propomos as atividades e também essas atividades são propostas de acordo com a temática que nós queremos trabalhar, de acordo com aquilo que eles trazem também de casa não é, porque às vezes posso ter programado uma atividade e depois nesse dia não dar para fazer, eles podem ter trazido outra coisa qualquer e achar mais interessante e, portanto, depois fazemos antes essa atividade, porque a planificação é só uma orientação, não é nada rígido. Portanto nós podemos alterá-la sempre que haja necessidade. Claro que temos que ter um fio condutor, há coisas que nós sabemos que temos de fazer com as crianças não é, hoje apetece-me fazer isto, amanhã aquilo, não é assim e normalmente tenho sempre uma sequência mas que--- pronto e conversamos com eles, nós fazemos todos os dias a avaliação do dia, eles também vão dando algumas ideias e depois eu também vou aproveitando e falando com eles e depois planificamos também assim as atividades, não é sempre, mas muitas são planificadas assim.”

#### E os objetivos como é que pensa neles? Consoante o conteúdo?

E: “A criatividade, assim por alto, a imaginação, a criatividade, contactar com um determinado tipo de experiências, contactar com diversos tipos de materiais também, a socialização, o despertar um bocado para o belo, levar a criança a despertar para a parte do belo e ensoná-los também a ver um bocado o mundo também de uma forma diferente não é, porque quando nós utilizamos, por exemplo, o sapatinho da Joana Vasconcelos não é, é uma obra de arte, portanto e as obras de arte o que é que nos permitem?! Permitem-nos que nós consigamos olhar para o

mundo de uma forma diferente e eu acho que é importante também eles desde pequeninhos ... eles comecem também a ter esse tipo de contactos não é, e de experiências.”

#### Que estratégias tem por hábito utilizar?

E: “Nessas atividades?”

Sim.

E: “Depende também não é, daquilo que nós fomos trabalhar com eles. Mas pronto, uma das estratégias, é pedir, é conversar com as crianças, é levá-los a perceber aquilo que eles querem não é, o interesse deles e pô-los também... se nós não lhes explicarmos determinadas coisas, eles também ainda não conseguem lá chegar, não é. Temos que ser nós a dar o primeiro passo e depois irmos puxando, puxando, puxando até percebermos mais ou menos o que é que eles são capazes, o que é que eles querem, o que é que eles já sabem sobre as coisas, isso é muito importante. É levá-los a pensar sobre as coisas e dizer-lhes sempre, fazer, perguntar, o que é que achas? O que é que será que é isto? O que é que isto quer dizer? Registrando e, depois no fim de conversar com eles, para saber o que é que eles conseguiram perceber ou não, não é, aquilo que eles aprenderam.”

#### Como avalia se os objetivos foram cumpridos?

E: “Em conversa de grupo com eles. Todos os dias nós fazemos a avaliação do dia não é. E porque é que é essa avaliação? Para perceber quem é que sabe, quem é que conseguiu, pronto perceber as coisas não é. E há um responsável, o responsável fala... Todos uns dias há um responsável e esse responsável é que fica encarregue de dizer o que é que fizemos. É claro que os outros participam também não é, participam bastante, mas pronto. E assim nós sabemos também, através da observação direta, do tipo de reações, se a criança está envolvida, se não está envolvida, porque pronto, às vezes, observá-los é muito importante e nós às vezes não temos muito tempo para fazer isso não é, estamos tão emprenhadas em algumas coisas que depois as outras, às vezes, passam-nos não é. Não devia ser, mas infelizmente às vezes é, porque também temos muitas crianças, pronto também não é fácil não é. E às vezes conseguir fazer tudo tudo bem não somos capazes, também não somos nenhuns *experts*.”

#### E que estratégias utiliza para avaliar as crianças nessas atividades?

E: “É os trabalhos que eles fazem, as conversas, é o diálogo, é o registo escrito, escreve-se também diário não é, nós fazemos o registo oral, mas depois é passado, é transcrito. Aliás, eles vão falando e nós vamos escrevendo e depois no fim leio, pronto e depois, quer dizer, há sempre um ou outro que poderá não conseguir, é evidente não é, mas de uma maneira geral todos

conseguem, nós é que temos que aplicar depois a prática de acordo com os interesses e características de cada um e as capacidades não é.”

Com que frequência costuma abordar ou inserir conteúdos através destas atividades?

E: “A frequência depende, isso depende muito, não tenho assim nenhuma meta não é, agora que tento ser o mais lúdica possível não é, dentro dos materiais que temos, dentro das coisas que temos, mas quer dizer, estipular um tempo também não lhe sei dizer porque é difícil também não é, mas sempre que possível, até porque eles também puxam muito e gostam e pedem isto e aquilo e portanto é... até se faz com bastante... bastantes vezes não é.”

Considera que o facto de recorrer a atividades lúdicas para abordar determinados conteúdos é vantajoso para a aprendizagem da criança?

E: “Então não é, é sim senhora! É com a parte da criatividade não é, portanto a pessoa cada vez mais nós temos de ser criativos não é, mesmo nos nossos trabalhos nós temos que ser criativos, portanto é importante, desde pequenino não é, começar a apelar e a chamar e a trabalhar esta parte da criatividade, porque nos nossos empregos temos que ser criativos também não é, uma pessoa que não seja criativa não fica muito ativa e também não se evolui, quer dizer, tem que ser criativa não é, é muito importante nesta idade começar logo com esse tipo de atividades, porque assim eles depois quando chegarem mais crescidinhos já têm na sua cabecinha que esta parte é tão importante, não é. Este caminho que eles levam até chegar aos outros níveis de ensino, é tão importante e bebem tudo, tudo aquilo que se lhe puder dar e de uma forma lúdica é importante para eles e depois na vida vão acompanhando vários tipos de situações. É importante que eles tenham também criatividade para as saber resolver e, portanto, eu acho que nesse sentido isso é muito importante, nesse e noutros também.”

Portanto foi a última questão, obrigada pela sua colaboração!

### **Educadora 2 (E2) – Creche**

Antes de mais queria agradecer-lhe pela sua colaboração e informar que a entrevista está a ver gravada. A primeira questão é:

Qual a sua formação?

E: “Tenho a licenciatura em Educação de Infância.”

Quantos anos de serviço tem?

E: “15.”

Exerce mais alguma função na instituição para além da função de docente?

E: “Não.”

Quantas crianças tem na sala e que idades têm as mesmas?

E: “Neste momento estou na sala de 1 ano, até dezembro completam os 12 meses, e são 14 crianças.”

O que são para si atividades lúdicas em contexto pedagógico?

E: “Tudo o que possa trazer à criança uma mais valia e uma aprendizagem maior sobre determinados conteúdos, de forma lúdica, lá está, a brincar vão aprendendo.”

Quais as potencialidades e constrangimentos que identifica neste tipo de atividades?

E: “A nível de constrangimentos, trabalhamos a atenção, a concentração deles, que nestas idades ainda é muito reduzida. Benefícios, lá está, a introdução de novos conteúdos e o lúdico, ou seja, o divertimento nestas idades.”

Em que áreas costuma realizar este tipo de atividades?

E: “Nestas idades acaba por estar integrado em todas as áreas, trabalhamos todas, a parte social, a parte linguística, a parte matemática. Ou seja, aqui utilizamos muito... na creche utilizamos muito a música e ela está inerente em todas as áreas.”

Como é elaborada a planificação deste tipo de atividades?

E: “Lá está, como estava a dizer, como nós trabalhamos numa instituição que trabalha o MEM é muito ligado ao que as crianças trazem, ao que elas nos transmitem. É claro que é feita uma planificação, muitas vezes, semanal, mas às vezes tem que ser diária e às vezes momentânea, é muito construtiva.”

Que tipo de objetivos estão previstos na planificação deste tipo de atividades?

E: “Desenvolver a concentração, desenvolver também, lá está, podemos desenvolver a lateralidade, podemos desenvolver todos os conteúdos que estejam inerentes a todas as áreas.”

Quais as estratégias que tem por hábito utilizar?

E: “Normalmente eles estão sentados em roda e vou utilizando vários tons de voz para captar a atenção.”

Como avalia se os objetivos foram cumpridos?

E: “Quando há participação da criança e quando eles vão conseguindo cada vez mais um tempo maior de concentração nessas atividades lúdicas.”

Que estratégias utiliza para avaliar se as crianças adquiram a aprendizagem pretendida com a realização da atividade?

E: “Lá está, neste tipo de crianças, não se consegue avaliar de outra maneira, se não o tempo de concentração, se as crianças já pronunciam algumas palavras da própria canção que nós cantamos, muitas vezes as terminações, se eles estão motivados e com vontade, ou com palmas e nota-se a motivação deles.”

Com que frequência costuma abordar/inserir conteúdos através de atividades lúdicas?

E: “Várias vezes ao dia... normalmente é muito por repetição, vamos sempre abordando esses temas, em todas as canções ou as músicas ou o lúdico que fazemos.”

Considera que o facto de recorrer a atividades lúdicas para abordar determinados conteúdos/temáticas é vantajoso para a aprendizagem da criança? Exemplos.

E: “Sim, sim, sim! Nestas idades sim, nestas e em todas.”

Muito obrigada, mais uma vez, pela sua colaboração!

### **Educadora 3 (E3) – Jardim de Infância**

Antes de iniciar, obrigada por colaborar na realização do meu trabalho, a presente entrevista está a ser gravada e a primeira questão é:

Qual a sua formação?

E: “Então, a minha formação, foi tirada na ESE, em Santarém, e é o bacharelato. Portanto foi antes de Bolonha.”

Quantos anos de serviço tem?

E: “24.”

Exerce mais alguma função na instituição para além da função de docente?

E: “Neste momento não. Exerci já de coordenadora pedagógica aí à 6 anos/7.”

Quantas crianças tem na sala e que idades têm as mesmas?

E: “Então o grupo é constituído por 25 crianças, são idades heterogéneas, um heterogéneo assim um bocadinho... porque são 22 de 4... de 5/6 anos, vão fazer, e os outros 3 são de 4 anos.”

#### O que são para si atividades lúdicas em contexto pedagógico?

E: “Então, as atividades lúdicas, em contexto pedagógico, são atividades onde eles possam brincar e aprender. Portanto, aliás, para mim, as atividades lúdicas a nível de jardim de infância, têm sempre um contexto...tem sempre uma parte pedagógica, porque eles não brincam por acaso. Aliás, os materiais que eles têm à disposição deles são todos... fazem parte de uma sala de jardim de infância, à partida, tem tudo a ver, ou seja, faz parte da pedagogia, não é. Hum... então eles a brincar estão a aprender, essas atividades, para mim, são importantíssimas, porque eu acho que eles aprendem imenso a brincar, porque eles fazem, desde a área do faz de conta, eles criam situações da vida real, do quotidiano, porque observam os pais. Dá para perceber muitas coisas a nível das famílias, como é que funciona, como é que não funciona. A nível de personalidades, porque é assim eles quando estão a brincar estão entre eles, não é, se nós tivermos de fora hum... nós conseguimos perceber muita coisa, ainda mais se for um grupo que nós já conhecemos, que neste caso é. Em qualquer dos grupos se tivermos com um bocadinho de atenção percebemos. Mas, neste caso, que eu já os conheço, já vêm comigo desde a sala de 1 ano, dá para perceber. Depois é assim, nós vamos conhecendo as famílias e vamos vendo. Depois eles também, agora neste momento, nos 5 anos, desde sempre nestas atividades eles emitem muito barulho, mas neste momento imitam muito na sala, a mim e à Isabel. Uns são a Carla, outros são a Isabel, ensinam uns aos outros. Portanto, seja de qualquer brincadeira, eles tiram muito proveito daquilo aliás, mesmo sem ser em contexto de atividades livres, que é o que eu estou a falar neste momento, não sei se era isso o que tu pretendias, mesmo sem ser em contexto de atividades livres, nós partimos muitas vezes para uma atividades a sério, mas da parte lúdica. Porque o modelo aqui da instituição é o Movimento da Escola Moderna (MEM).”

#### Quais as potencialidades e constrangimentos que identifica neste tipo de atividades?

E: “Constrangimentos...eu só identifico potencialidades, não identifico constrangimentos. Eu acho que a criança tem que brincar o mais que puder durante o pré-escolar todo. Se não brincar agora... é assim são os melhores anos, porque depois... no 1.º Ciclo eles brincam mas nunca mais... têm outra carga de responsabilidades. O intuito aqui é que saiam daqui com alguma preparação básica, porque é assim, nós não temos que escolarizar, mas eles também têm que saber alguma coisa, a nível da matemática, a nível da escrita, da linguagem, de tentar fazer despistagens de algum tipo de problema que a criança possa ter. Mas neste tipo de atividades é super importante, porque é assim, eles libertam-se e quando não o conseguem fazer é porque

alguma coisa não está bem. Eu acho que é fundamental, é assim, o pré-escolar está sempre associado às atividades lúdico-pedagógicas, nem pode deixar de estar nunca, para mim, isso é o mais importante, além das atividades dirigidas, a parte lúdica, para mim, a parte das atividades livres são importantíssimas, porque eu acho que eles precisam. Eu tenho a nossa agenda semanal, temos sempre, durante todos os dias tem uma parte, ou que é negociada ou que já está previamente estipulada hum... um bocadinho, porque mesmo quando eu vejo que eles estão a ficar muito tensos ou estamos a fazer, a nível de projeto, temos que parar um bocadinho e eles têm que espairecer, porque se não... Eles cada vez mais, eu acho que eles funcionam como nós adultos, são tão pequeninos, mas é assim aquela rotina já é tão... porque já vem de casa, o timing todo ali contado, eles chegam e já vêm... Eles, cada vez mais, são pressionados pelas nossas rotinas.”

#### Em que áreas costuma realizar este tipo de atividades?

E: “Quando é livremente, eles escolhem e pedem, vão ao mapa de atividades, normalmente... quando tu de manhã tiveste na sala eles estavam reunidos. Hum... nós fazemos a reunião da manhã, sai o plano do dia, do plano do dia decidimos o que é que vamos fazer naquele dia ou o que é que é para acabar do outro, vamos ver ao diário de grupo, lá está, movimento da escola moderna. E então é assim, hum... há um mapa de atividades, onde eles escolhem, quando têm atividades livres, a área em que querem ir. Têm o cantinho da matemática, têm o cantinho das expressões, têm o cantinho da escrita e têm o cantinho dos jogos e têm a casinha e eles escolhem. Por norma... portanto eles escolhem, são eles a optar, eles escolhem. Se for mais orientada por mim, quando eu vejo que há ali, que toda a gente quer, tento distribuir. Mas aí noto que, a maior parte quer a casinha, hum... neste momento as áreas que estão a ser mais exploradas é a área de matemática e a área da escrita, quer na parte dos jogos, quer na parte da matemática mesmo do brincar com os números e na escrita também é brincar. Eles copiam palavras, copiam textos, fazem bonecos, depois querem pôr nomes aos bonecos, eu escrevo eles copiam, tudo, Por isso é que eu digo, é tudo de forma lúdica, eles aprendem tal e qual. Portanto, todas as áreas são exploradas.”

#### Como é elaborada a planificação deste tipo de atividades?

E: “Lá está, o modelo adotado aqui na instituição é o MEM, o movimento da escola moderna. As atividades são elaboradas, são planeadas todos os dias. De manhã, nós elaboramos o nosso plano do dia, fazemos a avaliação do que é que tinha sido feito no dia anterior ou não foi, no diário de grupo. Depois voltamos a avaliar no final da tarde e no plano do dia nós temos: o que nós queremos fazer, quem faz e depois a avaliação. Porque é assim, nem sempre se consegue

fazer tudo com todos, não é, fazemos pequenos grupos, eles escolhem quem quer começar a fazer aquela atividade, fica lá escrito quem é que vai fazer. Portanto, as restantes depois e depois a avaliação, se fizemos, se não fizemos, depois à tarde voltamos ao plano de grupo. Então vamos lá ver... depois do trabalho participado à tarde, lá está, aí sim trabalhamos mais a matemática ou a escrita ou as ciências, e quando há projetos também é mais nas tardes. Hum... eles, fica decidido o que é que vamos fazer. No diário de grupo, é outra vez, portanto isto é quase sempre, andamos a bater na mesma coisa, aquilo chega a um certo momento que eles já sabem. Hum... vamos recapitular o que é que fizemos, o que é que não fizemos e o que é que queremos fazer. Porque dentro do que foi planeado podia ter sido alguma coisa que algum não gostasse ou tem alguma ideia que surja. Pronto, tal como os projetos, à vezes a reunião da manhã, estamos a falar sobre qualquer assunto, porque não é só marcar presenças, não é só marcar o tempo, não é só fazer a contagem dos meninos... à vezes, surgem assuntos. Depois há as novidades, hoje houve um menino que chegou e foi a Lisboa e teve a contar que foi ao médico, ele vai lá ao quadro mostrar, escrever e contar. E depois eu escrevi o que ele disse da novidade e depois há coisas que eles dizem que os outros não sabem o que é que é. Lembro-me de um projeto que nós tivemos que foi o ciclo da água, que chovia muito e depois a água ficou ali toda parada fora e eles ficaram intrigados que tinham um rio, agora havia um rio no recreio. E depois disso, a partir daí, surgiu um projeto, fizemos um projeto muito engraçado sobre o ciclo da água, viemos/fizemos... quem é que queria participar no projeto, quem é que vinha fazer a pesquisa ao computador hum... depois quem é que participava a colar, o que é que os outros tinham/iam explicar aos outros, ao grande grupo, o que é que tinham encontrado e o que é que/como é que era. Depois, quem é que queria ajudar na ilustração e depois fomos mostrar à outra sala. Hum... este ano, ainda só foi assim. Depois tivemos também foi a apresentação de outro dos dinossauros da colega do lado. Portanto, parte tudo muito deles. A planificação, é claro que nós também vamos orientando e canalizando, às vezes, para onde nós queremos. Nesta altura dos natais são as encomendas, não há, isto é basicamente, o que eu estava a fazer à bocado era uma chaminé, depois íamos pôr... porque eu disse o que é que faziam se o pai natal ficasse preso numa chaminé. O pai natal estava muito gordo, muito gordo, muito gordo e uns estavam preocupados porque a chaminé era pequena e depois eu lembrei-me, porque já tinha visto isso também, já não sei onde, de fazer, então o que é que eles faziam se o pai natal ficasse preso na chaminé. Então, então eles ontem tiveram a dizer, desde bombeiros a polícias a puxar pelos pés, empurrar rabo, aquilo há lá de tudo. Foi muito engraçado, mas pronto, são coisas que partem deles. Não há uma planificação, é assim, eu tenho um projeto, onde estão os objetivos que são literalmente os que estão nas OCEPE, são transcritos na integra, porque não pode ser de outra maneira, certo. Onde está a caracterização do grupo feita, a planta da sala,

essa coisa toda está de acordo com o projeto hum... da instituição. Mas, a nível de planeamento diário, os planos do dia, está lá tudo na sala, mas planificado com eles. É assim, eu posso ter uma orientação minha, não é, porque se calhar, se vier cá alguém pedir-me, eu tenho que ter mais ou menos para aquele mês o que é que eu penso fazer, mas até pode estar lá só metade daquilo ou até pode estar tudo ou até pode nem estar nada daquilo. Porque é assim, porque eles canalizam para outro lado, é muito flexível. A ideia aqui é que sejam eles, como cidadãos pequenos, mas vão entrar breve num outro mundo, que sejam eles a ter a opinião e a poder participar nas decisões tomadas na sala e é assim eles são a opinião e depois nós vemos se concordamos, se não concordamos, o que é que está bem, o que é que está mal... envolve-los cada vez mais e, de certa forma, responsabilizá-los, lá está de uma forma a brincar, sim porque as reuniões são sérias porque há um secretário e há um presidente. E porque é assim, há os que escrevem já melhorzinho e depois estão ao meu lado e eu digo “isto é para ficar em ata”, eu escrevo e eles estão ao meu lado a copiar, que é o que é para ficar em ata. E depois o presidente, que decide o que é que acha que dali, que realmente tem pés para andar e o que é que não tem. É claro que alguns coitados ficam assim...e depois nós vamos ajudar “então vá, achas que isto pode ser o que ele falou?”, “pronto então o senhor presidente acha que não, não é hoje que vamos fazer isso ou isso não pode ser”. Pronto, é este tipo de coisas com...é assim, é a comunidade escolar, mas ali é a comunidade da sala, mas basicamente todas as colegas trabalham aqui assim, umas mais, outras menos. É claro que há coisas que são muito flexíveis, por exemplo, esse quadro de atividades que eu te disse, muitas das vezes eles vão lá mas nem sequer fazem nada. Neste momento ele nem está posto, porque ele caiu e está lá a um canto.”

Que tipo de objetivos estão previstos na planificação deste tipo de atividades?

E: “Então os objetivos presentes para as atividades lúdicas... ui... os objetivos são sempre os presentes nas OCEPE. Nas atividades lúdicas não dirigidas, pretende-se que explorem todas as áreas da sala, desde o faz de conta à matemática, escrita, ciências... observamos sempre quais as áreas mais escolhidas. Se verificarmos que alguma criança não procura livremente algumas destas áreas, ou vai sempre para a mesma, vamos tentar estratégias para que comece a procurar outras áreas. Não consigo pensar em objetivos isoladamente para atividades lúdicas. Os objetivos estão lá... temos é que arranjar estratégias para quem não consegue chegar lá, respeitando sempre o ritmo individual de cada criança.”

Quais as estratégias que tem por hábito utilizar?

E: “As estratégias para as atividades?”

Sim.

E: “Pronto, as atividades começam sempre, com eu te disse, por ser planeadas por eles. Depois as estratégias é tentar envolvê-los o mais possível, também há situações em que os meninos não querem, dizem que não querem fazer aquilo. Há sempre uma outra alternativa, mas depois é assim, se eu acho que aquilo é realmente importante, que normalmente...quase sempre é, eu não estou a pressionar que têm que fazer que têm que fazer, têm que fazer, então não queres esta, então vamos lá ver o que é que, dentro do que está aqui para fazer, o que é que tu queres fazer, hoje não queres fazer escrita, não queres fazer matemática, queres pintar, queres desenhar, queres brincar com jogos... A criança escolhe depois, mais tarde, vamos outra vez, porque é assim, se nós depois vamos ver o quadro de atividades, eles vão todos escolher o mesmo, vais ver que há muitos que nunca vão à matemática, muitos que nunca vão à escrita, porque isso depois quando funcionar a 100% consegue-se ver quem é que vai mais onde. Então é assim, nós temos que ser nós ali então, aí sim, a levar a criança. O primeiro dia até pode nem querer, o segundo pode nem querer, mas a pouco e pouco, arranjando estratégias, jogos, alternativas, lá está, sempre de forma lúdica, de maneira a conseguir que ele, que consiga realmente atingir aquele objetivo, não é. Não é ele dizer que não quer e não faz. É assim, ele pode dizer que não quer, nós até damos ali a volta, contornamos “À não quer, pronto tudo bem, então diz lá, o que é que hoje te apetece fazer, escolhe outra coisa.”, mas depois, é assim, nós voltamos à carga, ou naquele dia, ou no dia seguinte, ele acaba sempre por fazer, todos acabam por fazer o que todos fizeram. A não ser que haja ali algum défice, alguma coisa que ele realmente não consiga realizar, mas isso aí não faz mesmo, aí até ponho a notinha, que é para depois quando for a avaliação, o porquê de não conseguiu fazer, isso aí não vou estar a forçar uma criança que não consegue fazer, a fazer. Agora as estratégias é sempre, são lançadas, não é, ou quando surgem, quem quer fazer e adere, muito bem. Há alguns que se retraem consoante o que é, até um simples desenho, porque desenhavam pior, ou vão pintar, mas mais tarde voltam ao desenho porque eu digo “Ah já viste, está aqui os desenhos da história toda ou daquele trabalho assim e assim, falta o teu. O pai fica triste ou a mãe...” e eles depois ficam assim, começam a fazer. Mas, normalmente, nunca é nada assim que digo que tem que ser e que tem que ser. A estratégia é tudo lúdico.”

Como avalia se os objetivos foram cumpridos?

E: “Hum... os meus ou os das crianças? Os gerais?”

Sim.

E: “Pronto, com eles avaliamos sempre diariamente, todos os dias os objetivos são avaliados, os objetivos das atividades que nós propusemos, não é, porque não estão lá objetivos escritos.

A mim, eu avalio, faço essas pequenas anotações, onde tenho, e depois, quando é na avaliação, eu vejo se realmente aquele objetivo, que estava no meu projeto, foi ou não cumprido. Portanto, aqui, nós quando planeamos as atividades, aquilo, portanto, os objetivos já estão previamente definidos no projeto, certo? São os objetivos que constam na lei de bases. E depois quando é feita a avaliação final, nós vimos quem é que está mais ou menos dentro dos...quem não está, quem está e quem está a caminhar para vir a estar. Pronto, mediante os trabalhos que eles fazem e tudo o que é observado na sala.”

Que estratégias utiliza para avaliar se as crianças adquiram a aprendizagem pretendida com a realização da atividade?

E: “Normalmente é a observação direta e quando tenho e quando tenho dúvidas arranjo estratégias para o fazer. Ou arranjo daqueles trabalhos mais dirigidos para aquela criança, ou seja através de jogos de jogos ou seja através, mesmo, não digo uma ficha mas...mas qualquer coisa que eu possa fazer com eles ali na altura. Mas normalmente é através da observação direta, de conversa, pergunta direta mesmo. Hum...e nos trabalhos que eles fazem mesmo nas atividades. Normalmente atividades e observação direta, sempre. Quando tenho dúvidas é mais individualizado.”

Com que frequência costuma abordar/insere conteúdos através de atividades lúdicas?

E: “Lá está, aqui como o modelo pedagógico é este, surgem muitos conteúdos, muitos temas de trabalho diariamente, nem todos podem ser abordadas, porque é impossível, mas com alguma frequência, então nos 5 anos, depende. Mas surgem, se nós dermos asas à imaginação, nós tínhamos um projeto quase todos os dias, que é impensável, só um projeto por mês. Porque é assim, depois vão ficando em lista de espera. Pronto, mas, portanto esses conteúdos surgem na nossa rotina, estão sempre constantes, portanto é uma coisa que não é...pronto, lá está, vocês trabalhavam muito por temas e por...aqui isso não há. Eu estou a olhar para ti e estou-me a a ver retratada à 24 anos atrás e isso não há. Portanto, nós temos...trabalhamos as áreas tal e qual como está nas orientações curriculares. Mas no nosso dia-a-dia, isso é uma coisa que surge com espontaneidade. E quando não surge, por exemplo, agora o natal, é claro que eles também...começou muito cedo este ano, por incrível que pareça, não foi por mim, foi por eles começaram a ver na rua as decorações de natal. Então começaram a falar que o natal estava a chegar, e começaram logo a querer fazer desenhos para o pai natal. Portanto, veio do exterior para a escola, porque ainda estávamos no Halloween, mal passou o Halloween, aliás e se nós formos a ver, as lojas, num dia estavam de bruxas, no outro dia estavam de pai natal. Então isso, o pai natal, não é, o pai natal, veio cá para dentro logo. Eles logo naquele dia, queriam

fazer um desenho ao pai natal, eu disse “Meu Deus”, o natal este ano chegou cedo, mas pronto fizemos o desenho ao pai natal. Eles já fizeram montes de desenhos ao pai natal, porque, lá está, esses conteúdos vêm de uma forma espontânea. Quando eu os quero trabalhar, introduzo-os através de uma história ou de uma conversa, se for algum assunto que eu veja que não está bem, que eu quero tocar, tenho que sempre dar a volta, ou pelo uma história, ou pelo uma situação que surja, aproveitar para dar, contornar a situação.”

Considera que o facto de recorrer a atividades lúdicas para abordar determinados conteúdos/temáticas é vantajoso para a aprendizagem da criança? Exemplos.

E: “Muito, sempre. A brincadeira presente ajuda sempre. Temos que ter aqueles momentos mais calmos, para perceber também se eles se concentram e tudo. Mas eu acho que, estamos em jardim de infância, a parte lúdica é fundamental, deixem-nos brincar. Eles aprendem imenso, imenso a brincar. Mas, dei que há pessoas que não concordam, mas eles aprendem muito a brincar.”

Muito obrigada!

## Anexo XXIV- Transcrição das Entrevistas das Professoras

### **Professora 1 (P1) - Ensino Público**

Primeiro queria começar por lhe agradecer por ter aceite esta entrevista e informar que a entrevista está a ser gravada para posteriormente ser transcrita. A primeira questão que lhe quero fazer é qual a sua formação?

Prof: “Bacharelato em ensino de 1.ºCiclo e depois tenho um complemento de formação que deu equivalência à licenciatura em ensino de português com 2.º língua.”

Quantos anos de serviço tem?

Prof: “26.”

Exerce mais alguma profissão na instituição para além da função de docente?

Prof: “Este ano não. Apenas de professora titular de turma.”

Quantas crianças tem na sala e quais são as idades das mesmas?

Prof: “Atualmente são 20 crianças com idades compreendidas entre os 10 e 12 anos.”

O que são para si atividades lúdicas em contexto pedagógico?

Prof: “Atividades Lúdicas são as atividades que parecendo ser brincadeira estamos a fazer algumas aprendizagens através delas.”

Quais são as potencialidades e os constrangimentos que identifica neste tipo de atividades?

Prof: “O comportamento dos alunos, sendo atividades lúdicas, dá aso a maior confusão, chamemos-lhes assim e tentar cativar-lhes a atenção e um pouco de silêncio necessário para as aprendizagens, isso é um constrangimento.”

Em que áreas costuma realizar este tipo de atividades?

Prof: “Principalmente no estudo do meio, não falando das expressões sempre não é, dramática, musical, físico-motora. Nas ditas curriculares, português, estudo do meio e matemática, mais no estudo do meio.”

Como é que elabora a planificação deste tipo de atividades?

Prof: “É semelhante às outras atividades, é com os objetivos que queremos atingir, com os conteúdos que temos, é similar.”

E os objetivos como é que pensa neles? Consoante o conteúdo?

Prof: “Sim, exatamente! Mediante o conteúdo que nós temos e o que queremos atingir vamos procurar essas tais atividades lúdicas de forma a que os alunos possam melhor chegar às suas aprendizagens.”

Que estratégias tem por hábito utilizar?

Prof: “Quando possível, escolher materiais diferentes daqueles que eles estão habituados a trabalhar, atividades que lhes sejam menos comuns, de forma a que... a tentar cativar-lhes a atenção. Hum... não sendo assim, utilizar os materiais que temos mais acessíveis na escola ou na sala de aula.”

Como avalia se os objetivos foram cumpridos?

Prof: “Através das respostas dos alunos, do interesse dos alunos, da participação dos alunos, conseguimos perceber se eles adquiriram e se conseguem aplicar aquilo que era pretendido.”

E que estratégias utiliza para avaliar as crianças nessas atividades?

Prof: “Podem ser logo oralmente, os reforços positivos não é, que nós tanto ouvimos e que efetivamente dá resultado, os reforços positivos. Na... em... algumas vezes em estratégias muito simples como as medalhas, conseguiu atingir o objetivo, hum... os prémiozinhos fáceis de se fazer ou de se entregar e depois são as avaliações escritas, as grelhas.”

Com que frequência costuma abordar ou inserir conteúdos através destas atividades?

Prof: “Infelizmente muito raramente, porque os nossos horários estão tão sobrecarregados e os programas são tão extensos que infelizmente nós temos pouco tempo para inserir as atividades lúdicas no nosso dia-a-dia apesar de achas que elas são essenciais, porque quando nós as utilizamos verificamos que há maior interesse, que há maior participação e efetivamente a aprendizagem é melhor. Mas com o tempo que demora, com o comportamento deles que é mais alterado, se nós usássemos muitas vezes essas ditas atividades lúdicas, efetivamente não conseguíamos cumprir o programa e infelizmente é o que temos de ter em mente.”

Considera que o facto de recorrer a atividades lúdicas para abordar determinados conteúdos é vantajoso para a aprendizagem da criança?

Prof: “É muito vantajoso!”

E foi a última pergunta, obrigada pela sua colaboração!

Prof: “Obrigada eu, Inês!”

## Professora 2 (P2) – Ensino Público

Em primeiro lugar, informo que a entrevista irá ser gravada e a primeira questão que lhe quero fazer é:

Qual a sua formação?

Prof: “Ah..., portanto... eu tenho o curso de professores de 1.º Ciclo tirado na Escola Superior de Educação de Santarém entre 86 e 89.”

Quantos anos de serviço tem?

Prof: “30.”

Exerce mais alguma profissão na instituição para além da função de docente?

Prof: “Sim, sou coordenadora do estabelecimento também.”

Quantas crianças tem na sala e quais são as idades das mesmas?

Prof: “Portanto, tenho uma turma de 2.º ano com 20 alunos, com idades entre os 7 e os 8.”

O que são para si atividades lúdicas em contexto pedagógico?

Prof: “Atividades lúdicas em contexto pedagógico são atividades que nós podemos fazer, portanto brincadeiras, que nos podem levar a um determinado objetivo pedagógico.”

Quais são as potencialidades e os constrangimentos que identifica neste tipo de atividades?

Prof: “Quais as?”

Potencialidades e constrangimentos que identifica neste tipo de atividades.

Prof: “As potencialidades poderá ser a disposição para a brincadeira, que as crianças nestas idades têm sempre... o eles ficarem mais soltos, digamos assim. Os constrangimentos, eles podem achar que aquilo é só brincadeira e depois... e às vezes ser para nós mais difícil levá-los ao objetivo que nós queremos.”

Em que áreas costuma realizar este tipo de atividades?

Prof: “Normalmente... É assim, o que eu costumo fazer é mais nas áreas das expressões, embora... hum... é assim as atividades lúdico-pedagógicas podem utilizar-se em qualquer uma das áreas, no português, na matemática às vezes é um caminho para uma matéria mais chata ou que nós pensamos que eles percebem às vezes com as brincadeiras que eles venham a ter...”

como é que ei hei de explicar... ser mais fácil depois para eles apreenderem os conteúdos mais chatos, digamos assim.”

Como é que elabora a planificação deste tipo de atividades?

Prof: “Como as outras, penso na atividade, às vezes tenho de preparar materiais, depende da atividade.”

Que tipo de objetivos estão previstos na planificação deste tipo de atividades?

Prof: “Os objetivos, depende da atividade que nós estamos a planificar, mas às vezes pode ser só o brincar por brincar, mas também como disse anteriormente depende do objetivo não é. Ou seja, temos de analisar a atividade para aquilo que nós queremos quando vemos que eles às vezes estão a desviar-se um pouquinho.”

Que estratégias tem por hábito utilizar?

Prof: “As estratégias... o jogo lúdico, o desenho às vezes.”

Como avalia se os objetivos foram cumpridos?

Prof: “Se eles conseguem... às vezes através de um desenho ou através de uma pergunta, responder aquilo que nós... da nossa intenção, do nosso objetivo inicial.”

E que estratégias utiliza para avaliar as crianças nessas atividades?

Prof: “Às vezes depende da atividade, mas podemos usar um simples diálogo ou uma simples pergunta e tentar perceber, e também pelo desempenho dos alunos conseguimos perceber se eles adquiriram ou não o nosso objetivo.”

Com que frequência costuma abordar ou inserir conteúdos através destas atividades?

Prof: “É assim, não tanto quanto o desejável, porque por exemplo para o 1.º e 2.º ano, os conteúdos são muitos. Na matemática, no português, os conteúdos sérios digamos assim, portanto se nós às vezes acabamos, não é perder tempo, mas é muito difícil numa hora e meia, como nós temos agora os nossos horários, conseguir uma atividade lúdica, um jogo, portanto depende da atividade mas às vezes é difícil inserir tanto quanto desejável.”

Considera que o facto de recorrer a atividades lúdicas para abordar determinados conteúdos é vantajoso para a aprendizagem da criança?

Prof.: “Claro que sim! É sempre vantajoso, porque eles para o jogo estão sempre dispostos, são crianças. Portanto, à partida depois cabe-nos a nós ter a inteligência suficiente para dar a volta ali à situação e canalizar o jogo para aquilo que nós pretendemos.”

E assim dou por terminada a entrevista, obrigada pela sua colaboração!

### **Professora 3 (P3) - Ensino Doméstico**

Em primeiro lugar, informo que a entrevista está a ser gravada e a primeira questão que lhe quero colocar é:

Qual é a sua formação?

Prof.: “Sou professora do 1.º Ciclo e tenho formação e ciências da educação.”

Quantos anos de serviço tem?

Prof.: “27.”

Exerce mais alguma função na instituição para além da função de docente?

Prof.: “Sim! Sou diretora da associação também.”

Quantas crianças tem na sala e que idades têm as mesmas?

Prof.: “Pronto eu tenho, neste momento, tenho 10 crianças na sala e tenho os 4 anos. Portanto vai dos 6 aos 10.”

O que são para si atividades lúdicas em contexto pedagógico?

Prof.: “São todas as atividades que estão próximas da realidade da criança. Portanto, todas as atividades que impliquem algum jogo, alguma... algum manuseamento...portanto manuseamento de materiais que lhes suscitem curiosidade e interesse em trabalhar ou mesmo brincadeira também pode ser uma atividade lúdica, embora nós, normalmente ligamos a brincadeira a uma situação informal, livre, podemos brincar com coisas sérias, não é, e sempre dentro, pensando sempre na forma de cativar a criança.”

Quais as potencialidades e constrangimentos que identifica neste tipo de atividades?

Prof.: “Pronto, eu tenho a sorte de ter um grupo pequeno, embora sejam quatro anos diferentes, as minhas dificuldades são, principalmente entre o 1.º e os outros três anos. Há uma grande diferença do que é que se pretende a nível de escola, não é. Portanto, o currículo do 1.º ano, para mim, deve ser todo dado com base na brincadeira e no jogo. Enquanto que, o 2.º, o 3.º e o 4.º ano já se pode teorizar mais um bocadinho não é, a prática já podemos passar mais para...”

para outro tipo de trabalho que implica outro, um envolvimento mais consciente e mais racional do trabalho. No entanto, o jogo, mais o jogo, tem que estar presente. Podemos trabalhar mais as investigações as investigações, o projeto. No 1.º ano, embora isso também seja possível, que eu sei que é possível, eles têm mais dificuldades em fazer. Ah... portanto tento sempre abordar os temas novos... em situações práticas em que eles possam usar o corpo, possam, lá está, brincar um bocadinho com o conteúdo que estamos a falar e dessa forma envolvê-los e criar neles o gosto por aprender, no fundo as crianças são curiosas, gostam de aprender, gostam sempre de satisfazer as suas curiosidades não é, quando... o nosso papel na escola é dar-lhes a conhecer outras realidades que suscitem mais curiosidade encaminhando-os para aquilo que é suposto dentro do currículo não é, mas para isso temos que sempre estar a pensar... no que é que é ser criança e que se nós nunca nos esquecermos do que é ser criança, de certeza que conseguimos transformar as coisas de forma a que... a que eles sintam prazer no que estão a fazer não é... e com isto fugi um bocadinho à questão. Portanto, o meu problema, a minha dificuldade é, às vezes, conciliar uma atividade mais lúdica com a realidade e ter os quatro anos presentes, porque para eu estar com o primeiro ano, os outros têm de estar em trabalho autónomo, se eu faço uma atividade... que implique um bocadinho mais de barulho, um bocadinho mais de movimento, é claro que os outros não podem de maneira nenhuma.... Ah... não conseguem abstrair-se dessa situação, portanto eu tenho que as envolver de alguma forma... e o que eu tento fazer para resolver... para superar a minha dificuldade é tentar pôr os mais velhos, em parte, ao serviço dos mais novos não é. Eles ajudam, eles têm que orientar a brincadeira, mais ou menos e/ou as regras do jogo são eles que as orientam para os envolver também... mas de facto, o objetivo principal, por exemplo, na situação de quando eu estava a dar os ditongos, eu desenhei um círculo para cada ditongo, para cada letra, para cada vogal, desenhei no chão e... à medida que eu ia dizendo o ditongo eles iam saltando por cima das letras. É assim, o jogo era, se por acaso falhassem ficavam uma vez sem jogar, portanto eles acabavam por ter que estar concentrados que a situação só de saltar de um sítio para o outro, para eles já é uma brincadeira, não é. Lá está, eles envolveram-se, estiveram a achar muita piada ao jogo, no outro dia pediram para fazer o jogo na mesma e no fim era uma tarefa simples de saltos, o que é certo é que eles sabem quais são os ditongos que estiveram a fazer e sabem reconhecê-los e dizê-los, portanto a coisa fica. Os mais velhos, o que é que tiveram a fazer... tiveram também a orientar um bocadinho o processo do tipo, aquelas crianças que tinham mais dificuldades, eles também os ajudavam a conhecer, até chegar a outra fase, em que, pronto eles já tinham percebido e já não era preciso a ajuda dos mais velhos. Ah... portanto, é tipo “apadrinhar” os mais novos não é, são eles que estão ali a...a cuidar, o que foi também uma mais valia para os mais velhos porque têm que dar, a nível dos ditongos, estão na fase de separar

as sílabas das palavras e classificar as palavras e, muitas vezes, se os ditongos não forem consolidados, eles falham as palavras porque separam o ditongo, não é, e... Portanto, foi uma oportunidade de eles também relembrem o assunto, não é. Numa turma com mais crianças, numa turma do regular, e que nós temos 20 a 25, já cheguei a ter os 26 mesmo, dentro da sala ah... é mais difícil nós fazermos atividades mais dirigidos para, para o currículo não é... principalmente a nível do português e da matemática, se calhar de estudo do meio não será assim tão difícil, porque entre uma investigação ou uma pesquisa ou uma experiência, acaba por ter sempre ali um bocadinho mais de lúdico também, porque eles acabam por brincar um bocadinho com os materiais, não é. Hum... no português e na matemática é assim, acho que temos que ser muito criativos e estarmos conscientes que há de haver sempre algum grupo na brincadeira naquele contexto de jogo ou brincadeira, uma coisa ou outra, são coisas diferentes mas que acabam por se ligar em alguma parte. Hum... há de haver sempre algum grupo a que agente não chega, não é, e por isso qual é a forma de contornar isso na minha opinião? É mesmo como se tivéssemos a dar o currículo de outra forma, é vermos realmente qual foi o grupo que não conseguiu fazer naquele dia tão bem, não teve um desempenho tão envolvente, não é, e no outro dia fazemos novamente a atividade e dar um bocadinho mais atenção àquele para ver se consegue que realmente se desenvolva ou se percebe porque é que aquela atividade não lhes está a interessar, não é.”

#### Em que áreas costuma realizar este tipo de atividades?

Prof.: Pronto, em todas! Em todas porque, por exemplo, lembro-me, por exemplo, de estar a dar a circunferência, logo no primeiro ano que estive nesta associação e, íamos a fazer uma caminhada, todos juntos, e eu observei que os canteiros do miradouro, onde estavam as árvores, eram circulares e portanto tinham as pedras da calçada, que contornavam o canteiro, eram cinzentas. Lembrei-me, olha vou dar já aqui a circunferência, nem sequer estava planeado isso, mas é assim temos que aproveitar o que as coisas não dão e inventámos assim uma música à pressa, andámos a pisar a circunferência e a cantar a música, saltávamos para dentro da circunferência, saltávamos para fora, portanto interior, exterior, a linha da circunferência era a fronteira e quando saltavam para dentro também reconheciam que havia ali um círculo, não é. Portanto, depois disso, saímos, fomos localizando, à medida que íamos passando, as circunferências que íamos vendo na localidade, os sinais, os pneus, portanto, nas caixas do esgoto do chão. Portanto, algumas eles diziam que não eram círculos, eram circunferências, porque eles passavam à volta, a contornar, por exemplo, a caixa do esgoto é um círculo não é, mas eles passavam à volta, e diziam “olha, olha, Sandra aqui é uma circunferência”. E ficou lá a noção, porque agora estamos a dar o diâmetro e o raio que alguns deles já estão no 3.º ano e

esse grupo que aprendeu no 1.º ano e não fazia sequer parte do currículo do 1.º ano, ah... o que foi engraçado, foi quando eu hum... lhes pedi para irem para o campo de futebol e se colocarem em cima da circunferência, todos eles sabiam o que era a linha da circunferência e daí partimos para o diâmetro e para o círculo. É assim, hum... aqui nós temos que inventar um bocado, porque eu não conheço um jogo dirigido para estas coisas, portanto normalmente estas questões, pela associação portuguesa de matemática, são atividades de investigação, não é, ou... sim atividades de investigação, hum... não é bem a mesma coisa que estarmos a brincar, não é. Mas, da forma que eu fiz, acaba por ser um jogo, porque dividi em equipas e cada uma tinha que se situar o mais rápido possível em cima da linha do diâmetro ou em cima da linha da circunferência e depois tivemos também a fazer tipo o jogo do mata, mas em cima da circunferência, com a bola, íamos mandando e tínhamos que dizer realmente se era diâmetro, se era raio. Claro que, de um ponto para o outro era diâmetro, não é, para os extremos da circunferência. O raio chegámos à conclusão que, para ter um raio tinha que haver uma criança no centro e, a partir daí, quando eles começavam a mandar a bola para colegas que não, que o trajeto da bola não passava pelo centro, chegaram à conclusão que aquilo afinal não era um diâmetro, mas era sim, uma semirreta que atravessava o círculo. Pronto, portanto, acabámos por, de uma forma muito informal, começar a rever conteúdos que já tínhamos dado antes e com o jogo do mata.

#### Como é elaborada a planificação deste tipo de atividades?

Prof.: “Na escola pública, a planificação é pensada tal e qual como outra atividade qualquer. Portanto, como é que eu fazia, pensava qual era o objetivo que eu queria atingir, que era preciso trabalhar e, de acordo com o objetivo que eu precisava de trabalhar, eu ia ver de que forma é que eu podia chegar a todas as crianças, não é. Portanto, para mim, não me faz sentido criarmos uma, aliás, todas as situações que sejam lúdicas estão, à partida, a envolver as crianças todas, estamos a fazer diferenciação pedagógica, não é. Porque não me faz sentido, quando nós fazemos uma planificação, nós não pensarmos em cada aluno que temos dentro da sala e criarmos uma atividade para que todos eles se sintam envolvidos. E se há algum que esteja/tenha alguma dificuldade, mesmo uma atividade lúdica, tem que ter em conta que essa criança tem que participar e tem que desenvolver nela. Portanto, temos que ver é que, de que forma a atividade que nós estamos a criar vai incluir aquela criança a participar não é, levar a criança a participar, portanto. E isso temos que ajustar e depois, no decorrer da atividade, ver como é que as crianças estão a reagir, quais são as/os ditongos que têm uns com os outros, para perceber se realmente o nosso objetivo está a ser realizado ou não, se está, se eles estão a compreender aquilo que nós pretendemos que eles compreendam e que assimilem. Hum... acho que, durante

toda a atividade, tem que, na planificação, tem que estar contemplada, como é que nós vamos avaliar, não é. E aí entra a avaliação formativa, muito informal, mas que, a partir dos diálogos que existem entre as crianças, consegues perceber se estamos a conseguir atingir o objetivo pretendido, se os estamos a envolver, se aquela atividade está a surtir efeito ou se é preciso alterar e mudar para outra. Portanto, na planificação também temos que ter contemplado estratégias de recurso, não é, não está a funcionar, pensámos neste jogo, mas realmente isto não está a funcionar, temos de ver outro, ou uma variante ou outro completamente diferente, mas temos que ter. Depois, temos que ter uma avaliação final, não é, e a avaliação final, na minha perspetiva, que eu costumo dizer aos meus meninos, que é, aprendizagem é aquilo que nós ficamos a conhecer e já não esquecemos, hum... não é no final da aula, nem se calhar dois dias depois, não é, se calhar de nós termos a certeza de que aquela criança/aquelas crianças ficaram com o conhecimento, é noutra situação, se passado algum tempo retomar-mos aquilo, vemos realmente se a coisa ficou e aí sim hum... para mim avaliar a aquisição do objetivo, de uma forma de aprendizagem, tem que ser bem posterior à/ao momento da aprendizagem. No entanto, no momento da aprendizagem, a planificação tem que contemplar como é que é avaliada a atividade e o envolvimento e se as crianças estão a chegar ao ponto que nós queremos ou não. Portanto, a avaliação formativa tem de estar contemplada.”

#### Que tipo de objetivos estão previstos na planificação deste tipo de atividades?

Prof.: “Que tipo de objetivos... hum... essa é difícil, porque pode depender da atividade e é assim... é sempre muito mais do que aquilo que as fichas nos dão, não é. Porque, nós podemos ver o grau de autoconfiança da criança, porque uma criança que não seja confiante se calhar tem mais dificuldade em se expor numa atividade lúdica, tem medo de falhar, tem medo de não ganhar, não é. Ver também se a criança é competitiva ou não e se leva a competitividade a um extremo que não é, consideremos, o aconselhável e portanto, as questões mais pessoais são vistas nestas atividades, não é. A inter-relação com o grupo, hum... se, se, se conseguem respeitar regras, portanto, se têm um ajustamento ao que é suposto e a capacidade de integrar o conhecimento, não é, ver de que maneira, portanto, o que é que elas sabiam e o que é que conseguiram descobrir com a atividade. Hum... a maneira como elas se podem expressar. Portanto é uma atividade que, pode atingir vários objetivos e é muito rica precisamente por isso, não é.”

#### Quais as estratégias que tem por hábito utilizar?

Prof.: “As estratégias que tenho por hábito utilizar... as estratégias dentro da atividade lúdica para crianças aprenderem... é isso?”

## Sim

Prof.: “Passa um bocadinho por, pronto, por a invenção de alguma coisa, como eu disse à bocado, que tenha a ver com o corpo hum... com a questão mais do teatro e drama, portanto, não é bem isso que eu quero dizer mas é a teatralização, não sei se esta palavra existe, mas pronto, é a parte dramática mesmo, de elas se expressarem. Por exemplo, no português, podemos fazer ali vários jogos a nível da leitura e da escrita, não é, e elas podem representar muita coisa e pode ser uma estratégia nós desafiarmos uma criança que tem muita dificuldade em ler, também costumo fazer isso. Hum... olha és um escritor famoso e vais apresentar a tua história do último livro, e ponho um escadote de dois degraus que tenho dentro da sala ou eles sobem para cima da mesa, que a primeira vez subir para cima da mesa é daquelas coisas “Oh meu deus, isto na escola não é preciso”, e a mesa vira um palco e, às tantas, o facto de estar em cima do palco, aquilo é uma festa e desbloqueia muita coisa e, o, e faz com que os outros também queiram. Portanto, tanto a própria criança, como os outros, queriam ler e acaba por usar mais o gosto pela leitura e o treino. Pronto, é uma estratégia essa invenção. Outras vezes, sei lá, o criar um *peddy papper*, por exemplo, é outra estratégia para a escrita, não é e, ao mesmo tempo, desenvolve ali um raciocínio. Depende muito da área, do conteúdo, a estratégia que utiliza. Por exemplo, os próprios materiais estruturados que nós temos dentro da sala. Se não criarmos, estou-me a lembrar, por exemplo, do *cuisenaire*. O *cuisenaire* usado, por si, tem o seu valor de ... como material didático, não é, e é muito importante, mas se tu transformares aquilo, transformares aquele jogo, no jogo do banqueiro para introduzires a dezena, não é, aqueles trocos, as dez pecinhas de unidade por uma dezena, quando conseguem juntar, é... dá logo ali outro, outro gosto para a criança. Por exemplo, eu costumava associar o jogo do banqueiro com perguntas de português, matemática, estudo do meio. É assim, fazia dois grupos e, em cada grupo, hum... cada grupo tinha uma oportunidade para responder à pergunta e, cada vez que certassem na resposta ganhavam um cubinho da unidade, não é. Quando fizessem, quando ganhassem dez cubinhos teriam que trocar, pedir ao banqueiro para trocar por uma dezena e ganhava o jogo quem conseguisse juntar mais dezenas, não é. E isto, eles até sozinhos depois acabam por treinar, porque é um jogo e eles vão querer fazer. Portanto, a estratégia será utilizar material estruturado de uma forma que crie ali alguma, algum espírito de... competitivo, mas de uma forma saudável, não é. Pronto, é utilizar aquilo que surge na hora, na oportunidade porque, lá está, na situação da circunferência, não foi uma estratégia que eu tivesse pensado, não é. Surgiu, olhei, lembrei-me, espera, como nas escadas da vizinha, fui dar a ordem crescente e ordem decrescente nas escada da vivenda da vizinha. Hum... eles não estavam a conseguir perceber porque, lá está, eu pus os números e ordenem, ponham por ordem, ponham por ordem,

bem se a sequência fosse linear, não é, 1, 2, 3, 4, 5, bem eles sabiam fazer por ordem crescente e decrescente. Se eu tirasse algarismos ou números, se eu tirasse os números que eles já não sabiam, porque então, não há, não existe, não é possível, fomos para a escada dos vizinhos e eles quando diziam “Ó Sandra, eu não tenho o número 83 e agora tinha que vir o 83, tenho de ir buscar outra carta” “Não, não tens de ir buscar outra carta, só tens essas e não podes deixar degraus em branco.”, eles descobriram, mesmo que não tenham a sequência dos números, eles podem construir uma sequência que não é linear, não é. Tem intervalos e... e, a partir daí, ultrapassaram logo a dificuldade de ter números que não são seguidos e que têm que pôr por cada uma daquelas ordens. Portanto, a estratégia de base... se calhar a estratégia de base é estar sempre muito atento áquilo que as crianças estão a conseguir aprender e às dificuldades que vão surgindo e ser um bocadinho inventor na... ou doido, como queiramos chamar.”

### Como avalia se os objetivos foram cumpridos?

Prof.: “Pronto, há várias formas de avaliar. E, para as crianças, sentir a satisfação também no momento da avaliação, podem recorrer a várias coisas. Eu aqui na associação, como não temos aquela obrigatoriedade do ministério da educação, das fichas e fichas e fichas, então eles podem fazer um filme, dizem o que aprenderam da forma que eles quiserem, podem utilizar a expressão plástica para o fazer, para apresentar, hum... podem, por e simplesmente, um colega mais novo que começou a trabalhar.... Pronto, o que nós poderemos tentar a explorar, ele pode ir explicar ao outro. Portanto, há muita avaliação dos objetivos que é feita durante, porque, por exemplo, se houve um diálogo entre duas crianças, uma não está a acompanhar e a outra começa ali a explicar, se tu estás atenta, se a criança está a explicar corretamente, é porque ela já o percebeu, está adquirido e não é preciso estar ali uma ficha, não é. É claro que, há coisas que têm mesmo que ser pela escrita e o exercício ou a ficha pode ser útil para mostrar mais tarde, mas há várias coisas, eles podem apresentar, por exemplo, podem querer fazer um projeto sobre determinada atividade que nós fizemos que... Por exemplo, a tal da circunferência, nenhum deles quis apresentar nisso mas, é assim, não há maior avaliação do que, por exemplo, eles estarem com os mais novos no intervalo e dizerem “Olha vamos fazer um desenho, vamos fazer aqui uma circunferência que é o sol”, não é, e depois outro decide dizer “Olha mas estamos aqui a pintar o círculo”, para os mais novos. Tu estás a observar, agora tu podes dar esse tema, porque tens intenção de criar uma atividade de avaliação naquela hora e dás um tema e eles têm que te apresentar um trabalho com isso, não é, e o trabalho até pode ser um desenho ou não, ou surge a oportunidade, de uma forma espontânea, porque, lá está, na associação nós não temos temas para mostrar, a não ser no final do ano, estamos a trabalhar com crianças de ensino doméstico. Portanto, em qualquer momento tu podes apanhá-los numa brincadeira e “Olha eles estão a

utilizar os termos certos, numa coisa completamente extracurricular, não é, e que nós explorámos de alguma forma”. Hum... há muitas formas de avaliar... a ficha é uma delas. Normalmente, nós na escola recorremos sempre à prova de avaliação escrita, mas pode ser de várias formas que tu avalias a atividade que tiveste a fazer, mas quanto a mim, durante a atividade, nós ficamos com a perceção se eles perceberam ou não, por causa da observação e depois lá está, terá que ser mais tarde, nem que seja “Olha, da outra vez tivemos a falar sobre isto, és capaz de me explicar ao colega?”. Se ele sabe explicar, porque é que é preciso ir fazer uma ficha para... há muitas formas de avaliar.”

Esta pergunta vai muito ao encontro da anterior... Que estratégias utiliza para avaliar se as crianças adquirem a aprendizagem? Penso que já foi respondido.

Prof.: “Sim!”

Com que frequência costuma abordar/inserir conteúdos através das atividades lúdicas?

Prof.: “Com que frequência... não sei, eu acho que isso é uma prática muito presente na minha ação educativa, é mais assim, porque eu tento sempre fazer alguma coisa para ainda, por exemplo, os mais pequeninos do 1.º ano estão a aprender agora o início da leitura e, para criarem alguma velocidade de leitura, eu tenho estado a pôr a sílabas com as consoantes que eles já aprenderam, no quadro, e temos andado a brincar com as sílabas na leitura. Porque, primeiro lemos as sílabas todas seguidinhas (pá, pé, pi, pó, pu) e depois pá, tá, má, lá, pé, té, lé, mí... eles acham uma piada a isso e acabam por o pá, pé, pi, pó, pu, toda a gente sabe dizer, mas quando vamos pelas vogais, aquilo é um horror. Mudar de uma consoante para a outra, aquilo é complicado e, às vezes, sai assim papepa... Pronto, estão ali a rir e então vamos fazendo jogos de... por acaso tenho lá, não é um ponteiro, mas é um metro daqueles das retrosarias de madeira, e então duas vezes, normalmente a primeira vez faço eu, salteado e eles têm que descobrir. Rapidamente dizem, por exemplo, o pá e depois eu passo logo para o má ou para o mú e salta e eles têm que estar ali, rapidamente têm de focar a visão, não é, e dizer a sílaba e depois começam logo a dizer “Ó Sandra agora posso ser eu? Agora posso ser eu?”. Pronto entra-se numa brincadeira, não é. Portanto, eu não te sei dizer ao certo, mas a ideia que eu tenho é que, pelo menos, uma a duas vezes por dia à alguma coisa que se ligue com, que se liga com o lúdico.

Considera que o facto de recorrer a atividades lúdicas para abordar determinados conteúdos/temáticas é vantajoso para a aprendizagem da criança? Exemplos.

Prof.: “Com certeza, sem dúvida!” Só fazendo com que as coisas se tornem mais significativas para eles, é que eles conseguem aprender, não é. Portanto, se se consegue captar o gosto, se eles

se envolvem na atividade, então eles estão a aprender de certeza! Hum... e cria mais vontade ou predisposição, para quando eu digo “Olha vamos aprender uma coisa nova”, eles ficam logo “Vamos aprender uma coisa nova, o que vem daí?!” ou “Hoje trago uma surpresa!”, “Uma surpresa?!”. Pronto, é motivador, e a atividade motivadora, no fundo, é sempre muito mais motivador do que pôr um manual ou uma ficha à frente. Portanto, tenho toda a certeza e aquilo que tenho visto, mais aqui na associação, porque, lá está, tinha mais dificuldades de fazê-la na escola. Hum... porque estas atividades também, normalmente, geram algum barulho de fundo, não é. E na escola se tu fazes um barulho de fundo, se estás no 1.º andar e se andas a arrastar cadeiras ou mesas e não sei o quê, porque precisas de fazer umas contagens e então vamos todos juntar as cadeiras e contas as cadeiras que temos ou resolver um problema, a vizinha de baixo não gosta e tem que se pensar muito bem na atividade que vamos fazer por causa do número de alunos que temos. Hum... aqui, eu consigo ver melhor o resultado, porque também passo um dia inteiro com eles, não é, na escola passo menos tempo também. Portanto, consigo-os observar também nos momentos de intervalo, como acompanho o almoço e o lanche, mas também consigo acompanhar nessa altura, e, portanto, tu consegues ter a perceção se realmente as coisas estão a resultar ou não. Porque num momento de almoço, que é um momento descontraído, eles chamam o tema que tivemos a trabalhar na sala e passamos a hora do almoço a falar sobre aquele tema. É assim, de certeza que está a resultar, não é!”

E foi a última pergunta, muito obrigada!

## Anexo XXV- Transcrição das Entrevistas das Crianças

### Criança 1

Estagiária: “Como é que gostas mais de aprender? Por exemplo através de atividades práticas, experimentais, através do manual com a professora a explicar e a falar...”

Criança: “A professora a explicar e a falar.”

Estagiária: “Com que tipo de atividades gostas de aprender novos conteúdos/nova matéria? Com atividades práticas, com atividades teóricas, com o manual ou com, por exemplo, experiências.”

Criança: “Matemática!”

Estagiária: “Gostas de aprender matemática e gostas de aprender com materiais, por exemplo?”

Criança: “Sim, é mais fácil com materiais do que estar com o lápis e isso.”

### Criança 2

Estagiária: “Como é que gostas mais de aprender?”

Criança: “Não sei.”

Estagiária: “A ler ou a ouvir a professora a explicar...”

Criança: “A ler.”

Estagiária: “Com que tipo de atividades gostas mais de aprender nova matéria?”

Criança: “Nos livros.”

Estagiária: “Gostas de aprender novos conteúdos com vários materiais diferentes?”

Criança: “Sim.”

Estagiária: “Como? Por exemplo através de experiências, cartazes, desenhos, como é que gostas de aprender mais?”

Criança: “Desenhos.”

Estagiária: “Gostas de aprender novos conteúdos através de desenhos?”

Criança: “Sim e também através de jogos.”

### **Criança 3**

Estagiária: “Como é que gostas mais de aprender?”

Criança: “Eu gosto mais de aprender a estudar.”

Estagiária: “Com que tipo de atividades gostas mais de aprender novos conteúdos?”

Criança: “Em matemática e estudo do meio.”

Estagiária: “Mas com atividades práticas ou teóricas?”

Criança: “Mais práticas.”

Estagiária: “Gostas de aprender novos conteúdos com diferentes materiais?”

Criança: “Sim.”

Estagiária: “Com que tipo de atividades? Por exemplo.”

Criança: “Ah... Se o papel flutua.”

Estagiária: “A fazer experiências?”

Criança: “Sim e também pode ser outra experiência como ver se os materiais flutuam ou não flutuam.”

### **Criança 4**

Estagiária: “Como é que gostas mais de aprender?”

Criança: “Eu gosto de aprender com felicidade.”

Estagiária: “Com que tipo de atividades gostas mais de aprender novos conteúdos? Com atividades práticas, no manual...”

Criança: “No manual.”

Estagiária: “Gostas de aprender novos conteúdos através de diferentes materiais?”

Criança: “Sim!”

Estagiária: “Como?”

Criança: “Fazer experiências e mais nenhuma...”

### **Criança 5**

Estagiária: “Como é que gostas mais de aprender?”

Criança: “Hum... tipo... eu gosto sempre de aprender matérias novas e tipo trabalhar com explicações.”

Estagiária: “Com que tipo de atividades gostas de aprender novos conteúdos?”

Criança: “Hum... tipo primeiro com explicações e exercícios e provavelmente com um jogo ou assim.”

Estagiária: “Gostas de aprender novos conteúdos através de diferentes materiais?”

Criança: “Sim!”

### **Criança 6**

Estagiária: “Como é que gostas mais de aprender?”

Criança: “Explicando passo-a-passo.”

Estagiária: “Calmamente? Com que tipo de atividades gostas mais de aprender novos conteúdos? Com atividades mais práticas, com atividades mais teóricas, com o manual... como gostas mais?”

Criança: “Mais com o manual.”

Estagiária: “Gostas de aprender novos conteúdos através de diferentes materiais?”

Criança: “Sim!”

Estagiária: “Por exemplo, aquela atividade que nós fizemos que pensámos diversos materiais, gostas-te dessa atividade ou gostavas mais que a professora tivesse falado e vocês tivessem a seguir o manual?”

Criança: “Gostei mais assim com as balanças a pesar os pesos.”

Estagiária: “Com os materiais?”

Criança: “Sim!”

### **Criança 7**

Estagiária: “Como é que gostas mais de aprender?”

Criança: “Hum... quando estou nas aulas a ouvir a professora, eu gosto mais de aprender assim quando ouve a professora.”

Estagiária: “Com que tipo de atividades gostas mais de aprender novos conteúdos?”

Criança: “Em que atividades?”

Estagiária: “Sim! Gostas mais de aprender com atividades mais práticas ou gostas mais de aprender com o manual com a professora a falar?”

Criança: “Mais práticas e com a professora a falar.”

Estagiária: “Gostas de aprender novos conteúdos através de diferentes materiais?”

Criança: “Sim! Porque é uma maneira nova de aprender, de aprendermos a estudar e a compreendermos as matérias e pode ser mais fácil.”

### **Criança 8**

Estagiária: “Como é que gostas mais de aprender?”

Criança: “Divertidamente.”

Estagiária: “Com que tipo de atividades gostas mais de aprender novos conteúdos/nova matéria?”

Criança: “Com português e estudo do meio.”

Estagiária: “Mas com que tipo de atividades? Gostas mais de atividades práticas, com materiais ou gostas mais de aprender através do quadro e do manual?”

Criança: “Através da natureza.”

Estagiária: “Gostas de aprender novos conteúdos através de diferentes materiais? Por exemplo, aquela atividade que nós fizemos de pesar, gostaste? Gostaste mais de aprender assim ou gostavas mais que a professora só explicasse?”

Criança: “Não, é melhor assim!”

Estagiária: “Com materiais?”

Criança: “Sim!”

Anexo XXVI- Análise do Conteúdo das Entrevistas das Educadoras

Tabela 4- Categorias e subcategorias e respostas emergentes às educadoras de infância

Bloco Temático	Categoria	Subcategoria	N.º de Sujeitos	Respostas
Bloco 1- Conceções das educadoras acerca do conceito e da utilização de atividades lúdicas	Atividades Lúdicas – Definição	Histórias	1	“As atividades lúdicas, depende da... há muita coisa que pode ser lúdica, uma história pode ser lúdica, depende da forma como ela é depois... as estratégias que nós utilizamos para contar não é. (E.1)”
		Estratégias para Cantar	1	
		Atividades na rua	1	“(...) O sair à rua também pode ser uma atividade lúdica, a observação de obras de arte também, ouvir música clássica também, (...)” (E.1)
		Explorar atividades	1	“(...) quer dizer depende um bocado da forma como uma pessoa depois explora a atividade não é, mas aliás elas terão que ser/deveriam ser todas lúdicas não é (...)” (E.1)
		Inovação	1	“(...) até porque a captação depois de aprendizagens para as crianças aprendem com muito mais facilidade com as atividades lúdicas não é, portanto a inovação. (...)” (E.1)
		Trazer uma mais-valia à criança	1	“Tudo o que possa trazer à criança uma mais-valia e uma aprendizagem maior sobre determinados conteúdos, de forma lúdica (...)” (E.2)
		Transmitir uma aprendizagem maior	1	
		Brincar e Aprender	2	“(...) lá está, a brincar vão aprendendo.” (E.2) “Então, as atividades lúdicas, em contexto pedagógico, são as atividades onde eles possam brincar e aprender.

				Portanto, aliás, para mim, as atividades lúdicas a nível de jardim de infância, têm sempre um contexto... tem sempre uma parte pedagógica, porque eles não brincam por acaso. (...) hum... então eles a brincar estão a aprender.” <b>(E.3)</b>
Potencialidades	Introdução de novos conteúdos	1	“Benefícios, lá está, a introdução de novos conteúdos e o lúdico, ou seja, o divertimento nestas idades.” <b>(E.2)</b>	
	Lúdico	1	“Constrangimentos... eu só identifico potencialidades, não identifico constrangimentos. Eu acho que a criança tem que brincar o mais que puder durante o pré-escolar todo. (...) Mas este tipo de atividades é super importante, porque é assim, eles libertam-se e quando não o conseguem fazer é porque alguma coisa não está bem. Eu acho que é fundamental, é assim, o pré-escolar está sempre associado às atividades lúdico-pedagógicas, nem pode deixar de estar nunca, para mim, isso é o mais importante, além das atividades dirigidas, a parte lúdica, para mim, a parte das atividades livres são importantíssimas, porque eu acho que eles precisam. (...)” <b>(E.3)</b>	
	Divertimento	1		
	Brincar	1		
	Atividades Lúdicas	1		
Constrangimentos	Poucos materiais disponíveis	1	“Os constrangimentos... por exemplo se a pessoa não tiver muitos materiais, muitas coisas para utilizar. (...) também é importante uma pessoa fazer	

				formação, estar sempre atualizada não é (...)” <b>(E.1)</b>
		Ações de formação com preço elevado	1	“(...) Depois os constrangimentos, às vezes, também são as ações de formação muito caras (...)” <b>(E.1)</b>
		Trabalhar a atenção	1	“A nível de constrangimentos, trabalhamos a atenção, a concentração deles, que nestas idades ainda é muito reduzida.” <b>(E. 2)</b>
		Trabalhar a concentração	1	
Bloco 2 – Planificação das Atividades Lúdicas	Áreas	Em todas as áreas	3	“Em todas! (...) se a pessoa quiser em todas. (...)” <b>(E.1)</b> “Nestas idades, acaba por estar integrado em todas as áreas (...)” <b>(E.2)</b> “Quando é livremente, eles escolhem e pedem, vão ao mapa de atividades, normalmente... (...). Se for mais orientada por mim, quando eu vejo que há ali, que toda a gente quer, tento distribuir. (...) Portanto, todas as áreas são exploradas.” <b>(E.3)</b>
		Desenvolvimento pessoal e social	1	“Pode utilizar na área do desenvolvimento pessoal e social... (...)” <b>(E.1)</b>
		Social	1	“(...) trabalhamos todas, a parte social, a parte linguística, a parte da matemática. Ou seja, aqui utilizamos muito... na creche utilizamos muito a música e ela está inerente em todas as áreas.” <b>(E.2)</b>
		Linguística	1	
		Matemática	1	
		Música	1	

	Estratégias de Realização	Grelha		atividades e também essas atividades são propostas de acordo com a temática que nós queremos trabalhar, de acordo com aquilo que eles trazem também de casa não é, porque às vezes também posso ter programado uma atividade e depois nesse dia não dar para fazer, eles podem ter trazido outra coisa qualquer e achar mais importante e, portanto, depois fazemos antes essa atividade, porque a planificação é só uma orientação, não é nada rígido, portanto nós podemos alterá-la sempre que haja necessidade. Claro que temos de ter um fio condutor, há coisas que nós sabemos que temos de fazer com as crianças não é, hoje apetece-me fazer isto, amanhã aquilo, não, não é assim e normalmente tenho sempre uma sequencia mas que... pronto e conversamos com eles, nós fazemos todos os dias a avaliação do dia, eles também vão dando algumas ideias e depois eu também vou aproveitando e falando com eles e depois planificamos também assim as atividades, não é sempre, mas muitas são planificadas assim.”
Propor atividades de acordo com o conteúdo		1	“Lá está, como estava a dizer, como nós trabalhamos numa instituição que trabalha o MEM, é muito ligado ao que as crianças trazem, ao que elas nos transmitem. É claro que é feita uma planificação, muitas vezes, semanal, mas às vezes tem que ser diária e às	
Ter em consideração o que as crianças trazem/transmitem		2		

				vezes momentânea, é muito construtiva.” (E.2)
		Planificação como orientação	1	“(...) As atividades são elaboradas, são planeadas todos os dias. De manhã, nós elaboramos o nosso plano do dia, fazemos a avaliação do que é que tinha sido feito no dia anterior ou não foi, no diário de grupo. Depois voltamos a avaliar no final da tarde e no plano do dia nós temos: o que nós queremos fazer, quem faz e depois da avaliação. (...) depois do trabalho participado à tarde, lá está, aí sim trabalhamos mais a matemática ou a escrita ou as ciências, e quando há projetos também é mais nas tardes. (...) A planificação, é claro que nós também vamos orientando e canalizando, às vezes, para onde nós queremos. (...) Não há uma planificação, é assim, eu tenho um projeto, onde estão os objetivos, que são literalmente os que estão nas OCEPE, (...) Onde está a caracterização do grupo feita, a planta da sala, (...) está de acordo com o projeto. (...)Mas, a nível do planeamento diário, os planos do dia, está lá tudo na sala, mas planificado com eles. É assim, eu posso ter uma orientação minha, não é, (...) eu tenho que ter mais ou menos para aquele mês o que é que eu penso fazer, mas até pode estar lá só metade ou até pode
		Fio condutor/Sequência	1	
		Dialogar com o grupo	1	
		Planear com as crianças	1	

		Envolver o grupo	1	<p>estar tudo ou até nem pode estar nada daquilo. Porque é assim, porque eles canalizam para outro lado, é muito flexível. A ideia aqui é que sejam eles, como cidadãos pequenos, mas que vão entrar breve num outro mundo, que sejam eles a ter a opinião e a poder participar nas decisões tomadas na sala e é assim eles dão opinião e depois vemos se concordamos, se não concordamos, o que é que está bem, o que é que está mal... envolve-os cada vez mais e, de certa forma, responsabilizá-los (...).” (E.3)</p>
		Responsabilizar o grupo	1	
Objetivos Previstos		Criatividade	1	<p>“A criatividade, assim por alto, a imaginação, a criatividade, desenvolver a imaginação, a criatividade, contactar com um determinado tipo de experiencias, contactar com diversos tipos de materiais também, a socialização, o despertar um bocado para o belo, levar a criança a despertar para a parte do belo e ensiná-los também a ver um bocado o mundo também de uma forma diferente não é, porque quando nós utilizamos, por exemplo, o sapatinho da Joana Vasconcelos não é, é uma obra de arte, portanto e as obras de arte o que é que nos permitem, permitem-nos que nós</p>
		Imaginação	1	
		Contactar com diferentes experiências	1	
		Contactar com diversos materiais	1	
		Trabalhar a socialização	1	
		Despertar a criança para o belo	1	

				consigamos olhar para o mundo de uma forma diferente, e eu acho que é importante também eles desde pequeninos, eles comecem também a ter esse tipo de contactos não é, e de experiências.” <b>(E.1)</b>
		Desenvolver a concentração	1	“Desenvolver a concentração, desenvolver, também, lá está, podemos desenvolver a lateralidade, podemos desenvolver todos os conteúdos que estejam inerentes a todas as áreas.” <b>(E.2)</b>
		Desenvolver a lateralidade	1	
		Desenvolver conteúdos inerentes a todas as áreas	1	
		Objetivos presentes nas OCEPE	1	“Então os objetivos presentes para as atividades lúdicas... ui... os objetivos são sempre os presentes nas OCEPE. Nas atividades lúdicas não dirigidas, pretende-se que explorem todas as áreas da sala, desde o faz de conta à matemática, escrita, ciências... observamos sempre quais as áreas mais escolhidas. Se verificarmos que alguma criança não procura livremente algumas destas áreas, ou vai sempre para a mesma, vamos tentar estratégias para que comece a procurar outras áreas. Não consigo pensar em objetivos isoladamente para atividades lúdicas. Os objetivos estão lá... temos é que arranjar estratégias para quem não consegue chegar lá, respeitando sempre o ritmo individual de cada criança.” <b>(E.3)</b>

	Estratégias Utilizadas	Conversar	3	<p>“Depende também não é, daquilo que nós formos trabalhar com eles. Mas pronto, uma das estratégias é pedir, é conversar com as crianças, é levá-los a perceber aquilo que eles querem não é, o interesse deles e pô-los também... se nós não lhes explicarmos determinadas coisas lá chegar não é, temos que ser nós a dar o primeiro passo e depois irmos puxando, puxando, puxando, até percebermos mais ou menos o que é que eles são capazes, o que é que eles querem, o que é que eles já sabem sobre as coisas, isto é muito importante, é levá-los a pensar sobre as coisas e dizer-lhes sempre, fazer, perguntar, “O que é que achas? O que é que será que é isto? O que é que isto quer dizer?” Registrando e depois, no fim, conversar com eles para saber o que é que eles conseguiram perceber ou não, não é, aquilo que eles aprenderam.” <b>(E.1)</b></p>	
		Ter em conta os interesses das crianças	1		
		Utilizar vários tons de voz	1		<p>“Normalmente, eles estão sentados em roda e vou utilizando vários tons de voz para captar a atenção.” <b>(E.2)</b></p>
		Sentar o grupo em “roda”	1		<p>“(…) as estratégias é tentar envolvê-los o mais possível, também há situações em que os meninos não querem, dizem que não querem fazer aquilo. Há sempre uma outra alternativa, (...). A criança escolhe, depois, mais tarde, vamos outra vez, porque é assim, se nós depois vamos ver o quadro de</p>

		Envolver o grupo na atividade	1	<p>atividades, eles vão todos escolher o mesmo, vais ver que há muitos que nunca vão à matemática, muitos nunca vão à escrita, porque isso depois quando funcionar a 100% consegue-se ver quem é que vai mais onde. Então é assim, nós temos que ser nós ali então, aí sim a levar a criança. O primeiro dia até pode nem querer, o segundo pode nem querer, mas a pouco e pouco, arranjando estratégias, jogos, alternativas, lá está, sempre de forma lúdica, de maneira a conseguir que eles, que consiga realmente atingir aquele objetivo, não é. (...) É assim, ele pode dizer que não quer, nós até damos ali a volta, contornamos (...). A não ser que haja ali algum défice, alguma coisa que ele realmente não consiga realizar, mas isso aí não faz mesmo, aí até ponho a notinha, que é para depois quando for a avaliação, o porquê de não conseguir fazer, isso aí não vou estar a forçar uma criança que não consegue fazer, a fazer. Agora as estratégias é sempre, são lançadas, não é, ou quando surgem, quem quer fazer e adere, muito bem. (...) Mas, normalmente, nunca é nada assim que digo que tem que ser e que tem que ser. A estratégia é tudo lúdico.” <b>(E.3)</b></p>
		Jogos	1	
		Ser lúdico	1	
				<p>“Em conversa de grupo com eles. Todos os dias nós fazemos a avaliação do dia, não é. (...) para perceber quem</p>

Bloco 3- Avaliação das Atividades Lúdicas	Estratégias de Avaliação de Objetivos	Conversa de grupo	1	é que sabe, quem é que consegue, pronto perceber as coisas, não é. (...) Todos os dias há um responsável e esse responsável é que fica encarregue de dizer o que é que fizemos. É claro que os outros participam também não é, participam bastante, mas pronto.” (E.1)
		Observação direta	2	“(…) Ah... e assim nós sabemos também, através da observação direta, do tipo de reações, se a criança está envolvida, se não está envolvida, porque, pronto, às vezes, observá-los é muito importante, (...)” (E.1)
		Reações	1	“Pronto, com eles avaliamos sempre diariamente, todos os dias os objetivos são avaliados, os objetivos das atividades que nós propusemos, não é, porque não estão lá objetivos escritos. A mim, eu avalio, faço essas pequenas anotações, onde tenho, e depois, quando é na avaliação, eu vejo se realmente aquele objetivo, que estava no meu projeto, foi ou não cumprido. (...)” (E.3)
		Envolvimento da criança	1	“Quando há participação da criança e quando eles vão conseguindo, cada vez mais, um tempo maior de concentração nessas atividades lúdicas.” (E.2)
		Participação da criança	1	“(…) Pronto, mediante os trabalhos que eles fazem e tudo o que é observado na sala.” (E.3)
		Trabalhos realizados	1	“É os trabalhos que eles fazem, as conversas, é o diálogo, é o registo
		Trabalhos	2	

Estratégias de Avaliação das Atividades	Diálogo	3	escrito, escreve-se também diário não é, nós fazemos o registo oral, mas depois é passado, é transcrito, aliás eles vão falando e nós vamos escrevendo e depois no fim leio (...) nós é que temos de aplicar depois a prática de acordo com os interesses e características de cada um e as capacidades, não é.” (E.1)
	Registo escrito	1	
	Registo oral	1	
	Prática de conhecimentos	1	“Lá está, neste tipo de crianças, não se consegue avaliar de outra maneira, senão o tempo de concentração, se as crianças já pronunciam algumas palavras da própria canção que nós cantamos, muitas vezes as terminações, se eles estão motivados e com vontade, ou com palmas e nota-se a motivação deles.” (E.2)
	Tempo de concentração	1	
	Pronúncia	1	
	Observação direta	2	“Normalmente é a observação direta e quando tenho dúvidas arranjo estratégias para o fazer. Ou arranjo aqueles trabalhos mais dirigidos para aquela criança, seja através de jogos ou seja através, mesmo, não digo uma ficha, mas..., mas qualquer coisa que eu possa fazer com eles ali na altura. Mas, normalmente, é através da observação direta, de conversa, pergunta direta mesmo. Normalmente atividades é observação direta, sempre. Quando tenho dúvidas é mais individualizado.”
	Jogos	1	

Bloco 4- Realização das Atividades Lúdicas	Frequência de Realização	A frequência depende	1	“A frequência depende, isso depende muito, não tenho assim nenhuma meta (...) eu tendo ser o mais lúdica possível não é, dentro dos materiais que temos, dentro das coisas que temos, mas quer dizer, estipular um tempo também não lhe sei dizer, porque é difícil também, não é, mas sempre que possível. (...) até se faz com bastante, bastantes vezes, não é.” (E.1)
		Com muita frequência	1	“(...) com alguma frequência (...). (...) Pronto, mas, portanto, esses conteúdos surgem na nossa rotina, estão sempre constantes, (...). (...) Quando eu os quero trabalhar, introduzo-os através de uma história ou de uma conversa, se for algum assunto que eu veja que não está bem, que eu quero tocar, tenho que sempre dar a volta, ou pelo uma história, ou pelo uma situação que surja, aproveitar para dar, contornar a situação.” (E.3)
		Várias vezes ao dia	1	“Várias vezes ao dia...normalmente é muito por repetição, vamos sempre abordando esses temas em todas as canções ou músicas ou o lúdico que fazemos.” (E.2)
	É muito vantajoso		3	“Então não é, é sim senhora! (...) cada vez mais nós temos que ser criativos, não é, mesmo nos nossos trabalhos, nós temos que ser criativos, portanto é importante, desde pequenino, não é, começar a apelar e a chamar e a trabalhar esta parte da criatividade (...).

	Vantagens da Implementação	Auxilia a criatividade	1	<p>(...) é importante, nesta idade, começar logo com este tipo de atividades, porque assim eles depois quando chegarem mais crescidinhos já têm na sua cabecinha que esta parte é tão importante, não é, (...). (...) tudo aquilo que se lhe puder dar e, de uma forma lúdica, é importante para eles (...).” <b>(E.1)</b></p> <p>“Sim, sim, sim! Nestas idades sim, nestas e em todas.” <b>(E.2)</b></p> <p>“Muito, sempre. A brincadeira presente ajuda sempre. (...) estamos em jardim de infância, a parte lúdica é fundamental, (...). Eles aprendem imenso, imenso, a brincar. (...).” <b>(E.3)</b></p>
		A brincadeira ajuda sempre	1	
		O lúdico é fundamental	1	
		Aprendem imenso a brincar	1	

Anexo XXVII – Análise do Conteúdo das Entrevistas das Professoras

Tabela 5- Categorias, subcategorias e respostas emergentes às professoras de 1.º ciclo do ensino básico

<b>Bloco Temático</b>	<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>N.º de Sujeitos</b>	<b>Respostas</b>
Bloco 1- Conceções das educadoras acerca do conceito e da utilização de atividades lúdicas	Atividades Lúdicas- Definição	Jogo	1	“Portanto, todas as atividades que impliquem algum jogo, (...)” <b>(P.3)</b>
		Brincadeira	3	“(...) Atividades Lúdicas são as atividades que, parecendo ser brincadeira, (...)” <b>(P.1)</b>  “(...) portanto brincadeiras que nos podem levar a um determinado objetivo pedagógico.” <b>(P.2)</b>  “(...) mesmo brincadeira, também pode ser uma atividade lúdica (...)” <b>(P.3)</b>
		Aprender através do brincar	1	“Atividades Lúdicas são as atividades que, parecendo ser brincadeira, estamos a fazer algumas aprendizagens através delas.” <b>(P.1)</b>
		Brincar para atingir um objetivo pedagógico	1	“Atividades lúdicas em contexto pedagógico, são atividades que nós podemos fazer, portanto brincadeiras que nos podem levar a um determinado objetivo pedagógico.” <b>(P.2)</b>
		Atividades próximas da realidade da criança	1	“São todas as atividades que estão próximas da realidade da criança.” <b>(P.3)</b>
		Manuseamento de materiais	1	(...) portanto, manuseamento de materiais que lhes suscitem curiosidade e interesse em trabalhar ou, (...)” <b>(P.3)</b>
	Potencialidades	Disposição para a brincadeira	1	“As potencialidades poderá ser a disposição para a brincadeira, que as crianças nestas

		As crianças ficam mais “soltas”	1	idades têm sempre... o eles ficarem mais soltos, digamos assim. (...)” (P.2)
	Constrangimentos	Comportamento das crianças	2	<p>“O comportamento dos alunos, sendo atividades lúdicas dá aso a maior confusão, chamemos-lhes assim, e tentar cativar-lhes a atenção e um pouco de silêncio necessário para as aprendizagens, isso é um constrangimento.”(P.1)</p> <p>“(...) Os constrangimentos, eles podem achar que aquilo é só brincadeira e depois... e às vezes ser para nós difícil levá-los ao objetivo que nós queremos.” (P.2)</p>
		As crianças não acharem que não é um momento de aprendizagem	1	“(...) Os constrangimentos, eles podem achar que aquilo é só brincadeira e depois... e às vezes ser para nós difícil levá-los ao objetivo que nós queremos.” (P.2)
		Dificuldade em realizar atividades dirigidas para o currículo	1	“(...) as minhas dificuldades são, principalmente entre o 1.º e os outros três anos. Há uma grande diferença do que é que se pretende a nível de escola não é. (...) para superar a minha dificuldade é tentar pôr os mais velhos em parte ao serviço dos mais novos, não é. (...). Numa turma com mais crianças, numa turma do regular, em que nós temos 20 a 25, já cheguei a ter os 26 mesmo, dentro da sala ah... é mais difícil nós fazermos atividades dirigidas para, para o currículo não é... (...) há de haver sempre algum grupo na brincadeira naquele contexto de jogo ou brincadeira, (...) há de haver sempre algum grupo a que agente não chega, não é, e por isso,

				qual é a forma de contornar isso na minha perspectiva? É mesmo como se tivéssemos a dar o currículo de outra forma, é vermos realmente, qual foi o grupo que não conseguiu fazer naquele dia tão bem, não teve um desempenho tão envolvente, não é, e no outro dia fazemos novamente a atividade e dar um bocadinho mais atenção àquele para ver se consegue que realmente se desenvolva (...)" <b>(P.3)</b>
Bloco 2 – Planificação das Atividades Lúdicas	Áreas	Principalmente no estudo do meio	1	“Principalmente no estudo do meio, não falando nas expressões sempre não é, (...)" <b>(P.1)</b>
		Área das Expressões	1	“Normalmente... é assim o que eu costumo fazer é mais nas áreas das expressões, embora... (...)" <b>(P.2)</b>
		Todas as áreas	3	“(...) dramática, musical, físico-motora. Nas ditas curriculares, português, estudo do meio e matemática, mais no estudo do meio.” <b>(P.1)</b>  “(...) hum... é assim, as atividades lúdico-pedagógicas podem utilizar-se em qualquer uma das áreas, no português, na matemática... às vezes é um caminho para uma matéria mais chata ou que nós pensamos que eles percebam às vezes com as brincadeiras que eles venham a ter (...) ser mais fácil depois para eles aprenderem os conteúdos mais chatos, digamos assim.” <b>(P.2)</b>  “Pronto, em todas! Em todas, porque, por exemplo, lembro-me, por exemplo, de estar a dar a circunferência, logo no primeiro ano que estive nesta associação e, íamos a fazer uma caminhada, todos juntos, e eu observei que os canteiros do miradouro, onde estavam as

				árvores, eram circulares e, portanto, tinham as pedras da calçada, que contornavam o canteiro, eram cinzentas. Lembrei-me, olha vou dar já aqui a circunferência, nem sequer estava planeado (...).” (P.3)
	Estratégias de Realização	Primeiramente pensar em objetivos e conteúdos a atingir	2	“É semelhante às outras atividades, é com os objetivos que queremos atingir, com os conteúdos que temos, é similar.” (P.1) “Na escola pública, a planificação é pensada tal e qual como outra atividade qualquer. (...) pensava qual era o objetivo que eu queria atingir, que era preciso trabalhar e, de acordo com o objetivo que eu precisava de trabalhar, eu ia ver de que forma é que eu podia chegar a todas as crianças, não é. (...)” (P.3)
		Primeiramente pensar na atividade	1	“Como as outras, penso na atividade, às vezes tenho de preparar materiais, depende da atividade.” (P.2)
		Primeiramente pensar nas necessidades de cada criança do grupo	1	“(...) não me faz sentido, quando não fazemos uma planificação, nós não pensarmos em cada aluno que temos dentro da sala e criarmos uma atividade para que todos eles se sintam envolvidos. E se há algum que esteja/tenha uma dificuldade, mesmo uma atividade lúdica, tem que ter em conta que essa criança tem que participar e tem que desenvolver nela. Portanto, temos que ver é que, de que forma a atividade que nós estamos a criar vai incluir aquela criança a participar, portanto. E isso temos que a ajustar e depois, no decorrer da atividade, ver como é que as crianças estão a reagir, quais são as/os diálogos que têm uns com os outros, para perceber se realmente o

				nosso objetivo está a ser realizado ou não (...) na planificação, tem que estar contemplada, como é que nós vamos avaliar (...).” <b>(P.3)</b>
	Objetivos Previstos	Mediante o conteúdo são definidos objetivos	1	“(...) Mediante o conteúdo que nós temos e o que queremos atingir, vamos procurar essas tais atividades lúdicas de forma a que os alunos possam melhor chegar às suas aprendizagens.” <b>(P.1)</b>
		Dependendo da atividade são definidos objetivos	2	“Os objetivos... depende da atividade que nós estamos a planificar, mas às vezes pode ser só o brincar por brincar, mas também como disse anteriormente, depende do objetivo não é, ou seja, temos que analisar a atividade para aquilo que nós queremos quando vemos que eles estão a desviar-se um pouquinho.” <b>(P.2)</b> “(...) pode depender da atividade (...)” <b>(P.3)</b>
		Tendo em conta as necessidades/características de cada criança	1	“(...) nós podemos ver o grau de autoconfiança da criança, porque uma criança que não seja confiante se calhar tem mais dificuldade em se expor numa atividade lúdica, tem medo de falhar, tem medo de não ganhar, não é. Ver também se a criança é competitiva ou não e se leva a competitividade a um extremo que não é, consideremos, o aconselhável e portanto, as questões pessoais são vistas nestas atividades (...) a inter-relação com o grupo (...) a capacidade de integrar o conhecimento (...) Portanto é uma atividade que, pode atingir vários objetivos e é muito rica precisamente por isso, não é.” <b>(P.3)</b>
		Materiais diversificados	1	“Quando possível escolher materiais diferentes daqueles que eles estão habituados a trabalhar, atividades que lhes sejam menos comuns, de
		Atividades menos comuns	1	

	Estratégias Utilizadas			forma a que... a tentar cativar-lhes a atenção. Hum... não sendo assim (...)" <b>(P.1)</b>
		Preparar materiais/o jogo lúdico	1	"As estratégias... o jogo lúdico, o desenho às vezes." <b>(P.2)</b>
		Utilizar materiais acessíveis para a escola	1	"(...) utilizar os materiais que temos mais acessíveis na escola ou na sala de aula." <b>(P.1)</b>
		Invenção	1	"Passa um bocadinho por (...) por a invenção de alguma coisa (...) que tenha a ver com o corpo (...). Depende muito da área, do conteúdo, a estratégia que se utiliza. (...) Pronto, é utilizar aquilo que surge na hora, na oportunidade porque, lá está, na situação da circunferência, não foi uma estratégia que eu tivesse pensado, não é. (...) se calhar a estratégia de base é estar sempre muito atento àquilo que as crianças estão a conseguir aprender e às dificuldades que vão surgindo e ser um bocadinho inventor (...)." <b>(P.3)</b>
		Depende da área/conteúdo	1	
		Utilizar o que surge	1	
		Estar atento às aprendizagens e dificuldades das crianças	1	
Bloco 3- Avaliação das Atividades Lúdicas	Estratégias de Avaliação de Objetivos	Respostas das crianças	1	"Através das respostas dos alunos, do interesse dos alunos, da participação dos alunos, conseguimos perceber se eles adquiriram e se conseguem aplicar aquilo que era pretendido." <b>(P.1)</b>
		Interesses das crianças	1	
		Participação	1	
		Desenhos	1	"Se depois eles conseguem... às vezes através de um desenho ou através de uma pergunta, responder aquilo que nós... da nossa intenção, do nosso objetivo inicial." <b>(P.2)</b>
		Questões orais/escritas	1	
		Diálogo informal	1	"Pronto, há muitas formas de avaliar. (...) Portanto, há muita avaliação dos objetivos que é feita durante, porque, por exemplo, se houver um diálogo entre duas crianças, uma não está a

				acompanhar e a outra começa ali a explicar (...) se a criança está a explicar corretamente, é porque ela já o percebeu, está adquirido e não é preciso estar ali uma ficha, não é. (...) Hum... há muitas formas de avaliar... a ficha é uma delas. Normalmente nós na escola recorremos sempre à ficha de avaliação escrita, mas pode ser de várias formas que tu avalias a atividade que tiveste a fazer mas, quanto a mim, durante a atividade, nós ficamos com a perceção se eles perceberam ou não, por causa da observação e depois, lá está, terá que ser mais tarde (...) Se ele sabe explicar, porque é que é preciso ir fazer uma ficha (...).” <b>(P.3)</b>
		Fichas	1	
		Observação direta	1	
	Estratégias de Avaliação das Atividades	Oralmente	2	“Podem ser logo oralmente, (...)” <b>(P.1)</b> “Às vezes depende da atividade, mas podemos usar um simples diálogo (...)” <b>(P.2)</b>
		Reforços positivos	1	“(...) os reforços positivos não é, que nós tanto ouvimos e que efetivamente dá resultado, os reforços positivos. Na... em... algumas vezes em estratégias muito simples como as medalhas, conseguiu atingir o objetivo, hum... os “premiozinhos” fáceis de se fazer ou de se entregar e depois são as avaliações escritas, as grelhas.” <b>(P.1)</b>
		Medalhas/prémios	1	
		Avaliações escritas	1	
		Grelhas de avaliação	1	
		Questionar	1	

		Realizar filmes	1	“(...) então eles podem fazer um filme, dizem o que aprenderam da forma que eles quiserem, podem utilizar a expressão plástica para o fazer, para apresentar (...).” <b>(P.3)</b>
		Dar oportunidade à criança de escolher como deve apresentar as suas aprendizagens adquiridas	1	
Bloco 4- Realização das Atividades Lúdicas	Frequência de Realização	Raramente	1	“Infelizmente muito raramente, porque os nossos horários estão sobrecarregados e os programas são tão extensos que infelizmente nós temos pouco tempo para inserir as atividades lúdicas no nosso dia-a-dia, apesar de achar que elas são essenciais, porque quando nós as utilizamos verificamos que há maior interesse, que há maior participação e efetivamente a aprendizagem é melhor. Mas com o tempo que demora, com o comportamento deles que é mais alterado, se nós usássemos muitas vezes essas ditas atividades lúdicas efetivamente não conseguíamos cumprir o programa e infelizmente é o que temos de ter em mente.” <b>(P.1)</b>
		Não tanto quanto desejável	1	“É assim, não tanto quanto o desejável, porque por exemplo para o 1.º e 2.º ano, os conteúdos são muitos. Na matemática, no português, os conteúdos sérios digamos assim, portanto se nós às vezes acabamos, não é perder tempo, mas é muito difícil numa hora e meia, como nós temos agora os nossos horários, conseguir uma atividade lúdica, um jogo, portanto depende da atividade, mas às vezes é difícil inserir tanto quanto desejável.” <b>(P.2)</b>
		Prática muito presente	1	“Com que frequência... não sei, eu acho que isso é uma prática muito presente na minha

				ação educativa, é mais assim, porque eu tento sempre fazer alguma coisa (...). Portanto, eu não te sei dizer ao certo, mas a ideia que eu tenho é que, pelo menos, uma a duas vezes por dia, à alguma coisa que se ligue com, que se liga com o lúdico.” <b>(P.3)</b>
		Uma a duas vezes por dia	1	
	Vantagens da Implementação	Muito Vantajoso	3	<p>“É muito vantajoso!” <b>(P.1)</b></p> <p>“Claro que sim! É sempre vantajoso, porque eles para o jogo estão sempre dispostos, são crianças. Portanto, à partida depois cabe-nos a nós ter a inteligência suficiente para dar a volta ali à situação e canalizar o jogo para aquilo que nós pretendemos.” <b>(P.2)</b></p> <p>“Com certeza, sem dúvida! Só fazendo com que as coisas se tornem se tornem significativas para eles, é que eles conseguem aprender, não é. Portanto, se consegue captar o gosto, se eles se envolvem na atividade, então eles estão a aprender de certeza! (...) aqui, eu consigo ver melhor o resultado, porque também passo um dia inteiro com eles, não é, na escola passo menos tempo também. Portanto, consigo-os observar também nos momentos de intervalo, como acompanho o almoço e o lanche, mas também consigo acompanhar nessa altura e, portanto, tu consegues ter a perceção se realmente as coisas estão a resultar ou não. Porque num momento de almoço, que é um momento descontraído, eles chamam o tema que tivemos a trabalhar na sala e passamos a hora do almoço a falar sobre aquele tema. É</p>

				assim, de certeza que está a resultar, não é!” <b>(P.3)</b>
--	--	--	--	--

Anexo XXVIII – Análise do Conteúdo das Entrevistas das Crianças

Tabela 6- Categorias, subcategorias e respostas emergentes às crianças que frequentam o 4.º ano de escolaridade

Bloco Temático	Categoria	Subcategoria	N	Respostas
Bloco I – Conceções das crianças acerca do que facilita a aprendizagem	Método de aprendizagem preferencial	Aulas Teóricas/Expositivas	3	“Hum... tipo... eu gosto sempre de aprender matérias novas e tipo trabalhar com explicações.” (A. 5) “Hum... quando estou nas aulas a ouvir a professora, eu gosto mais de aprender assim quando ouve a professora.” (A.7) “A professora a explicar e a falar.” (A. 1)
		Ler	1	“Não sei...a ler.” (A. 2)
		Estudar	1	“Eu gosto mais de aprender a estudar.” (A. 3)
		Aprender com felicidade	1	“Eu gosto mais de aprender com felicidade.” (A. 4)
		Novos conteúdos	1	“Hum... tipo... eu gosto sempre de aprender matérias novas (...)” (A.5)
		Passo-a-passo	1	“Explicando passo-a-passo.” (A. 6)
		“Divertidamente”	1	“Divertidamente!” (A. 8)
		Matemática	2	“Matemática.” (A. 1) “Em matemática (...)” (A. 3)
	Livros		1	“Nos livros.” (A. 2)

Tipo de atividades para aprender novos conteúdos	Estudo do Meio		“Em matemática e Estudo do Meio.” (A. 3)
	Manual Escolar	2	A. 6: “Mais com o manual.” A. 4: “No manual.”
	Aulas Teóricas/Expositivas	2	“Hum... tipo primeiro com explicações (...)” (A. 5) “(...) com a professora a falar.” (A. 7)
	Exercícios	1	“Hum... tipo primeiro com explicações e exercícios (...)” (A. 5)
	Jogos	1	“Hum... tipo primeiro com explicações e exercícios e provavelmente com um jogo ou assim.” (A. 5)
	Aulas Práticas	1	“Mais práticas e com a professora a falar.” (A. 7)
	Através da Natureza	1	“Através da natureza.” (A. 8)
Aprender novos conteúdos através de materiais	Diferentes Materiais	5	“Sim, é mais fácil com materiais do que estar com o lápis e isso.” (A. 1) “Sim!” (A. 5) “Sim! Gostei mais assim com as balanças a pesar os pesos.” (A. 6) “Sim! Porque é uma maneira nova de aprender, de aprendermos a estudar e a compreendermos as matérias e pode ser mais fácil.” (A. 7) “Sim! É melhor assim!” (A. 8)
	Desenhos	1	“Desenhos (...) e também através de jogos” (A. 2)

		Jogos	1 “(...) e também através de jogos” (A. 2)
		Atividades Experimentais	2 “Sim (...) ah... se o papel flutua (...) sim e também pode ser outra experiência como ver se os materiais flutuam ou não flutuam” (A. 3) “Sim (...) fazer experiências e mais nenhuma...” (A. 4)